

A IMPORTÂNCIA DO LAZER CRIATIVO
DENTRO DA PERSPECTIVA DOS NOVOS
MERCADOS DE TRABALHO

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-graduação em
Engenharia de Produção

A IMPORTÂNCIA DO LAZER CRIATIVO
DENTRO DA PERSPECTIVA DOS NOVOS
MERCADOS DE TRABALHO

Adriana Maria Wan Stadnik

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em
Engenharia de Produção

Adriana Maria Wan Stadnik

**A IMPORTÂNCIA DO LAZER CRIATIVO
DENTRO DA PERSPECTIVA DOS NOVOS
MERCADOS DE TRABALHO**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do título de **Mestre em Engenharia de Produção** no **Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção** da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 8 de julho de 2001.

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D.
Coordenador do Curso

BANCA EXAMINADORA

Prof. Glaycon Michels, Dr.
Orientador

Prof. Leila do Amaral Gontijo, Dr.

Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.

Para minha mãe Therezinha;

Para meu companheiro Marcelo;

A essas pessoas tão importantes na minha vida.....
meu respeito, minha gratidão, meu eterno amor;

A Deus elevo meu pensamento, pedindo Sua
benção e dedicando a Ele, especialmente, meu
trabalho e minha vida.

Agradecimentos

À UFSC e ao CEFET-PR, pela oportunidade;

Agradeço ao professor Glaycon Michels, que tornou possível a realização deste trabalho através de seu apoio e orientação;

Aos monitores Flávia e Maurício, pela atenção;

Agradeço, especialmente, à Dagmar Simek, pelo incentivo, paciência e contribuições dadas ao trabalho;

Aos alunos-amigos: Adriane, Elisandra, Luciana, Daniel e Guilherme, que ofereceram seu carinho, compreensão e ajuda, durante todo o processo de elaboração e realização deste trabalho;

Aos professores do DAMAT: Janaína, Emersom e George, pelo empréstimo das turmas e pela ajuda oferecida no preenchimento dos questionários;

Às queridas tias: Áurea, Helena, Hilda e Sueli, exemplos de vida que acabaram por me incentivar;

Aos meus queridos irmãos, Mário e Bebel, sempre companheiros;

Agradeço à minha professora de inglês, Taryana, pelo seu empenho em me ensinar e pelas correções realizadas no trabalho;

Ao DAEFI, nas pessoas de Estanislau e Gumercindo, pelo indispensável apoio.

Sumário

Lista de Figuras	vii
Lista de Tabelas	viii
Definição de Termos	ix
Resumo	x
Abstract	xi
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 O Problema	1
1.2 Objetivos	11
1.2.1 Objetivo geral	11
1.2.2 Objetivos específicos	11
1.3 Questões a Investigar	11
1.4 Justificativa e Relevância do Estudo	12
1.5 Delimitações do Estudo	15
1.6 Organização do Trabalho	16
1.6.1 Descrição dos capítulos	16
2 REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 O Lúdico e Suas Categorias	19
2.1.1 Paidia e Ludus ou turbulência e regra	23
2.1.2 Do lúdico para o lazer	27
2.2 Um Pouco de História	30
2.3 Lazer, Nem Sempre um Prazer!	53
2.4 Lazer e Criatividade (O Lazer no Desenvolvimento da Criatividade)	63
2.4.1 Grupos criativos e pessoas criativas	66
2.5 A Ecologia do Lazer	74
2.6 Educação pelo Lazer ou Educação para o Lazer: Uma “Mistura Saudável”	88
2.6.1 Tipos de educação	99
2.7 Os Novos Mercados de Trabalho	100
2.7.1 Turismo	105
2.7.2 Teletrabalho	107
2.7.3 Lazer	112
2.8 Trabalho e Lazer	114
2.8.1 O consumo transformado em produção	124
3 METODOLOGIA	126
3.1 Tipo de Pesquisa	126
3.2 População e Amostra	126
3.3 Instrumento de Coletas de Dados	127

3.4 Coleta de Dados	127
3.4.1 Primeira fase de coleta de dados	128
3.4.2 Segunda fase de coleta de dados	128
4 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS	130
4.1 Tabulação	130
4.2 Análise dos Dados	130
4.2.1 Quanto à pesquisa escolar/Stadnik geral	130
4.2.2 Quanto às diferenças entre os sexos	134
4.2.3 Quanto às diferenças entre os cursos	139
4.2.4 Quanto às diferenças entre o grau de escolaridade dos pais	145
4.2.5 Quanto à comparação entre o trabalho de Dumazedier e esta pesquisa escolar	151
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	156
6 FONTES BIBLIOGRÁFICAS	163
7 ANEXOS	167
7.1 Estatísticas	167
7.2 Espelhos do Diário de Classe/ Eng. de Prod. Civil	171
7.3 Espelhos do Diário de Classe/ Eng.Ind. Mecânica	174
7.4 Espelhos do Diário de Classe/ Eng. Ind. Elétrica – Ênfase Eletrotécnica	177
7.5 Espelhos do Diário de Classe/ Eng. Ind. Elétrica – Ênfase Eletrônica	180
7.6 Horários	183
7.7 Solicitação de Autorização	188
7.8 Questionário	190

Lista de Figuras

Figura 1: Divisão dos jogos	27
Figura 2: Necessidades humanas	68
Figura 3: Esforço dispendido	68
Figura 4: Tempos sociais	79
Figura 5: Pesquisa escolar	92
Figura 6: Variações de idade e sociais	94
Figura 7: Gráfico sexo/geral	134
Figura 8: Gráfico mulheres/curso	135
Figura 9: Gráfico homens/curso	135
Figura 10: Gráfico cursos/geral	139
Figura 11: Gráfico escolaridade dos pais/geral	145
Figura 12: Gráfico escolaridade dos pais - 1º grau /curso	146
Figura 13: Gráfico escolaridade dos pais - 2º grau/curso	146
Figura 14: Gráfico escolaridade dos pais - 3º grau/curso	147

Lista de Tabelas

Tabela 1: Pesquisa escolar geral	133
Tabela 2: Pesquisa escolar sexo	138
Tabela 3: Pesquisa escolar curso de Engenharia de Produção Civil	140
Tabela 4: Pesquisa escolar curso de Engenharia Industrial Mecânica	140
Tabela 5: Pesquisa escolar curso de Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrotécnica	141
Tabela 6: Pesquisa escolar curso de Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrônica	141
Tabela 7: Pesquisa escolar cursos/geral	144
Tabela 8: Pesquisa escolar escolaridade dos pais/ 1º grau	148
Tabela 9: Pesquisa escolar escolaridade dos pais/ 2º grau	148
Tabela 10: Pesquisa escolar escolaridade dos pais/ 3º grau	149
Tabela 11: Pesquisa escolar escolaridade dos pais cursos/ geral	150
Tabela 12: Apresentação pesquisa escolar/Dumazedier	152
Tabela 13: Apresentação pesquisa escolar/Stadnik	152

Definição de Termos

Durante toda a leitura desse trabalho, notar-se-á a utilização freqüente de três palavras, que tem significados bastantes diferentes, ao menos para alguns dos autores pesquisados, mas que, ao mesmo tempo, parecem ser uma só coisa para outros autores. Para facilitar a compreensão desse estudo, a autora preferiu definir esses três termos. São eles: **tempo livre**, **lazer** e **ócio**. Vamos à definição desses termos abaixo:

Tempo Livre: é todo tempo que sobra depois de cumpridas as tarefas do tempo de trabalho, sejam essas tarefas de trabalho escolar ou não.

Lazer: são as atividades desenvolvidas dentro do tempo livre. É importante saber que o tempo de lazer é pago pelo tempo de trabalho, ou seja, lazer pressupõe trabalho.

Ócio: se o tempo de lazer é pago pelo tempo de trabalho, aquele que não trabalha não tem tempo de lazer, tem ócio.

Obviamente, não são todos os autores que parecem concordar com essa definição de termos, portanto, utilizou-se estes termos, durante a confecção do trabalho na forma em que eles foram encontrados nas diversas bibliografias consultadas. No caso específico de Joffre Dumazedier e Luiz Octávio de Lima Camargo, essa definição de termos parece correta, mas no caso de Domenico de Masi, por exemplo, não, pois ele (Masi) utiliza-se, muito freqüentemente, da palavra ócio, sem preocupar-se com essa definição clara de termos, ele utiliza ócio significando lazer e/ou tempo livre.

Em função dessa não uniformidade de idéias na definição desses três termos, que são fundamentais para o desenvolvimento dessa dissertação, os termos vão sendo utilizados da mesma forma que foram encontrados em cada um dos livros consultados e, foram utilizados da forma como definidos aqui, apenas nas áreas onde há uma idéia clara da autora desse trabalho ou quando o autor citado pareceu concordar com essa definição clara de termos.

Resumo

STADNIK, Adriana Maria Wan. **A importância do lazer criativo dentro da perspectiva dos novos mercados de trabalho**. 2001. 191f.

Dissertação de (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

O ser humano passou setenta milhões de anos sem indústria, mas a era industrial durou pouco mais de um século e já iniciou-se uma nova era: a era pós-industrial, onde a capacidade criativa do homem é muito valorizada. Profissões que exigem esforços repetitivos ou níveis de decisões que possam ser “imitados” por computadores estão desaparecendo. O futuro pertence às pessoas criativas, às aquelas capazes de combinar atividades, onde o trabalho, o estudo e o lazer se confundem e se completam; às aquelas que conseguem manejar o bem mais precioso da nova economia, que é a informação. A sociedade industrial, além de privilegiar o racional, em detrimento do emocional, também privilegiou a quantidade em relação à qualidade e o coletivo em relação ao subjetivo. O modo de produção industrial foi determinante para essa profunda diferença entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer. Já, na sociedade pós-industrial, essas diferenças ficam bem diluídas; o trabalho se confunde com o lazer. A tecnologia contribuiu muito para que isso acontecesse. Mas, saber desfrutar do tempo livre é uma arte onde poucos são os artistas. Existe a necessidade de um equilíbrio entre os tempos sociais: o tempo de trabalho e o tempo livre, que é onde o lazer, principalmente o lazer criativo, se desenvolve. Para demonstrar, na prática, essa ideia, realizou-se uma pesquisa de campo, com 146 alunos, do 1º período, dos três cursos superiores de engenharia do CEFET-PR, baseando-se e comparando-se com uma pesquisa de campo francesa, do autor Joffre Dumazedier (1994, pgs. 81 a 94), com alunos de 5ª e 2ª séries (equivalente ao modelo brasileiro de ensino à 6ª série do 1º grau e à 1ª série do 2º grau). A pesquisa foi um questionário onde foram propostos 14 objetivos educativos e os alunos puderam escolher por qual das vias (a via escolar ou a via extra-escolar) esses objetivos melhor e/ou mais facilmente alcançados. A ideia central da pesquisa de campo era comprovar que o tempo livre é uma fonte, muitas vezes desconhecida, de aprendizagem e que há um certo equilíbrio entre a aprendizagem através do trabalho escolar e a autoformação do tempo livre. Também pode-se comparar se a prática do trabalho escolar cria um hábito crescente, como esperam os professores, ou acontece exatamente o contrário e, se as diferenças de sexo, de idade, de curso e do grau de escolaridade dos pais influencia, de alguma forma, nessas escolhas. Acabou-se por descobrir que existe sim um certo equilíbrio entre as atividades propostas pela escola e as atividades do tempo livre e que as diferenças culturais entre países como o Brasil e a França ficam evidentes nas respostas dos alunos pesquisados. A sociedade pós-industrial privilegia a produção de ideias, exigindo uma mente inquieta. Essa foi a preocupação central deste estudo.

Abstract

STADNIK, Adriana Maria Wan. **A importância do lazer criativo dentro da perspectiva dos novos mercados de trabalho.** 2001. 191f.

Dissertação de (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

Humanity has passed the last seventy million of years without industries, however the industrial age remained for a little more than a century and a new age has begun: the postindustrial age, where man's capability to create has great value. Professions that require repetitive work or decisions at a level that can be imitated by computers are disappearing. The future belongs to creative people, who are able to combine activities, where work, study and recreation become intermixed and complete one another. It belongs to people who will manage the most precious thing of the new economy: information. The industrial society gives more privileges to reason than emotion, quantity instead of quality, and the collective instead of the subjective. The form of industrial production was determinist in establishing this deep difference between work time and leisure time. In the case of the postindustrial society these differences are so diluted that work is mixed with leisure. Technology contributed to this. But, to know how to use leisure time is an art where few people are artists. There is a necessity to balance the social times: work time and leisure time, which is where creative leisure can be developed. To show, in practice, this idea, a research was conducted with 146 students from the first semester of three Engineering courses from CEFET-PR, which was based on and compared with a French research, by Joffre Dumazedier (1994, pages 81 to 94) involving students from the fifth and second grades (the sixth grade of primary school, and the first grade of secondary school in the Brazilian educational system). The research was a questionnaire where fourteen educational goals were showed and students could choose which of two options (schoolastic or extra-schoolastic activities) made easier the reaching of those educational goals. The research's central idea was prove that leisure time is-as is generally unknown- a fountain of learning and that there is a certain balance between learning gained through schoolwork and learning gained in one's free time. It was also done to determine whether schools help create positive learning habits, as teachers hope, or whether just the opposite happens, whether differences of sex, age, course and parental educational levels influence, somehow, these choices. It was discovered that there really is a balance between school activities and free time activities, and that cultural differences in countries like Brazil and France are very evident in the answers of the students. The postindustrial society gives privileges to the production of ideas, demanding a restless mind. This was the central concern of this research.

1 INTRODUÇÃO

1.1 O Problema

Hoje, tudo muda muito rapidamente. A era da agricultura durou muitos séculos, a industrial pouco mais de um século, a da informática está aí, há poucas décadas, mudando a toda hora e, já iniciou-se a nova era: a era da criatividade. E daí?

O ser humano, a partir de agora passa a ser mais valorizado pelo seu talento criativo. A informática, por exemplo, pode disponibilizar todas, ou quase todas, as informações possíveis, mas sem o talento criativo ela perde a sua utilidade pois, cabe ao ser humano interpretar as informações e criar soluções inovadoras para resolver os problemas. Além disso, cabe também ao ser humano a capacidade de detectar as oportunidades antecipadamente. “O mais importante é a indústria de fabricação de cérebros capazes de ler”.(Lévy,1999,p.27). Nas empresas, quem fizer as coisas sempre da mesma maneira corre o risco de ser passado para trás por concorrentes mais criativos.

O indivíduo nasce com o seu potencial criativo e começa desde cedo a ser bloqueado pela sociedade. O sistema educacional treina as pessoas para achar a resposta correta, não estimulando a produção de novas idéias, de alternativas, ou seja, a geração de idéias. Os problemas não são como quebra-cabeças onde só existe uma solução correta. Na vida, na carreira, nos negócios não é bem assim. Quanto maior for o número de alternativas, tanto melhor, maior será a chance de obter bons resultados. “A maioria das pessoas adquire a maior parte dos seus conhecimentos fora da escola”(Illich, 1926, p. 33). Isto acontece quase todos os dias e fica fácil perceber fatos como estes

através de exemplos: quando uma pessoa aprende bem uma outra língua, normalmente é porque essa pessoa teve uma oportunidade que foi bem diferente da escola, ou seja, aprendeu em função de alguma circunstância especial (não foi exatamente uma aprendizagem curricular, seqüencial, aprendizagem de banco escolar), aprendeu porque passou um tempo com um parente que mora fora, realizou um intercâmbio, viajou em férias, enamorou-se de um estrangeiro, etc..., dificilmente isso ocorre numa aprendizagem seqüencial, dificilmente isso ocorre na escola. A fluência na leitura, também, quase sempre é o resultado de atividades extra-curriculares, assim como o gosto pelas artes, relegadas nas escolas a atividades de segundo plano.

Sabe-se que grande parte das funções executivas e gerenciais exercidas nas empresas poderão simplesmente deixar de existir. A chamada “nova economia” já é realidade, “estima-se que pelo menos 80% dos empreendimentos do e-business, e-commerce e e-transformation (isso é novo para você?) não vão resistir sequer cinco anos”....., “no campo das relações de trabalho, o mundo deve presenciar nos próximos quatro anos transformações comparáveis às das últimas três décadas” (Zanuzzi, 2000, p. 31)

Temos um novo mercado de trabalho onde o conhecimento não é tudo, há a necessidade de ter outras capacidades, como a intuição e a tomada rápida de decisões.

Logicamente a competência técnica tem sua importância e valorização, mas já é considerada como algo mais adquirível. Os cursos são apenas o início de uma caminhada em busca de conhecimentos e informação. A atualização tem que ser contante. “A universidade precisa ser encarada como um lugar

para se aprender metodologia e pesquisa”, escreve Dulce Magalhães, colunista da revista Amanhã (*apud* Zanuzzi, 2000, p. 40).

Profissões que exigem esforços repetitivos ou níveis de decisões que possam ser “imitados” por computadores estão desaparecendo. O “negócio” é sair do “conforto” e aprender a manejar o bem mais precioso da nova economia que é a informação.

Já é possível delegar às máquinas quase todo o trabalho chato, repetitivo e/ou perigoso. Isso significa que esse tipo de trabalho pode diminuir, devendo sobrar então mais tempo livre. E, por que não utilizá-lo para um lazer criativo?

“É preciso lutar pelo ócio criativo. O trabalho entediante, cansativo, podemos deixá-lo às máquinas” (De Masi, 1999, p.31)

É no tempo livre que passa-se a maior parte dos dias e é nele que deveria-se concentrar as potencialidades humanas, desenvolvendo a arte, a criatividade e a liberdade; privilegiando a satisfação das necessidades de amor, amizade, reflexão, ludicidade e sociabilidade.

Mas, por que esse tempo livre deve ser criativo? Segundo De Masi (2000b, p.11) “sem criatividade o ócio pode transformar-se em violência, neurose, vício e preguiça”.

O futuro pertence a pessoas criativas, àquelas capazes de “mixar” atividades, onde o trabalho, o estudo e o lazer se confundem e se complementam.

“Após a onda milenária da era rural, após a onda bem mais breve do maquinismo industrial, mil novos sintomas anunciavam o advento de uma terceira onda, de uma era pós-industrial capaz de exaltar a dimensão criativa das atividades humanas, privilegiando mais a cultura do que a estrutura; aquela cultura que pouco a pouco se tornou uma

coisa só com a nossa natureza e que nos solicita a conquistá-la, explorando-lhe as zonas de sombra residuais e crescentes” (De Masi, 1999, p.13).

Atualmente sabe-se como produzir os bens materiais, mas não as idéias, a criatividade é, ainda, um grande mistério. Alguns neurologistas, biólogos e psicólogos conseguiram definir algumas coisas sobre o processo de idealização individual e agora pesquisa-se os grupos criativos. Pouco sabe-se a respeito.

Os grupos criativos são o grande desafio da sociedade pós-industrial. Tratando-se de trabalhos criativos não existe conhecimentos consolidados sobre a estrutura e o funcionamento do grupo que melhor pode realizá-lo. Tem-se apenas algumas características que parecem ter relação com esse tipo de grupo como: convivência pacífica, na mesma equipe, de pessoas com personalidades absolutamente diferentes, gente organizada e unida pela motivação. Também, a capacidade de trabalhar em grupo, afinidade cultural e a forte complementaridade de todos os membros, além da habilidade de concentrar as energias num objetivo comum e, sem dúvida, solidariedade.

Lugares com excessivo controle destroem a motivação e a motivação é o reino da criatividade. A criatividade nasce do tempo livre. Administrar o próprio tempo é fundamental. Para ter-se idéias é preciso introspecção. “As pessoas precisam definir a sua própria velocidade: uma super velocidade pode te fazer perder muito da paisagem, além do fato de que o risco é maior”, teoriza Dulce Magalhães (*apud* Zanuzzi, 2000, p.42).

Em uma recente entrevista à revista Exame, o italiano Domenico De Masi (1999, p.62) comenta o seguinte: “constatei que todos os grandes criativos têm muito tempo para si. Conheci muito bem Fellini e muitos outros diretores de

cinema. Eles circulam, conversam com gente de todos os níveis, tomam ônibus, metrô. Isso nutre sua criatividade”.....e, mais adiante (1999, p.62) “você não é o que faz no trabalho, mas o que faz fora dele. É nas horas de ócio que alguém pode se tornar muito culto ou muito ignorante. Drogar-se ou viver para a religião”

Existe três condições que são indispensáveis à criatividade, são elas: sensibilidade, estética e subjetividade. Características das quais a sociedade industrial foi se afastando durante os últimos dois séculos. Valores apreciados na sociedade industrial (padronização, eficiência, produtividade, etc...) são diferentes e, por vezes, até mesmo opostos aos valores cada vez mais apreciados na sociedade pós-industrial (criatividade, subjetividade, emotividade, qualidade de vida, etc...).

Por isso tudo, acredita-se que hoje em dia, já existe a preocupação com o lazer dos empregados em muitas empresas. Praticamente todas as empresas com mais de cinquenta empregados fazem algum tipo de investimento em atividades de lazer e, o que percebe-se, é que os setores de desenvolvimento de recursos humanos não estão tendo outra alternativa que não a de assumir a parcela de responsabilidade que lhes cabe sobre o tempo livre dos empregados. Modernamente falando, faz parte da responsabilidade social das empresas.

O lazer nas empresas é um dos principais indicadores do ajuste ao neo-capitalismo ou capitalismo humanizado; aquele que está se sensibilizando às aspirações de seus empregados e ao meio-ambiente (comunidade).

Sabe-se que para a grande maioria dos trabalhadores o chamado “trabalho criativo”, que beneficia apenas uma pequena parcela de profissionais, que poderão se dar ao “luxo” de trabalhar em casa, usando seu computador e

outros tantos “aparatos” eletrônicos, não corresponde à realidade, principalmente nos países do terceiro mundo, como o Brasil, onde ainda tem-se muita mão-de-obra nos setores primários e secundários da economia. Já o “lazer criativo”, esse está mais integrado à realidade de qualquer indivíduo, mas existe a necessidade de oportunizá-lo e esse deve ser um compromisso da escola, do governo e também das empresas. É um compromisso social. Mas, há algo de novo no ar, vivemos um momento de luta dos assalariados pela redução da jornada de trabalho, buscando tornar o tempo de lazer maior que o tempo de trabalho.

Segundo Camargo (1997, p.71):

“as empresas devem ter consciência de que, diante da impossibilidade de humanização imediata do trabalho de todos, cabe-lhes a obrigação de contribuir ao menos para que o tempo de lazer já prejudicado pelo esforço despendido no trabalho prévio seja ao menos vivido de forma mais digna e rica.

Este é o conceito, nem filantrópico nem paternalista, mas realista, de preocupação com resultados, do que chamo de responsabilidade social da empresa moderna em face ao lazer dos empregados”.

As atividades de lazer são consideradas instrumentos baratos, rápidos e eficientes para a promoção da integração entre os empregados.

Promover o lazer na empresa é também uma forma de resgatar o sonho de muitos empregados que, por exemplo, gostariam de ser pintores, cantores, atores, jogadores, e tantas outras profissões. Enfim, é o resgate de algumas identidades perdidas em nome da sobrevivência, visto que a sociedade está longe de poder sobreviver remunerando todos os candidatos a artistas e jogadores.

A política de lazer proporciona uma aproximação entre a cultura profissional, vivida na empresa, e a cultura vivida no mundo exterior. Uma vez, que tem sido inevitável, para uma grande parcela de trabalhadores, que o trabalho ocupe uma parcela muito significativa de suas vidas, ao menos a empresa tem a possibilidade de criar condições mais favoráveis à ocupação do tempo livre.

Para Bramante (1991,p.6), o lazer é uma combinação de três variáveis: “a possibilidade de ampliação do chamado “tempo livre”, a oportunidade de acesso a uma gama de atividade denominadas recreativas, e a sensação de um estado de espírito quase inexplicável de prazer e realização pessoal”.

Percebe-se então, a partir desse comentário, algumas das dificuldades encontradas pelas empresas em realizar práticas de lazer, pois essas práticas não dependem apenas de edificações adequadas, mas, também, de planejamento e um programa de animação, que inclui recursos materiais e humanos (mesmo que voluntários, o que é bastante útil e interessante).

Repensar a idéia de lazer como uma recreação inútil, utilitária, alienada e alienante, que é usada para “mascarar fatos” e dar um pouco de “alegria” ao trabalhador é muito importante. Faz parte da responsabilidade social das empresas contribuir para a formação de indivíduos mais conscientes de suas reais possibilidades e de sua capacidade de imprimir mudanças em seu meio.

Além disso, o número de empresas que pagam seus funcionários segundo planos de performance individuais, saltou de 17% em 1996 para mais de 40% em 2000, segundo estudos da Hewitt Associates, divulgados no jornal USA Today (5 de setembro de 2000). As regras mudaram: antes os funcionários ganhavam mais de acordo com a sua formação educacional, experiência ou tempo de trabalho. Todos sabiam seu lugar na hierarquia

financeira. Agora, “não há mais fórmula”, disse Vivian Golub, uma consultora empresarial de San Jose, Califórnia. “Não depende mais da sua formação ou dos diplomas que você possui” (Armour, 2000, p.12). Os empregadores estão adotando novos planos de pagamento, baseados na qualidade da execução de suas funções. Não depende mais apenas do cargo que se ocupa, mas, em geral, da forma como se desenvolve o trabalho.

Por outro lado, “uma das revoluções mais notáveis é a dos executivos, que hoje majoritariamente pedem tempo livre, mais que o aumento de remuneração, principalmente as mulheres” (Aubry, 2000, p.28)

As leis também estão mudando, a palavra de ordem é a flexibilidade. As regras vão determinar apenas o mínimo, os benefícios serão o prêmio para os diferentes níveis de produtividade. A capacidade de negociação do indivíduo também será importante determinante de seu próprio nível salarial. Cada indivíduo precisará estar atento ao seu valor no mercado de trabalho, podendo assim negociar; sua habilidade será indispensável neste momento. É preciso estar atento.

Mudaram também as profissões: *“a cada dia surgem novos cargos na internet. A maioria deles não exige formação nas áreas de tecnologia e sim pessoas capazes de gerenciar negócios, produzir conteúdos e aprender rapidamente a lidar com novas tecnologias”* (Bruns,2000, p. 31).

Todas essas mudanças e suas conseqüências, descritas acima, fazem parte, principalmente, do campo econômico e tem sido denominadas de nova economia. E no campo social? Quais são as conseqüências dessas mudanças? Certamente no aumento da desigualdade social, cada vez mais aparente.

“O mercado mundial de trabalho está se dividindo, cada vez mais, em três: os países pós-industriais, que produzem sobretudo idéias, informações, serviços, estética e símbolos; os países industrializados, que produzem bens materiais; e os países pré-industriais, que estão condenados ao simples consumo de produtos provenientes do exterior” (De Masi, 2000a, p. 44).

Os primeiros operam principalmente com o cérebro, é um trabalho, preferencialmente, intelectual. Isso dá uma maior oportunidade para o desenvolvimento de uma vida com mais qualidade e, conseqüentemente, o desenvolvimento de um tempo de lazer criativo. Para De Masi (2000a, p. 46), “basta antepor as necessidades radicais (introspecção, amizade, amor, jogo, conveniência) às necessidades alienadas (dinheiro, poder, posse)”.

Mas, essas conseqüências são resumidas numa enorme divergência da condição do ser humano, muitas pessoas serão cultas e bem informadas, poderão gozar das “boas novas”de um mundo tecnológico, com mais tempo livre, mas, por outro lado, muitos mais serão os marginalizados, lutando por um mundo melhor.

Como já foi comentado antes, hoje já é possível delegar às máquinas grande parte do trabalho do homem, diminuindo-o cada vez mais. Só que precisaria-se redistribuir o trabalho entre os cidadãos para que todos tenham trabalho e lazer e não apenas tempo livre, sem ter a possibilidade de fazer dele algo realmente proveitoso e criativo.

Ainda, segundo De Masi (2000a, p.81), *“necessita-se de um novo pacto social que permita redistribuir o trabalho, a riqueza, o saber e o poder. Se assim não acontecer, as diferenças sociais estão destinadas a aumentar e, com elas, a vivência e a infelicidade humanas”*.

A tradicional organização das fábricas está com os dias contados, as linhas de montagens começam a ser peças arqueológicas. É necessário organizar o tempo livre, as atividades artísticas e científicas, pois o patrimônio mais precioso do ser humano é o seu cérebro. Pessoas sem criatividade perdem o seu valor humano. Contrariando o “dolce far niente”, é no tempo livre que deve-se concentrar as possibilidades humanas.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

O presente trabalho tem por objetivo uma proposta de valorização do tempo livre, transformado em tempo de lazer criativo, procurando demonstrar a sua importância para um maior desenvolvimento do ser humano no seu trabalho, conseqüentemente, numa vida com mais qualidade e muito mais feliz.

1.2.2 Objetivos específicos

- ?? Estabelecer uma diferenciação entre tempo livre e tempo de lazer criativo;
- ?? Repensar a importância do trabalho e do lazer, diante das novas perspectivas de vida do ser humano;
- ?? Analisar as necessidades dos novos mercados de trabalho;
- ?? Realizar uma pesquisa comparativa sobre as atividades desenvolvidas por via extra-escolar e as atividades desenvolvidas por via escolar.

1.3 Questões a Investigar

?? Por que o lazer deve ser criativo?

?? Quais são as necessidades dos novos mercados de trabalho?

?? Quais são esses novos mercados?

?? Pode o lazer contribuir para o aumento de qualidade de vida do ser humano? E o trabalho?

1.4 Justificativa e Relevância do Estudo

Em virtude do tempo disponível, o que se pretende nesta dissertação é aprofundar a hipótese de que o lazer criativo é de elevada importância no desenvolvimento do ser humano, facilitando sua participação no mercado de trabalho e também a sua vida social. O trabalho não pretende ser exaustivo e nem conclusivo. O que se busca é caminhar em direção a compreensão dos processos que se desenvolvem no tempo livre e que podem contribuir para a formação e o desenvolvimento da criatividade, buscando as informações nos estudos de autores e pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Atualmente, trabalho, estudo e lazer se coincidem, se completam e se confundem, principalmente nas atividades criativas. Bem, se o trabalho exaustivo, repetitivo, com atividades e ações que podem ser “imitadas” pode ser delegado às máquinas, o que nos sobra então? Certamente todo e qualquer trabalho criativo. Aquele que apenas o ser humano pode realizar. Acontece que o trabalho do tipo criativo foge ao controle do tempo e do espaço.

Não basta estar longe da empresa para esquecer o trabalho e, ao mesmo tempo, não basta estar na empresa para estar trabalhando. É perfeitamente possível estar na empresa e, ao invés de trabalhar, a cabeça ficar vagando, sem se aplicar ao trabalho. Nas organizações criativas, o absterceísmo não é um fato físico, que pode ser punido, cobrado, enumerado. Não pode ser combatido pelo controle disciplinar. O mesmo acontece na escola, onde nenhuma reforma no ensino conseguiu suscitar um maciço entusiasmo pela educação, seja ela individual ou coletiva. Apenas o lazer e a motivação podem diminuir este quadro que se apresenta.

O lazer começa a aparecer como fator central da economia moderna: o mercado pós-industrial consome idéias e pede uma capacidade criativa interminável. A capacidade criativa pode ser incrementada pelo lazer, que permite a regeneração da mente, assim como o descanso físico permite a regeneração dos músculos.

Segundo as tendências observadas, desde a infância o lazer já demonstra ser o tempo mais longo e mais atrativo, sendo também, cada dia mais para o adulto, a mesma situação. Portanto, nada é mais importante, para a nossa sociedade pós-industrial, que preparar longamente para o desejo e a capacidade de autoformação. A escola, as empresas e os governos tem que estar atentos a essas mudanças de paradgmas.

Num momento em que a formação permanente tornou-se uma necessidade, não seria um papel relevante da escola motivar o aluno em relação à busca do conhecimento e do aprendizado? Pois, a motivação é o reino da criatividade. Acredita-se que haja a necessidade de recorrer ao tempo livre, ao tempo de lazer, para entender de que forma a criatividade e a motivação podem acontecer. A idéia não é a de suprimir trabalho escolar, por

exemplo, mas sim, buscar um equilíbrio entre essas atividades (trabalho, estudo e lazer) que, na sociedade pós-industrial, tem se coincido, completado e confundido.

Legado da sociedade industrial, continua-se a repetir que o ócio é o pai de todos os vícios, esquecendo-se de que “sem uma classe ociosa, a humanidade nunca teria saído da barbárie” (Russel *apud* De Masi, 1999, p. 306). Foi a classe ociosa que transformou o mundo no que hoje chamamos de civilização. Essa classe incentivou as artes e realizou descobertas científicas, sociais e filosóficas, escreveu os livros e idealizou a libertação dos oprimidos.

A atividade industrial desacreditou e destruiu a arte de estar ocioso e esta arte é indispensável para o trabalho intelectual.

Neste início de século as transformações sociais e econômicas parecem estar determinando o crescimento tanto do desemprego quanto do trabalho informal. A tecnologia fez muitos empregos desaparecerem, em compensação criou outros. Serviços, turismo e lazer são alguns exemplos de atividades que não param de crescer, estão na área de serviços, área que depende muito das pessoas. As projeções indicam que teremos menos pessoas empregadas e mais pessoas trabalhando sozinhas. Cresce muito o mercado informal de trabalho. Além disto, muitas pessoas trabalharão em projetos que começam e terminam. O importante é não se preocupar em ter um emprego e sim em ter um trabalho. Cada vez mais os especialistas terão que ter conhecimentos gerais, obrigando-os a uma constante atualização. “Por isso que eu digo que valem hoje não pelo que sabemos e sim pelo tanto que conseguimos aprender” (Almeida, 2000, p. 102) e, na nossa hipótese, o aprendizado e o conhecimento estão diretamente ligados ao tempo livre, tempo ocioso;

especialmente ligados ao tempo de lazer criativo, pois acreditamos que para se ter idéias é preciso tempo e introspecção.

Segundo De Masi (1999b, os. 322 e 323):

“Se a fórmula da economia industrial era P/H , isto é, o produto relativo à quantidade de tempo empregado para produzi-lo, a fórmula da produtividade pós-industrial deve ser I/O , as idéias relativas à quantidade de ócio necessária para intuí-las”.

A criatividade será a atividade central do ser humano na sociedade pós-industrial e esta é uma mudança para a qual todos devem estar preparados. Também, a preparação profissional deverá privilegiar não apenas a formação para o trabalho, mesmo que criativo, e sim deverá ser integrada à preparação para o lazer ativo, tendo em vista os desempregados e a redução da jornada de trabalho.

1.5 Delimitações do Estudo

Recrear, relaxar e desenvolver são funções do lazer aceitas universalmente. Esta pesquisa tratará da função do lazer desenvolvimento, que aqui denominaremos de lazer criativo, buscando valorizar a expressão individual do ser humano, frente às perspectivas dos novos mercados de trabalho.

Para Cavalcanti (1998, p. 87), “o lazer como ocupação do tempo livre deveria ser um espaço para o real desenvolvimento do indivíduo”.

1.6 Organização do Trabalho

1.6.1 Descrição dos capítulos

No Capítulo 1, “Introdução”, apresentam-se as razões que levaram à elaboração desse trabalho de dissertação, onde estabeleceu-se o problema, os objetivos (geral e específicos), as questões a investigar, a relevância e as delimitações do estudo.

No Capítulo 2, “Revisão de Literatura”, realizou-se uma revisão bibliográfica, composta de oito subcapítulos, que serão descritos abaixo:

Subcapítulo 2.1, “O Lúdico e Suas Categorias”, foi baseado na teoria de Johan Huizinga, onde buscou-se os conceitos de lúdico e de jogo e, baseando-se na teoria de Roger Caillois obteve-se a divisão do jogo em quatro diferentes categorias (Agôn, ou jogos de competição; Alea, ou jogos de sorte; Mimicry, ou jogos de imaginação e Ilinx, ou jogos de vertigem). Finalizando esse subcapítulo temos o conceito de lazer, por Camargo, 1996.

Subcapítulo 2.2, “Um Pouco de História ...”, nesse subcapítulo, preocupando-se em facilitar a compreensão do lazer moderno, recorreu-se a alguns fatos históricos que marcaram e continuam marcando a passagem do homem sobre a face da Terra.

Subcapítulo 2.3, “Lazer Nem Sempre Um Prazer!”, aqui a preocupação central foi “desmistificar” a idéia do lazer prazeroso, pois o tempo livre e o lazer podem ser uma fonte de vício e insatisfação e não apenas uma fonte de prazer.

Subcapítulo 2.4, “Lazer e Criatividade”, muitos teóricos acreditam que o lazer é uma poderosa arma no desenvolvimento da criatividade, portanto, este subcapítulo foi preparado para comentar o desenvolvimento da criatividade através das atividades de lazer, que ocorrem no tempo livre dos indivíduos.

Subcapítulo 2.5, “A Ecologia do Lazer”, utilizando-se da teoria de Félix Guatarri, entre outros autores, manifesta-se aqui toda indignação diante de um universo que está sendo destruído lentamente, em função de inúmeros desastres ecológicos e dos problemas de ordem social, política, econômica e pessoal. Para solução desses problemas, sugere-se uma articulação ético-política entre as três ecologias: o meio-ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana.

Subcapítulo 2.6, “Educação Para o Lazer ou Educação Pelo Lazer: Uma “Mistura Saudável” ”, como o próprio título desse subcapítulo pressupõe, ele dedica-se a estabelecer uma valorização do tempo de lazer como um tempo de desenvolvimento, tempo de educação e, ao mesmo tempo, valoriza o aprendizado escolar como uma forma de vivenciar o aumento do tempo livre prazerosamente, “ensinando” a desfrutá-lo.

Subcapítulo 2.7, “Os Novos Mercados de Trabalho”, este subcapítulo inicia-se com uma explanação, de ordem generalista, sobre trabalho, desemprego e escola e, trata, em termos de exemplo, de três novos mercados de trabalho, que estão intimamente ligados ao aumento do tempo livre: Turismo, Teletrabalho e Lazer.

Subcapítulo 2.8, “Trabalho e Lazer”, aqui tratou-se das diferenças entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer. Tratou-se também das características essenciais da sociedade pós-industrial.

No Capítulo 3, “Metodologia”, descreveu-se o tipo de pesquisa (descritivo-analítica, com técnicas mistas de trabalho: pesquisa bibliográfica, análise comparativa e o uso do questionário), a população e a amostra (alunos dos cursos superiores de engenharia do Cefet-PR), o instrumento de coleta de dados (questionário) e a forma como esses dados foram coletados.

No Capítulo 4, “Plano de Análise dos Dados”, foram tabulados todos os dados obtidos na pesquisa de campo e apresentou-se esses dados sob a forma de gráficos e tabelas, analisando-se, através de uma descrição, os resultados obtidos na pesquisa. A pesquisa, realizada por um questionário, baseou-se no estudo de Dumazedier, 1994, propondo 14 objetivos educativos, onde os alunos que respondem ao questionário, devem escolher por qual das duas vias (a via escolar ou a via extra-escolar) os objetivos educativos propostos são melhor e/ou mais facilmente alcançados.

No Capítulo 5, “Conclusão”, descreveu-se um “resumo” do resultado das análises realizadas no Capítulo 4, “Plano de Análise de Dados” e também do Capítulo 2, “Revisão de Literatura”, estabelecendo-se, não um ponto final na pesquisa, mas um caminho aberto para outros estudos, buscando esclarecer um pouco mais este vasto assunto que é o lazer.

7 ANEXOS

7.1 Estatísticas

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O Lúdico e suas Categorias

“É através das práticas do tempo livre, das crianças e dos adolescentes que poderemos compreender seu modo de inserção social, suas dificuldades, seus desejos, suas aspirações ou suas confusões” (Dumazedier, 1994, p. 76).

Baseando-se na teoria do escritor holandês Johan Huizinga a respeito da espécie humana é que usaremos a denominação homo ludens (homem lúdico). Depois de homo sapiens (século XVIII), que com o passar do tempo, afinal de contas compreendemos que não somos tão racionais como supunha-se no culto à razão e, mais tarde, homo faber para a sociedade industrial (a era do culto ao trabalho); talvez homo ludens venha a ser a melhor definição da verdadeira vocação do homem. O lúdico tem importância fundamental para a civilização, ele é a realidade essencial dos primeiros passos e das primeiras ações do bebê, assim como foi da espécie humana em seus primórdios (Huizinga, 1999). Para Huizinga (1999, p. 1): “É no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve”.

Jogar e brincar são palavras que na maior parte das linguas européias (spielen, to play, jouer, jugar) tem o mesmo significado. Isto só vem a demonstrar o quanto o jogo faz parte da brincadeira a ponto de ser praticamente inseparável.

Segundo Huizinga (1999, p. 3): “O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõem sempre a

sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica”.

Os cães sempre correram atrás do seu próprio rabo; os pavões machos exibem sua bela penagem, competindo entre si para agradar a fêmea; os cãezinhos convidam-se para brincar com gestos e atitudes, respeitando as regras de não se morderem violentamente, demonstrando imenso prazer e divertimento; os bovídeos realizam um tipo de competição onde um deles fica rigidamente parado, impedindo a passagem do outro e os dois vão se confrontando até que um deles passe ou desista, sem machucarem-se mutuamente.

Veremos a seguir alguns conceitos de cultura para clarificar a idéia de que o jogo é mais antigo que a cultura, pois a cultura sempre pressupõe a sociedade humana.

Cultura para Herskovits, 1947 (citado por Ansarah, 1996, p. 1): “É a parte do ambiente feita pelo homem ... e compreende as coisas que a gente tem, faz e pensa”.

Cultura para Ansarah (1996, p.2):

“Cultura é transmitida de geração a geração, é cumulativa, difunde-se de um lugar para outro, é seletiva no que empresta e obtém, proporciona número limitado de alternativas, tende a integrar-se em torno de valores centrais, define status e papel. A cultura é um sistema complexo e atuante que proporciona: tipo “peculiar” de família, socialização dos jovens, educação, valores certos e errados, protótipo de heróis, modos de canalizar a natureza humana, sistema econômico, controle social, definições da realidade e do sobrenatural, e normas de orientação (usos, costumes, pressões de grupo e leis)”.

Cultura para Ferreira (1999, p. 591): “O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade”.

O fato de o jogo existir não está ligado a um determinado grau de civilização. Ele tem uma realidade autônoma e sua existência é inegável. Qualquer ser pensante joga. O jogo constitui uma das principais bases da civilização. É uma atividade não material, não desempenha função moral, sendo impossível ser-lhe aplicadas noções de vício e virtude.

O mundo pode ser comparado a um grande palco, onde cada ser humano desempenha o seu papel. Tanto é, que é comum o uso de expressões como: “o jogo da vida”, “a alguma coisa em jogo” ou “jogar na bolsa”. No final da Idade Média, em Gênova e em Antuérpia, surge o seguro de vida em forma de apostas. Apostava-se sobre a vida e a morte das pessoas, o nascimento de menino ou menina, o resultado de uma guerra, a escolha de um novo Papa.

Definição de jogo por Huizinga (1999, p. 33):

“o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida quotidiana”.

Depois de muito pesquisar e examinar as mais diferentes possibilidades, Roger Caillois, 1990, propõem uma divisão para o jogo: os jogos de competição ou Agôn; os jogos de sorte ou Alea; os jogos de imaginação ou Mimicry e os jogos de vertigem ou llinx.

Agôn – este termo é usado para dar a idéia de antagonismo, mas não de causar mal ou estrago ao adversário e sim demonstrar superioridade. Para isto

existem as regras. Trata-se de rivalidades que se baseiam em determinadas qualidades, como: velocidade, força, prespicácia, memória, habilidade, engenho, resistência, etc... Para os competidores, o interesse no jogo é ver reconhecida sua excelência num determinado domínio. A prática do Agôn pressupõe treino, dedicação, esforço e vontade de vencer. Exemplos: verificar aquele que consegue ficar mais tempo submerso numa piscina, jogos de futebol e tênis, os cavalos que medem forças jogando-se um sobre o outro tentando realizar um desequilíbrio no adversário.

Alea – em latim é o jogo de dados. Claramente em oposição a Agôn, em Alea a decisão não depende do jogador e sim da sorte, do destino. Aqui não é necessário treino, habilidade, ou qualificação. É a zombaria do mérito, pois pode proporcionar ao jogador com sorte muito mais do que o trabalho, o esforço, a fadiga e a disciplina. Alea consegue abolir as superioridades naturais ou adquiridas dos indivíduos. Todos ficam em pé de igualdade diante da sorte. Pode ser objeto de apostas, como nas corridas de cavalos e brigas de galos. Em Alea a criança se aproxima do animal, visto que para ela jogar é agir. Só para os adultos ela adquire importância maior. Exemplos: dados, roleta, cara ou coroa, loteria.

Mimicry – todo jogo supõe, temporariamente uma ilusão. Mímica e disfarce são os aspectos fundamentais dessa categoria de jogo. Imaginação e interpretação também são fundamentais. Para aqueles que não participam o Agôn, por exemplo, pode ser um espetáculo. A identificação com o campeão constitui uma Mimicry e, a leitura de um livro no qual o leitor se identifique com o herói também. O mesmo pode acontecer nos filmes. A Mimicry apresenta todas as características de um jogo: liberdade, convenção, suspensão real do tempo e do espaço e tempo delimitado. Mas, não se submete a regras

imperativas e precisas. Exemplos: representação teatral, crianças que imitam adultos em suas brincadeiras de casinha.

linox – nome grago para o turbilhão das águas. llingos é o seu derivativo, em grego, para vertigem. Consiste numa tentativa de destruir, por um momento, a estabilidade física e/ou emocional. É uma espécie de pânico. Trata-se de atingir uma espécie de espasmo que devaneia a realidade com uma imensa brusquidão. Associada, normalmente, à vontade, reprimida, pela desordem e pela destruição. Exemplos: ratos de água que rolam-se uns por cima dos outros como se estivessem em um redemoinho da corrente, tobogãs, montanhas-russas.

2.2.1 Paidia e ludus ou turbulência e regra

Segundo Roger Caillois (1990, p. 47): “As regras são inseparáveis do jogo assim que este adquire aquilo que eu chamaria existência institucional”. A partir do momento que um jogo está estabelecido, tem regras, ele passa a fazer parte da cultura. Mas aquela liberdade primeira, o poder original de improvisação e de alegria chama-se paidia.

O termo paidia foi escolhido por Roger Caillois, 1990, para abranger as manifestações espontâneas do instinto do jogo. O gato brincando com o novelo de lã, o bebê rindo com sua chupeta, o cão sacudindo-se. Traduz uma agitação imediata e desordenada, recreação espontânea, desregrada, sem razão específica. Às vezes transforma-se num gosto de partir ou destruir: cortar, interminavelmente, um papel ou riscá-lo, fazer desmoronar um monte, perturbar as atividades dos outros, mostrar a língua.

Em seguida, nasce o gosto pela regra. A criança faz sozinha e/ou com seus companheiros toda a espécie de “apostas” (formas elementares de Agôn). Por exemplo: quem aguenta olhar mais tempo para o sol, quem fica mais tempo sem falar ou sem se mexer.

Em geral, as manifestações de paidia não tem nome e nem poderiam ter, são absolutamente naturais, sem marca distintiva.

Assim que as convenções começam a aparecer, o jogo começa a tomar forma, a se caracterizar: saltar o elástico, esconde-esconde, pipa, cabra-cega. Os jogos começam a se classificar em Agôn, Alea, Mimicry e Ilinx. Entra aqui também o prazer na resolução das dificuldades, tão propositadamente criadas e definidas. O fato de solucionar as dificuldades gera a satisfação íntima de ter conseguido. A este ímpeto Caillois, 1990, escolheu o nome ludus. Ludus é um complemento e adestramento da paidia, ele disciplina e enriquece. Conduz, normalmente, a um treinamento, à conquista de uma habilidade, à aquisição de um saber para a resolução de um determinado problema.

No ludus, a tensão e o talento do jogador atuam fora do sentimento de rivalidade. A luta é contra o obstáculo e não contra o concorrente, diferentemente de Agôn. No plano das habilidades manuais podemos citar: o diabolo, o ioiô. Já o papagaio, por exemplo, necessita das condições atmosféricas. Para a cabra-cega, a idéia é experimentar todo o conjunto das percepções além da visão. As possibilidades do ludus são infinitas.

Existe também os jogos de cálculo e combinação, como: resta um e argolinhas; além das palavras cruzadas, passa tempos da matemática, leitura de romances policiais (buscando o criminoso, tentando descobri-lo), xadrez, etc...

A combinação de ludus com as categorias dos jogos: Agôn, Alea, Mimicry e Ilinx é existente. Com Agôn ela é mais evidente, em muitos jogos ela pode surgir hora como Agôn e hora como ludus. Com Alea a combinação é facilmente identificável, quando o jogador cria manobras para dar uma “ajuda” à sorte, como jogar insistentemente na mesma máquina de moedas ao invés de ficar variando, uma hora as moedas saem. O fato do jogador tentar influir no resultado, contando, mesmo que muito pouco, no resultado final, já é o bastante para associá-lo ao ludus. Em relação à Mimicry a associação existe, por exemplo, nos jogos de construção, que são sempre jogos de ilusão. Mas é a representação teatral que, fornecendo a disciplina, técnica, sutis e/ou complexos recursos, consegue essa cumplicidade. Já em Ilinx, da mesma forma que não há aliança entre paidia (criação e exuberância) e Alea (espera passiva da decisão da sorte), não há combinação possível entre ludus (cálculo e combinação) e Ilinx (puro êxtase e intusiasmo). Longe de se aliar ao Ilinx o ludus oferece a disciplina e a combinação de recursos próprios para neutralizar as perigosas consequências do alpinismo e das altas acrobacias, exemplificando.

Para muitos o ludus é uma espécie de último recurso para ludibriar o tédio. Alguns só se conformam com isso na esperança de arrumar companheiros para as próximas jogadas. Mas, mesmo no caso de jogos solitários, como: paciência, resta 1, puzzles, palavras cruzadas, alguns jogos de computador, o ludus não deixa de despertar no jogador, a esperança de no próximo jogo ser melhor, aperfeiçoar a técnica, fazer mais pontos, etc... É a influência de Agôn, que acaba até promovendo concursos e competições. Isso é bastante comum nos jogos de computador, onde o número de pontos vai

ficando registrado e o indivíduo tenta superar os próprios pontos ou os pontos dos outros jogadores.

Uma das características do ludus é “estar na moda”. Já tivemos a “onda” do ioiô, do diabolo, das argolinhas e do elástico. Jogos que aparecem e desaparecem como que por encanto. Enigmas, charadas, acrósticos, anagramas, já se perderam no tempo. É possível que voltem um dia.

A civilização industrial “criou” uma forma bastante particular de ludus: o hobby, atividade secundária, gratuita, levada por mero prazer. Coleções, pequenas porcelanas, papéis de carta, porta jóias, pequenos inventos, arte decorativa, trabalhos amadores; enfim, uma compensação à mutilação da personalidade, resultado do trabalho em cadeia, automático e parcelar. Constatou-se que o hobby assumia a função de construção, pelo trabalhador, agora artesão, de modelos completos e não reduzidos a partes, como nas fábricas, onde ele apenas repete gestos, que não exigem maestria, nem inteligência. Segundo Caillois (1990, p. 53): “A vingança sobre a realidade é assaz evidente e, além do mais, positiva e produtiva. Corresponde a uma das mais altas funções do instinto do jogo”. Não é de se espantar que a civilização tecnológica contribuiu para o desenvolvimento do hobby, mesmo que a título de compensação.

O destino de uma cultura também pode ser percebido através do jogo. Para Caillois (1990, p. 56): “Dar preferência ao Agôn, à Alea, à Mimicry ou ao Ilinx é interferir na decisão do futuro de uma civilização”.

Figura 1: Divisão dos jogos.

	AGÔN (Competição)	ALEA (Sorte)	MIMICRY (Simulacro)	ILINX (Vertigem)
--	----------------------	-----------------	------------------------	---------------------

PAIDIA algazarra agitação risada papagaio *solitário* paciências palavras cruzadas LUDUS	↑ ↓	corridas lutas etc. atletismo boxe esgrima futebol competições desportivas em geral	não regulamentadas bilhar damas xadrez competições desportivas em geral	lenga lengas cara ou coroa apostas roleta loterias simples, compostas ou transferidas	limitações infantis ilusionismo bonecas, brinquedos máscara disfarce teatro artes do espetáculo em geral	*piruetas* infantis carrocel balouço valsa “volador” atrações das feiras ski alpinismo acrobacias
N.B. – Em cada coluna vertical os jogos são classificados aproximadamente numa ordem tal que o elemento paidia é sempre decrescente, enquanto que o elemento ludus é sempre crescente.						

Fonte: CAILLOIS, 1990.

2.1.2 Do lúdico para o lazer

O Lúdico é a realidade essencial dos primeiros passos e das primeiras ações do bebê, como foi para a espécie humana nos primórdios. Entretanto, o lúdico não foi bem aceito na maior parte das sociedades. Entre os gregos foi exaltado como valor supremo do homem, mas foi visto com reservas pelo judaísmo, islamismo e cristianismo, as três grandes religiões monoteístas.

O cristianismo primitivo e o posterior, na maior parte de sua história, condenou as diversas formas de recreação. Nos primeiros tempos de cristianismo, os gregos e os romanos participavam de diversos tipos de recreações. Contudo, o cristianismo condenou a corrupção grega e a violência romana. Em meados do século I (início da Era Cristã) encontrava-se nas cidades gregas, como Efeso, verdadeiras salas, ou pátios internos com colunas, chamados “scholé”, antecessora da palavra escola. Scholé significava tempo livre, entretenimento, ócio. Já o protestantismo, principalmente em suas versões calvinistas e outras igualmente puritanas, suspeitava do lúdico e valorizava o trabalho de forma absoluta (Caillois, 1990).

Ao longo da história, contudo, até os tempos modernos, o lúdico foi servindo aos poderes centrais. Ele não é bom para o povo, mas em pequenas doses pode ser aconselhável. Como por exemplo o carnaval, onde desde a era feudal aceitava-se os excessos de comida, sexo e divertimento. Já para as elites, de ontem e de hoje, o lúdico, em suas mais diferentes formas e práticas, é um símbolo de classe social, de distinção em relação à maioria obrigada a trabalhar. Aqui, não é apenas ter lazer, mas sim ostentá-lo (Dumazedier, 1980).

A revolução industrial (século XIX e XX) foi a responsável por uma transformação nos modelos de lúdico, criando dois tempos distintos: o tempo de trabalho e o tempo de lazer e, apenas no tempo livre o lúdico poderia desenvolver-se. Mas, como isto aconteceu?

Bem, na sociedade pré-industrial, que vai até o século XIX na Europa e até o início do século XX no caso do Brasil (ainda ocorre em parte do nosso Brasil rural), o lúdico não era ou não é uma parte determinada do tempo. Os ciclos de trabalho e não-trabalho acompanham a natureza. Quando há necessidade de trabalhar mais, trabalha-se mais, por exemplo na época da colheita, ou do plantio, quando há geadas. A natureza determina o momento e a intensidade com que a obrigação, brincadeira, trabalho, festas, descanso se misturam ao longo dos dias, da semana, do ano (Camargo, 1996).

Na sociedade urbano-industrial, tudo ocorre de forma bem diferente. Tempo é dinheiro. A produtividade é a palavra-chave, ela comanda o trabalho, cada vez mais especializado e fragmentado. Trabalho e não-trabalho não se misturam mais. Tempo de trabalho não é tempo para brincar. Trabalho é coisa séria. Lúdico é coisa de criança, sinônimo de imaturo e inacabado, impróprio, inadequado (Camargo, 1996).

Atualmente, nas sociedades desenvolvidas modernas, o tempo livre já é um tempo maior que o tempo de trabalho e, segundo Camargo (1996, p. 4):

“o lúdico desenvolvido neste tempo é o chamado lazer moderno”. “O lúdico que se desenrola no tempo livre cotidiano, semanal (fim-de-semana), anual (férias), existencial (aposentadoria), que se chama lazer, e a cultura produzida ou consumida nesse tempo” (Camargo, 1996, p. 3).

Para o sociólogo francês Joffre Dumazedier (1980) o lazer é o tempo livre criado e pago pelo tempo de trabalho.

Encerrando esta parte da pesquisa, temos o conceito de lazer por Camargo (1996, p.3):

“O lazer é uma cultura, produzida ou fruída, tendo diferentes centros de interesse: o corpo, as mãos, a curiosidade, a imaginação, o si mesmo/outro, o espaço. E dependendo da maior ênfase que se dá a esses diferentes centros de interesse cultural, as atividades são físicas, manuais, artísticas, intelectuais, sociais ou turísticas”.

2.2 Um Pouco de História ...

“Do passado, tudo merece estudo” (Roberts, 2001, p. 16).

Para melhor compreender a atual dinâmica do lazer, é necessário que se recorra a alguns fatos históricos que marcaram e continuam marcando a passagem do homem sobre o planeta Terra. Vamos a esses fatos.

O primeiro longo período da história humana vai de setenta milhões a setecentos mil anos atrás. Nesta longuíssima fase o homem aprendeu a andar ereto, a falar e a educar a sua prole. Para explicar melhor essas mudanças, De Masi (2000a, p. 21) cita Rita Montalcini, que escreveu o livro L'Elogio

Dell'Imperfezione (O Elogio da Imperfeição). Sua tese baseia-se no fato de que o homem desenvolveu-se muito a partir de suas próprias imperfeições, a partir da necessidade de superar suas próprias dificuldades. Não podíamos caçar, como os outros animais em geral, utilizando-se do olfato, que é fraco, por isso desenvolveu-se o caminhar ereto, para poder ver e seguir a caça ao invés de tentar farejá-la. Isso fez com que os indivíduos que conseguiam desenvolver esta nova forma de caminhar (ereto) se salvassem. É o processo de seleção natural das espécies. Caminhar dessa forma fez com que dois membros, os superiores, ficassem liberados, já que não eram mais utilizados para a caminhada. As mãos foram se desenvolvendo e adquirindo movimentos cada vez mais refinados, compensando outros pontos fracos como a mandíbula. O homem não conseguia agarrar e esquartejar a presa com os dentes, como faziam outros animais, por isso passou a utilizar-se das mãos na construção de utensílios cortantes. O homem começa a fabricar objetos. Isso foi uma grande descoberta. Aprendeu-se a fabricar os utensílios domésticos para compensar fraquezas.

Surge então uma nova modificação: agora fisiológica. Graças à posição ereta e ao uso intensivo do cérebro, este último cresce quantitativamente. O ser humano é o único que possui um número tão elevado de neurônios e, qualquer outro animal apresenta, no máximo, uma relação de um para dez com as células cerebrais humanas (De Masi, 2000a).

Resumindo: naquela época potencializou-se o cérebro, aguçou-se a visão e liberou-se e refinou-se as mãos. Também, educou-se os filhos. Algo fundamental para a manutenção da espécie humana. Vejamos o exemplo dos dinossauros: quando um novo ovo se abria, os filhotes gerados já eram autônomos e, em função disto, não eram educados pelos genitores. Cada novo

dinossauro recomeçava do zero, sempre tendo que aprender tudo, nada lhe era repassado, diferentemente do que acontece na cultura humana. Este fato é também associado à extinção dos dinossauros na Terra. Ao contrário o ser humano nasce indefeso, se não tem a ajuda dos seus genitores, geralmente morre. Contudo, novamente, essa “fraqueza” transforma-se em força. A assistência que se dá ao bebê significa também uma forma de aculturação. O ser humano é o único dos animais que não começa do zero, além das características hereditárias e instintivas, recebe dos adultos o saber cultural (De Masi, 2000a).

Outro fato importante e que também marca essa “virada” na vida da espécie humana é a domesticação de alguns animais, entre eles o cachorro. Inicialmente os cães eram chacais e lobos selvagens que se alimentavam dos restos da caça. Aos poucos eles passaram a ser parceiros do homem e este, ao invés de caçá-los e/ou afugentá-los, passou a domesticá-los. A espécie humana passou por diversas grandes eras glaciais e havia a necessidade de que algo ou alguém puxasse os trenós. Aí entram os cachorros, o primeiro motor a serviço do homem.

A saber: a roda demorou muito tempo para ser inventada exatamente por causa da neve. A roda não desliza na neve. Somente passada essas grandes eras glaciais, na Mesopotâmia, tornou-se necessário algo que ao invés de deslizar, rodasse (De Masi, 2000a).

Muito tempo depois o ser humano inventa o arco e a flecha. Os instrumentos utilizados anteriormente para caça acabavam se perdendo, pois atirava-se contra o animal e, se por acaso o alvo estivesse errado, o instrumento, um machado, por exemplo, também era perdido. Trabalho jogado fora. O arco e a flecha são extraordinárias invenções, talvez por isso

permaneçam até os dias atuais. O que poderia estar perdido é a flecha, mas o arco não, este permanece com o caçador e a flecha é mais substituível (De Masi, 2000a).

Durante este longo período o homem acaba domesticando, além do cachorro, que foi o primeiro animal a ser domesticado pelo ser humano; o boi, que era usado para puxar o jugo; o porco, uma reserva de carne; a cabra, uma reserva de leite; o carneiro, uma reserva de lã, para sobreviver ao frio. Nesta mesma época verifica-se outro acontecimento: a expressão estética da espécie humana. Foram encontradas algumas pontas de flechas da Idade da Pedra e estas pontas estavam decoradas com desenhos que pareciam folhas de louro. Pela primeira vez, o homem, além de empregar seu trabalho para esculpir uma lâmina, emprega também seu trabalho para decorá-la, enfeitá-la (De Masi, 2000a).

Por milhares de anos, os homens primitivos acreditaram que a morte era o fim do indivíduo. Eles estavam tão acostumados a ver a morte e a dor, inclusive com a morte dos filhos e parentes bastante jovens, que as consideravam um fato corriqueiro e irremediável. Por isso abandonavam os corpos sem sepultamento, como fazem os animais. Bem mais tarde os seres humanos “inventam” um outro mundo. Este acontecimento data de, mais ou menos, noventa mil anos atrás, data da mais antiga sepultura encontrada. Foi encontrada em Belém, na Judéia. O homem é o único ser vivo que enterra seus mortos. Por que? Medo do contágio? Mal cheiro? Nojo pela putrefação? Talvez...., mas isso não explica o por quê deixavam ao lado do corpo utensílios domésticos. Fica aqui uma evidência, a esperança de um outro mundo, um mundo onde o morto poderia precisar de tais objetos. Há noventa mil anos criou-se essa grande consolação de que a vida não termina, mas sim muda de

estado ou de lugar o que suaviza bastante a idéia do fim definitivo. Dá esperança.

“A evolução do animal ao homem é uma passagem muito lenta: dura oitenta milhões de anos e ainda não se concluiu. Dessa evolução também fazem parte a descoberta da eternidade (como compensação para a morte) e a descoberta da beleza (como compensação para a dor)” (De Masi, 2000a, p. 26).

Entre dezessete e dezoito mil anos atrás, o espécie humana descobre a arte. Foram encontrados afrescos rupestres nas grutas de Lascaux. Arte simbólica (cruzes e triângulos) e figurativas (bisões e pessoas), pintados numa caverna escura, iluminada por tochas. Os homens pré-históricos usavam a arte para “aplar a ira dos deuses”, para “agradar aos deuses” (De Masi, 2000a).

Existe mais uma descoberta que foi fundamental para o homem pré-histórico: a descoberta da semente. É uma descoberta de mais ou menos seis mil anos antes de Cristo. Quem protagonizou essa descoberta foram as mulheres. É a fase da sociedade matriarcal. Já existia uma divisão sexual do trabalho; o homem saía à caça e a mulher, em função da maternidade, que era muito freqüente, usava o tempo livre para colher frutos. Aos poucos o homem percebe que pode substituir a cansativa e perigosa caça pela criação e domesticação de animais e a mulher aprende que, ao contrário de apenas recolher os frutos caídos e no pé, ela poderia plantar suas sementes, cultivando assim as plantas. Estas duas técnicas, de pecuária e de agricultura, permitiram ao homem planejar o futuro. Enquanto os outros animais satisfazem suas necessidades imediatas o ser humano pode guardar para depois, preparando-se para o futuro. Ele já aprendeu que plantando hoje colherá dali a um determinado tempo. Sabe, também, que os animais crescem e se

reproduzem. Foi, provavelmente, observando os animais é que o ser humano começou a perceber como funciona a reprodução das espécies, inclusive a da espécie humana. Até então achava-se que a fêmea produzia sozinha os filhos. Mas, com a observação dos outros animais descobre-se que o macho participa no nascimento da prole. A espécie humana começa a perceber que existe uma ligação entre a cópula e o nascimento dos filhos um tempo depois. Isto ocasionou a passagem de uma sociedade matriarcal para uma sociedade patriarcal, que dura até nossos dias. Mudanças à vista? Segundo De Masi (2000a, p. 30): “as mulheres agora têm condição de gerar filhos sem a participação de um marido, enquanto os homens não tem condição de gerar filhos sem uma mulher”.

Mais uma descoberta: a produção em série. Nesta mesma época foram encontrados restos de utensílios, como garrafas, fabricados não por necessidade estrita, mas, provavelmente, para trocar, vender e/ou conservar. O animal só faz aquilo de que realmente necessita, ao contrário, o homem planeja o seu futuro, vende sua produção, busca expansão. Nasce aí um sistema econômico que dura até hoje (De Masi, 2000a).

Enriquecido por todas essas descobertas, a espécie humana, três mil anos antes de Cristo, descobre a cidade e a escrita. Isto acontece na Mesopotâmia. Ur e Uruk, duas cidades sumérias, são o início da civilização ocidental. Nesta época descobre-se o eixo e a roda. A astronomia oferece a possibilidade de viagens noturnas, multiplicando o alcance das viagens. Nasce o comércio à distância. Inventam-se a matemática, a escola e as primeiras leis. Nasce também, o selo de acompanhamento, um pequeno tijolinho de barro onde, com um tipo de canudo, escrevia-se a quantidade de mercadoria enviada. A partir daí vem os números e as moedas. O selo é uma síntese de

comércio, de globalização e de cultura. Surge também os primeiros relatos da poesia e novas formas de organização social, como o autoritarismo, a ditadura e o imperialismo. Até então, as organizações sociais eram pequenas e se autoprotégiam. Contudo, vão se expandindo e para proteger o centro, a capital, é necessário conquistar mais território. Até culminar no imperialismo romano. Trajano tenta fazer com que seu território coincida com toda a superfície conhecida do planeta; com Adriano a política é outra, não é mais necessário expandir-se sem fim e sim, proteger-se. São criadas muralhas em volta da cidade. O império é uma zona protegida, civilizada. Tudo o que está fora é a barbárie.

Antes disso, na Grécia, no século quinto antes de Cristo, amadurece a civilização de Péricles, uma civilização que durará até o século onze depois de Cristo. Sinônimo de democracia, filosofia, arte, teatro e poesia. A Grécia era constituída de uma rede de cidades (um conceito importante para a nossa sociedade pós-industrial) que podiam se aliar ou guerrear, dependendo dos interesses do momento. Em comum, a língua (como ocorre na atualidade com inglês e, em outros tempos, com o latim) (De Masi, 2000a).

Este período foi caracterizado pela rejeição à tecnologia. O progresso na Mesopotâmia era tão grande que eles tinham a sensação de que tudo já havia sido inventado. Isto era facilmente percebido pelo modo de vida dos gregos e dos romanos. Um modo de vida não baseado na quantidade das coisas, mas na qualidade, no sentido que as coisas tinham para esses povos. Os gregos, principalmente, cultivavam ao máximo a arte da “dar sentido” às coisas. O filósofo não precisava de nada, ele tinha a sua sombra, sua fonte de água para lavar-se e refrescar-se, encontrava aí o perfeito equilíbrio entre si mesmo e tudo que o circunda. Logicamente para toda essa tranquilidade existia uma

razão prática: a escravidão, que já existia nesta época. Os povos conquistavam-se uns aos outros e os perdedores eram feitos escravos, portanto não havia a necessidade das máquinas, os escravos realizavam todo tipo de trabalho pesado e desagradável. Já, para os homens livres, era um passo adiante. Existia trezentos mil escravos, na Atenas de Péricles e, apenas, quarenta mil homens livres. Livres para escrever, dedicar-se à política, às artes e à ginástica. Entretanto, para os escravos, foi um passo atrás, uma vida repleta de trabalho, vida trágica e desumana. Em Roma e no Egito a situação não era outra (De Masi, 2000a).

Na Grécia antiga a vida cotidiana era feita de coisas simples, primitivas e os gregos pareciam contentar-se com os poucos móveis que possuíam. Ao invés de multiplicar ou melhorar aquilo que tinham, preferiam vaguear o espírito para além dos aspectos materiais. Eram capazes de criar obras primas de arte até hoje incomparáveis e elaborar sistemas filosóficos que continuam sendo a base da cultura ocidental (Dumazedier, 1980).

Arquimedes construiu um sistema elevatório de água, através de uma alavanca e rosca, permitindo um melhoramento no cultivo agrícola e na moagem de cereais. Além disto, os gregos obtiveram algum progresso na vidraçaria, tinturaria, cerâmica, construção de estradas e aquedutos e na comunicação. Isto representa o pouco que a Antiguidade produziu para si mesma, para aliviar as dificuldades do ser humano (De Masi, 2000a).

Os gregos se concentraram, quase maniacamente, apenas na estética e na filosofia, assim como a sociedade industrial concentra hoje todas as suas forças no desenvolvimento econômico e no progresso tecnológico (De Masi, 2000a).

Desta época tem-se, ainda, algumas outras invenções: o arco arquitetônico, o alistamento militar, o viaduto, a roldana. Também, o moinho d'água, inventado no século um antes de Cristo, mas o moinho não foi utilizado. De Masi (2000a) relata um episódio que retrata muito bem esta situação da negação da utilização de novas tecnologias: à época de Vespasiano, o Capitólio pega fogo e um cidadão romano resolve apresentar ao imperador um novo sistema de roldanas e correias, que serviriam para transportar as pedras, ajudando assim na reconstrução do prédio. Em resposta à sua idéia o imperador diz que compra o projeto, mas que a idéia não pode ser divulgada, pois isto faria com que muitos ficassem sem trabalhar.

Naquela época existia apenas o trabalho escravo e, em geral, nenhuma tecnologia é mais perfeita que o serviço escravo. Esta idéia fica mais clara quando nos deparamos com o que acontece no nosso dia-a-dia: pode-se comprar comida congelada e prepará-la em poucos minutos num bom forno de microondas, contudo, dificilmente será, a comida, mais saborosa do que se alguém tivesse tempo de prepará-la pessoalmente (o escravo). Os escravos faziam tudo, porém, com toda certeza, não estavam felizes com sua degradante situação. É óbvio.

O progresso científico permaneceu praticamente imutável até a Idade Média européia. O Egito, a Grécia e Roma não deram à humanidade uma grande contribuição ao progresso da tecnologia, Entretanto, foi um enorme salto de qualidade em filosofia, literatura, teatro, arte, política e direito. A história econômica desses povos permite uma reflexão sobre a forma mais extrema de trabalho adotada até nossos dias pela humanidade, a escravidão (De Masi, 2000a).

Grande parte dos homens livres desprezava o trabalho desgastante, que dependesse de fadiga física ou, de algum modo, a execução de uma tarefa. Aristóteles e Platão achavam que qualquer produção de objetos materiais representava uma atividade de segunda ordem, comparada à produção de idéias. Até mesmo entre os trabalhos independentes existia uma rígida hierarquia de prestígio social: a matemática e a medicina eram bem vistas, já a engenharia e a cirurgia desprezadas. O comércio então, era desprezível, pois, estava, quase que completamente, entregue aos metecos (que seriam, nos dias de hoje, os imigrantes). Platão estabelece uma classificação das profissões em ordem decrescente: o filósofo, o bom rei, o político, o desportista, o adivinho, o poeta, o agricultor e o artesão, o demagogo e o tirano (no Fedro *apud* De Masi, 1999b). Em Atenas, os homens livres delegavam todo o trabalho prático às mulheres, que eram as donas de casa, aos metecos, que eram os estrangeiros, e aos escravos. Os homens livres dedicavam-se, praticamente, só à política, ao estudo e à ginástica. É interessante saber que os metecos eram os estrangeiros livres, que moravam na cidade, tinham algumas poucas limitações políticas e o direito à educação e de assistir ao espetáculos (De Masi, 1999b).

Muitas profissões eram monopolizadas pelos metecos: a área têxtil, couro, peles, cerâmica, metalurgia, bancos, comércio, medicina, alguns artistas e oradores. Metecos famosos: o médico Hipócrates e o historiador Heródoto. Os escravos eram considerados o “gado humano”, uma espécie humana inferior, trabalhavam em todo o tipo de serviço. Desde o cuidado com a casa, até tarefas como a manutenção da ordem pública e a casa de moedas (De Masi, 1999b).

Na Grécia antiga apenas uma minoria era composta de cidadãos com plenos direitos, que se dedicava à ginástica, à filosofia, à política e à poesia, vivendo às custas da imensa maioria, que eram os escravos, os metecos e as mulheres, que realizavam todo o tipo de trabalho pesado, de ordem material e serviços. Algo parecido aconteceu também em Roma. O melhor da criatividade dos romanos aparece na política, na guerra e no direito. "... e uma vez que a vida de um escravo, do momento da escravidão até morte, durava cerca de dez anos, pode se compreender bem qual era a demanda romana dessas "máquinas humanas" " (De Masi, 1999b, p. 83). E quem eram esses escravos? Indivíduos vindos de guerras perdidas por territórios, a pirataria, vindos das guerras com os bárbaros, comprados nos mercados com outros povos (Bizâncio, Delos, Chipre, Éfeso, etc.), a auto-reprodução e a criação, a venda de si mesmo, a venda de familiares, a punição para os devedores (De Masi, 1999b).

Em meio a este universo, nasce Jesus. Jesus era um artesão, seus apóstolos eram pescadores e São Paulo, que era de seus apóstolos, chegou a dizer que aquele que não trabalha não tem direito à comida.

Entre os séculos II e IV depois de Cristo a comunidade cristã foi se dividindo entre pessoas que viviam juntas, partilhando o excedente e apóstolos que saíam pelo mundo a pregar o Evangelho. Existiam também os eremitas, que eram pessoas que renunciavam a tudo e, solitariamente, dedicavam-se à oração. Para o eremita a riqueza era o grande inimigo e para conseguir roupa e alimento eles trabalhavam. Eram serviços manuais como: cuidar da horta, produção de utensílios, apenas o essencial. No Egito proliferaram os eremitas solitários e lá fundou-se o primeiro mosteiro comunitário, onde os monges rezavam juntos, trabalhavam e realizavam as refeições. As atividades práticas,

desprezadas pelos gregos e suportadas pelos hebreus, como o sofrimento e a morte, pois eram escravos, foram resgatadas pelo cristianismo. O ócio assume uma conotação negativa, pecaminosa e reprovável, inimigo da alma (De Masi, 1999b).

Por volta do século IX, também a igreja exerceu uma forte, mas não determinante influência neste sentido, de que libertar os escravos era uma boa ação aos olhos de Deus, ainda que ela própria, a igreja, se utilizasse da mão-de-obra escrava. Contudo, havia outros problemas como: a segurança, muitos escravos se revoltavam e as fugas eram freqüentes e ameaçadoras. Estava ficando muito cara a manutenção dos escravos, pois existiam os custos com a vigilância, além da alimentação, velhice e doenças. Muitos proprietários preferiam libertar os escravos e transformá-los em trabalhadores mal pagos, sobretudo mais fiéis, mais produtivos e menos perigosos, que podiam ser substituídos quando velhos e doentes, sem maiores problemas. A este quadro acrescenta-se o fato de que muitos trabalhos só poderiam ser executados por gente motivada e, certamente, o escravo não era motivado. Os patrões perceberam que os libertos poderiam render-lhes mais (De Masi, 1999b).

Ainda, sobre a questão da escravidão, é interessante relatar um comentário do professor De Masi (1999b, p.84), a respeito dos países da América, sobretudo os Estados Unidos: “será preciso deslocarmos-nos para a América se quisermos encontrar no Ocidente, até quase nossos dias, formas de escravidão cruéis como as antigas”. Entre mil setecentos e quarenta e um e mil oitocentos e dez, foram importados sessenta mil escravos por ano. Nas Caraíbas, o tempo médio de vida deles era de cinco a sete anos, menos que na Roma antiga. Os escravos eram tratados como animais. No Brasil, sabe-se, não foi diferente. Causas sociais parecidas com as que ocorreram na Europa

medieval acabaram por levar à libertação dos escravos nos Estados Unidos ao final do século XIX.

Entre os séculos X e XI, buscou-se uma nova classificação do trabalho (lembrando-se que a sociedade era feudal): os aristocratas, que combatiam e defendiam a comunidade; os clérigos e monges, que rezavam e; os camponeses, que trabalhavam para criar riquezas e nutrir a comunidade inteira. O trabalho era relegado ao último degrau da hierarquia social (De Masi, 1999b).

O século XII depois de Cristo é o início de uma nova era. Começa um período de grande explosão tecnológica, relacionada, talvez, à dificuldade de se obter escravos. Os bárbaros se tornam irredutíveis e Roma já não é mais tão poderosa. Para alguns indivíduos, principalmente do interior, ter escravos significa ter que alimentá-los e já não era tão compensador. Os homens livres voltam a necessitar da tecnologia. Inicia-se aí uma fase que pode-se remeter à Mesopotâmia de quatro mil anos antes, uma fase de novas e importantes descobertas: inventam a pólvora, redescobrem o moinho d'água, difundem a bússola, os modernos arreios para os cavalos, inventam os óculos, a imprensa e o relógio (De Masi, 1999b).

Cria-se também, nesta época, o Purgatório. Depois da descoberta de um mundo além da vida, noventa mil anos antes, a vida após a morte vai assumindo outras nuances. A Igreja Católica concebe a existência de um terceiro lugar, uma possibilidade transitória, para quem não é completamente virtuoso e quem não é irremediavelmente maldito. É uma esperança renovada de alcançar o tão sonhado Paraíso. O Purgatório é um lugar entre o céu e o inferno, onde o morto encontra uma série de severíssimas penas, só que transitórias, proporcionais às suas faltas, às suas culpas. Pela primeira vez na

história das religiões ocidentais existe algo entre o paraíso e o inferno; também os vivos podem tentar ajudar, de alguma forma, aqueles que já morreram: pagar missas, indulgências, orações; tudo pelo resgate da alma. O comércio de almas se torna central na sociedade cristã, permitindo à Igreja um imenso acúmulo de bens (De Masi, 2000a).

Para muitos historiadores o século XII foi um século onde reinou a alegria. Sem o medo do juízo universal, criado pelo Purgatório e com as condições materiais melhoradas pelas novas descobertas, o homem é restituído de otimismo e confiança em si mesmo. Foi o século das cruzadas e das explorações geográficas. É por volta deste século que o relógio, cada vez mais preciso e personalizado, vai substituindo o relógio de sol, a clepsidra (criada por Platão) e o sino das igrejas (De Masi, 2000a).

O relógio torna-se fundamental, principalmente para os mercadores. Para eles era necessária uma medida mais precisa do tempo, dos dias e das horas. A partir do século XIV, o relógio triunfa, no alto das torres, cocorrendo com o sino das igrejas. Foi contruído em mil trezentos e cinquenta e quatro, em Florença, o primeiro relógio público da cidade. Servia para medir as horas dos negócios, para medir o tempo de trabalho. Principalmente nas indústrias têxteis o relógio servia para a marcação do tempo trabalhado e, nascia aí também, as primeiras lutas para a redução da jornada de trabalho. Esses operários trabalhavam do nascer ao pôr do sol. O tempo, a hora, começa a ser uma prisão do indivíduo, mas apenas no que dizia respeito à hora de começar e à hora de encerrar o trabalho diário, pois dentro das oficinas, os ritmos eram os mesmos do mundo rural, não existia a preocupação com a produtividade que veremos anos mais tarde com a chegada da verdadeira sociedade industrial (De Masi, 2000a).

Invertendo o pensamento de Aristóteles, que acreditava que tudo já havia sido inventado e, por isso, a prioridade era o espírito, vem o pensamento de Francis Bacon, um inglês, nascido em mil quinhentos e sessenta e um, que viveu até mil seiscentos e vinte e seis. Bacon acreditava que bastava de filosofia, poesia, que a hora era de dedicar-se ao desenvolvimento, ao progresso da vida material do ser humano. Outro grande pensador da época foi Descartes. Com ele três idéias tomam curso: a busca do bem estar material, que longe de ser reprovável, é obrigatória; o bem estar é resultante do trabalho das máquinas e da ciência, não da força física do homem ou dos animais; o trabalho do homem, quando não é ciência ou arte e sim fadiga, nada tem a ver com castigos bíblicos ou fatalidades naturais, constitui apenas um estado momentâneo, que o homem saberá superar, cedo ou tarde, graças à tecnologia. O verdadeiro inimigo do ser humano é a dificuldade. Bacon e Descartes são considerados os precursores da sociedade industrial (De Masi, 2000a).

Mais ou menos na metade do século XVIII, nasce um novo movimento, o racionalismo, que confia à razão humana a solução dos problemas e não mais através da emoção, da religião ou do fatalismo. A mistura de cientificismo, racionalismo e ironia, fez do século XVIII o “século das luzes”. A partir desse quadro surge um novo e unificador movimento: o Iluminismo; propondo que o ser humano tenha coragem de se servir do seu próprio intelecto. O Iluminismo vem a ser uma atitude mental, livre de preconceitos e dogmas, crítica e racionalmente autogerida. É a emancipação intelectual e a autonomia prática. O Iluminismo aparece em meio a um mundo emotivo, cheio de superstições, milagres, mistério, ocultismo, magia, hipocrisia e tirania. O Iluminismo vem para

abater os tabus religiosos, sociais e sexuais com muita ironia e inteligência (De Masi, 2000a).

Nessa época foi construída uma poderosa base científica: cálculo infinitesimal, aperfeiçoamento das leis da mecânica celeste, novas técnicas matemáticas, reflexões sobre a hereditariedade, desenvolvimento da morfologia, anatomia, embriologia e fisiologia, entre outras inúmeras descobertas. Os estudos passam por métodos rigorosos e positivos, feitos de demonstrações racionais e experimentos. Aparece nomes como: Montesquieu, que dá um salto de qualidade metodológica em suas pesquisas históricas, jurídicas e sociais; Rosseau e Voltaire, entre outros. Para os iluministas, é com o trabalho que o indivíduo pode apropriar-se dos frutos da natureza, o trabalho acrescenta valor econômico à matéria prima (De Masi, 2000a).

Também, a essa época um grupo de pessoas muito cultas resolve transmitir o saber que possuem para aqueles que não sabem. Eles decidem coletar seus saberes num corpus de livro, para que seja usado como uma fonte de saber técnico: a Encyclopédie. Os enciclopedistas (Diderot, Rousseau, D'Alembert, etc...), tinham o seguinte método: eles se reuniam em uma casa de campo e, pela manhã, cada um ficava estudando em seus aposentos. Pela tarde, se encontravam e cada um lia para os outros aquilo que tinha conseguido produzir. À noite, divertiam-se. Esse método possibilitou o incremento da criatividade científica e, só foi possível, graças à falta de preocupação, por parte dos enciclopedistas, com qualquer coisa de ordem prática ou econômica (De Masi, 2000a).

O século XVIII não foi um século apenas de sistematização do saber, foi um século de grandes descobertas: energia elétrica, locomotiva, pára-raios; proporcionando ao ser humano a consciência de sua capacidade de dominar a

natureza. Como um exemplo, temos Adam Smith (1723-1790), que foi um dos maiores, senão o maior, teórico dessa nova economia impregnada de Iluminismo. Este economista escocês identificou na divisão sistemática do trabalho um dos motores do avanço industrial do trabalho (o outro motor é a mecanização). Ele dividiu a fabricação dos objetos entre os operários. Cada um tinha apenas uma função a cumprir, induzindo assim à produção automática e mais veloz; o resultado final é um produto completo (De Masi, 2000c).

No plano econômico, o colonialismo começa a fornecer aos países hegemônicos – Espanha, Portugal, Inglaterra e Holanda – grandes quantidades de matéria prima e ouro. Soma-se a isto duas grandes revoluções: a americana e a francesa. Novas classes sociais estão no controle. A burguesia percebe que chegou a sua vez, milhares de novos cérebros atingem o poder. Havia uma massa crescente de consumidores: os burgueses. Isto fez com que houvesse uma grande necessidade de produzir bens materiais. A consciência de que todo esse progresso resultou em uma nova sociedade ocorre apenas em 1850. A partir daí percebeu-se a sua globalidade. Para De Masi (2000c) aconteceu exatamente como está ocorrendo hoje: a sociedade pós-industrial nasce em 1950, mas poucos perceberam. Alguns conseguem observar apenas alguns aspectos singulares da mudança como, a tecnologia, os meios de comunicação de massa, a globalização, etc..., mas não se apercebem que é todo um novo paradigma que surge.

O aperfeiçoamento desta nova organização social: a sociedade industrial, acontece nos Estados Unidos, mais precisamente na Filadélfia, com Taylor, e em Detroit, com Ford. Nascida na Europa no século XVIII (fins desse século), é do outro lado do Atlântico, em fins do século XIX e os vinte primeiros anos do século XX, que a sociedade industrial realmente se firma (De Masi, 2000c).

Com Taylor, o cronômetro passa a ser a peça mais importante da fábrica. O interessante a saber é que Taylor, depois de trabalhar nas oficinas e elaborar o *scientific management*, com muito sucesso, poder e riqueza “aposentou-se” aos quarenta e cinco anos, quando resolveu empreender uma segunda carreira: aplicador na bolsa, acionista e consultor administrativo. Mas, a jardinagem e o golfe passaram a ser suas verdadeiras “novidades profissionais” (De Masi, 2000c).

Com Ford, a racionalização e a maximização atingirão e conquistarão a indústria do automóvel. Em 1913, Ford inaugurou a primeira linha de montagem. Foi a expressão máxima do taylor-fordismo. A linha de montagem evita que o trabalhador perca tempo em deslocamentos ou movimentos inúteis. Em pouco tempo a linha de montagem quadruplicou o rendimento dos operários. Para compensar, Ford criou o salário mais alto e a jornada de trabalho mais curta do setor, cinco dólares por dia e oito horas de trabalho, desde 1914 (De Masi, 2000c).

Do lado contrário e lutando contra as idéias desses engenheiros (Smith, Taylor e Ford) encontrava-se Karl Marx, entre outros, pois consideravam este tipo de trabalho uma alienação. Para estes, o trabalho, que deveria ser a mais alta expressão do ser humano, estava reduzido a mercadoria da indústria capitalista (De Masi, 2000c).

Já, para os católicos, o trabalho é um castigo divino, uma sentença condenatória e a *Rerum Novarum* (1891) reafirmará esta idéia. Milhares de trabalhadores que aportaram na América trazem consigo esta cultura. Eles vinham, na maior parte, de países católicos: Caribe, Irlanda, Espanha, Itália, Polônia e Hungria. Do outro lado, os patrões, uma minoria, acreditavam que a fortuna era a vontade de Deus, pois Ele está do lado dos “brancos ango-

saxões protestantes”. Também por isto era difícil encontrar gente disposta a obedecer: aí entram os católicos, massas impregnadas da *Rerum Novarum* (De Masi, 2000a).

O Papa Leão XIII tem consciência de que um número muito pequeno de ricos oprime a massa proletária até quase servidão, mas ele, o Papa, não deseja o conflito, dizendo que tal desigualdade não justifica uma revolução, como gostaria Marx. Também, na *Rerum Novarum*, fica clara a idéia de que o trabalho, além de um sacrifício é a parte central da vida do homem e deverá ser realizado de forma dividida sexualmente: o marido trabalha fora, mas a mulher, ao menos, fica em casa, cuidando da família e dos afazeres domésticos. É a primeira vez que consciência de que o trabalho industrial divide a família, ao contrário das atividades agrícolas e artesanais, onde toda a família trabalhava junta, e os tempos eram divididos pela natureza e pela necessidade, não pelo relógio da fábrica (De Masi, 2000a).

Nas fábricas a mão-de-obra era totalmente desqualificada, semi-analfabeta, eram imigrantes, que em geral sequer falavam a mesma língua do patrão ou dos chefes, um pessoal muito pobre, gente do campo, estranhos ao mundo industrial, social e psicologicamente falando. Por isto, o modelo de organização industrial da linha de montagem, funcionava muito bem. Senão, era uma “torre de Babel”. Cada operário executava apenas uma função, não tinha que raciocinar, nem se deslocar, nem executar movimentos muito amplos, nem conhecer o equipamento como um todo. Ele apenas realizava a sua mediocre função. À época os sindicatos eram muito fracos e desorganizados e a supremacia cultural dos empresários e especialistas em organização era evidente. Também, do lado do consumidor, não havia quem discutisse o produto; o que existia, em geral, era uma procura maior do que a oferta. Produtos e

preços correspondiam às exigências dos empresários. A indústria fabricava e impunha o produto à sociedade, que o comprava (De Masi, 2000c).

Surge então, o princípio da “standardização”, descoberto por Michel Thonet, um prussiano (Alemanha), um fabricante de cadeiras, que em 1819, abriu uma oficina de marcenaria e entalhadura. Thonet descobre que ao invés de fabricar cadeiras, uma diferente da outra, é muito mais lucrativo fazê-las todas iguais. O desperdício é menor, o trabalho é mais rápido e o custo é menor. Mas, para se vender o produto em série é necessário padronizar também o gosto de quem o compra: standardizar o gosto da clientela, dos consumidores. O ponto alto deste novo modelo econômico foi o carro Ford T, um modelo inventado por Henri Ford em 1908 e que vendeu dezesseis milhões de carros, com mínimas variações, até 1932. Detalhe: todos os carros eram na cor preta. A produção estandardizada, fez com que as pessoas desenvolvessem um novo valor, a vontade de se sentirem todas iguais, ao invés do desejo de serem diferentes. Hoje, tudo está muito diferente. Imaginemos se uma fábrica de automóveis fabricasse apenas modelos pretos, como fez a fábrica de Ford. Provavelmente, perderia toda a sua clientela para outros mais preocupados em atender os gostos pessoais, como já tem acontecido. Atualmente, pode-se montar seu próprio carro pela internet e, depois verificar preços, condições de entrega e pagamento. Tudo bem personalizado (De Masi, 1999a).

Com a sociedade industrial, o trabalho, que por muitos séculos foi executado, praticamente, da mesma maneira, com os mesmos custos, com a mesma fadiga e, com os mesmos resultados, passa a ser organizado de uma nova forma, atingindo altíssimos níveis de produtividade e a organização do trabalho, se transforma em ciência autônoma. O uso do bom senso é superado

pela experimentação científica; a programação substitui a espera passiva e fatalista dos eventos; as técnicas de simulação do futuro substituem decisões tomadas por experiência ou intuição; os desenhos em 3D no computador facilitam e diminuem os testes com protótipos nas fábricas (De Masi, 2000c).

Houve um aumento populacional muito considerável nas cidades e essa excessiva urbanização trouxe suas consequências: um tráfego de automóveis e motocicletas, caminhões e pedestres praticamente insuportável, aumento da poluição e da violência, um caos urbano. Na verdade, o processo de industrialização, “mexeu” com todo o modo rural e artesanal de viver, modificando as relações do indivíduo com o trabalho, com a família e com a cidade. O local da trabalho separou-se do local de vida familiar; foi criada duas novas e conflitantes classes sociais, de um lado os empregados (o proletariado) e do outro lado os empregadores (a burguesia). O operário passa a realizar uma única e específica tarefa, diferente da comunidade rural e artesanal onde ele produzia ou trabalhava em algo que era inteiro, como padeiro, cervejeiro, artesão, etc... O progresso, diferentemente do que acontecia na sociedade rural, modifica tudo muito rapidamente, através da industrialização, fazendo por exemplo, com que muitos dados fiquem obsoletos a cada mês; a cidade torna-se “funcional”, a zona industrial produz, a zona comercial compra e vende, o setor burocrático resolve negócios político-administrativos e o setor de diversão para as obras de lazer, é uma “linha de montagem global”. Todos saem nos mesmos horários para trabalhar e estudar, todos tem folga nos finais de semana, todos viajam nas férias escolares e nos mesmos feriados e isto resulta em metrô e ônibus lotados, filas nas rodoviárias, etc...; homens e mulheres tem atividades diferentes, aos homens a hierarquia empresarial, às mulheres tarefas criativas e domésticas, além dos

níveis mais baixos da pirâmide industrial; produtor e consumidor não se conhecem mais, recebem apenas uma imagem manipulada pela publicidade; emoção e trabalho não combinam (Dumazedier, 1980).

A indústria trouxe consigo uma divisão do trabalho que antes não existia. Antes, homens e mulheres eram camponeses, trabalhavam juntos e dividiam as tarefas. A indústria trouxe também consigo o conceito de lazer, segundo Dumazedier (1994, p. 49):

“Nessa sociedade pré-industrial, o lazer não existe. É o trabalho que se inscreve nos ciclos naturais das estações e dos dias; seu ritmo natural confunde-se com o ritmo solar do amanhecer ao anoitecer, cortado de quando em quando por pausas para repouso, cantos, jogos, serimônias, a que não se pode chamar de lazer”.

Atualmente, convive-se com mais uma mudança batendo às portas dos trabalhadores. Com o advento da informatização gerou-se uma nova modalidade de organização do trabalho: a sociedade pós-industrial – este termo foi utilizado pela primeira vez no final dos anos secenta, por Alain Touraine e Daniel Bell. Em 1969, foi publicado o primeiro livro com este termo, com o título: “La Société Post-Industrielle” (A Sociedade Pós-Industrial) e o autor era Touraine – e uma nova forma de trabalho: o teletrabalho. O teletrabalho está trazendo de volta muitos trabalhadores para dentro de seus lares, obrigando uma revisão prática da organização de toda a existência humana. Convivemos hoje com o desemprego em larga escala e o aumento do tempo livre para a maior parte da população mundial já é um fato. Aprender ou reaprender a conviver com este novo estilo de vida, com esta nova modalidade de organização social é o grande desafio do nosso tempo. O lazer moderno tem sido, efetivamente, mais que um simples complemento do

trabalho, mais que um descanso do trabalho; o lazer é uma fonte de produção de novos valores (De Masi, 2000c).

2.3 Lazer, Nem Sempre um Prazer!

“Para suportar a dor do tempo que passa, tenta-se algum tipo de droga. A pior delas é o trabalho” (Camargo, 1993a, p.7)

Quando falamos de lazer temos a tendência em idealizá-lo. É fácil observar que a maioria das pessoas pensa logo em um tempo agradável, mas esquecendo-se de todas as ambigüidades de sua prática. O lazer, em muitos casos, não está diretamente ligado ao prazer e pode estar diretamente ligado ao tédio.

Para Camargo (1993b, p.4):

“Trata-se, então, de confrontar o vazio das noites de domingo com a euforia dos finais de expediente às sextas-feiras. Viagens fantásticas de férias que se encerram com gosto amargo de um dinheiro desperdiçado. Planos de aposentadoria e de nova vida que terminam em visitas diárias aos antigos locais de trabalho para se rever os únicos amigos”.

Em princípio, toda busca pelo lazer é uma busca pelo prazer. Ir ao clube para rever os amigos, descarregar as tensões do dia; ler um livro para relaxar; fazer uma viagem para modificar a rotina

diária, enfim, é a busca pela realização de um prazer. Mas, onde está o prazer de uma pessoa entediada no final da tarde de domingo assistindo à TV? O lazer é sempre um prazer? E as pessoas entediadas em festas para as quais prepararam-se por dias, freqüentando cabeleireiro, escolhendo a roupa ideal, “maquinando” encontros e assuntos?

Muitas vezes, o tempo livre diário, dos finais de semana, das férias e até mesmo da aposentadoria são aguardados com grande expectativa e nem sempre correspondem à realização pessoal, não correspondem às expectativas. Alguns teóricos, como Joffre Dumazedier, costumam dizer que o lazer é um produto do trabalho. Ele é uma criação da civilização, pago pelo tempo de trabalho.

Ainda, segundo Dumazedier (1980, p.48), muitos sociólogos comentam que o lazer existiu em todas as civilizações, mas ele não concorda e escreve: “O lazer tem traços específicos, característicos da civilização nascida da revolução industrial”, ou seja, da civilização contemporânea. E acrescenta que, nas sociedades pré-industriais o trabalho é que se inscrevia nos ciclos naturais das estações e dos dias, ao ritmo do sol, do dia e da noite, às vezes cortado por pausas e jogos, cerimônias e festas. Mas, não um tempo que possa ser chamado de tempo de lazer.

“Para que o lazer se torne possível para a maioria de trabalhadores, duas condições prévias devem ter sido verificadas na vida social. Primeiramente, as atividades da sociedade não mais reguladas, em sua totalidade, por obrigações rituais impostas pela comunidade. Uma parte, pelo menos, dessas atividades, escapa aos ritos coletivos, sobretudo, o trabalho e o lazer. Este último depende da livre escolha dos indivíduos, ainda que os determinismos sociais influam evidentemente sobre esta livre escolha. Em segundo lugar, o trabalho profissional está desligado de outras atividades. Tem um limite arbitrário e não é regulado pela natureza. Sua organização é específica, embora o tempo livre seja nitidamente separado ou separável dele”.

Essas condições descritas por Dumazedier (1980, p.49 e 50) tornam o lazer inaplicável e outras épocas. Ele é uma “conquista” da era contemporânea. O tempo livre é o desejo da civilização contemporânea: tempo pago pelo trabalho e desligado dele. A possibilidade de se libertar das amarras da produção para a diversão.

Camargo (1993a, p.7 e 8), em uma entrevista às páginas amarelas da revista Veja, intitulada “O Lazer é um Perigo”, comenta sobre a angústia das pessoas que não sabem ficar à toa e precisam

de ajuda para escapar da droga do trabalho, o autor esclarece o seguinte: “A principal marca do tempo livre é o tédio, ou melhor, a fuga desesperada dele”..... “as pessoas não buscam referenciais nelas mesmas, mas nos grupos dos quais fazem parte”. No texto, ele ainda comenta, alguns exemplos de lazer que são entediantes e que muitas vezes promovem status social, como este: “se foi para a Europa e voltou, pouco importa se a pessoa encontrou um prazer efetivo lá, além de subir e descer do avião ou entrar e sair do hotel. Ninguém que volta da Europa precisa explicar que sua viagem foi boa. É claro que foi. Ele chegou lá”. Através deste exemplo pode-se compreender que o indivíduo é, normalmente, levado a práticas de lazer que nem sempre são conscientes. Existe a necessidade de uma desmistificação deste tempo livre, as atividades de lazer podem não custar nada e ao mesmo tempo serem absolutamente interessantes e prazerosas.

Hoje, segundo Camargo (1993a, p.10), “o lazer é o instrumento número um de distinção social do indivíduo. É a hora em que exhibe a passagem de avião, carro, mostra riqueza. No entanto, a pessoa pode gastar um monte de dinheiro e continuar infeliz”.

Um dos grandes problemas do lazer é o excesso de consumo. Tempo livre é tempo de libertação, é o tempo do pensar

inconseqüente, da brincadeira, do lúdico e isto não implica, necessariamente, em consumo. Observando-se a história, percebemos que a elite grega conseguiu viver o homo ludens (homem lúdico) em sua plenitude, mas às custas de servos e escravos.

Domenico De Masi (1999, p.15), faz uma previsão em seu livro “O Futuro do Trabalho”, lembrando esta fase histórica:

“Em uma perspectiva realíssima e não muito distante, entrevê-se a possibilidade de nos libertarmos definitivamente do trabalho desgastante e de somar as vantagens do bem-estar industrial às vantagens de que gozavam os homens livres da Grécia antiga, tempo disponível, autonomia, ócio criativo elevado à arte”.

É importante observar que o próprio De Masi escreve “*homens livres da Grécia*”. Os senhores eram os privilegiados da fortuna, podendo assim tirar o máximo proveito do tempo livre, filosofando, banhando-se nas saunas públicas, conversando, etc...Neste caso apenas uma pequena parcela da população beneficiava-se, desfrutando de todo tempo livre proporcionado pelos párias (escravos), que passavam todo o tempo trabalhando, praticamente sem folgas. As mulheres também passavam todo o seu tempo em

casa cuidando das obrigações domésticas. Raríssimas eram as exceções.

É interessante notar, também, que certamente foi um tempo de muito valor artístico. Parece-nos que o excesso de trabalho “embrutece” o ser humano. Lembremos, então, as palavras de Oscar Wilde (*apud* De Masi, 1999, p.29), “Vivemos numa época em que as pessoas são tão trabalhadoras que ficam estúpidas”.

A este tipo de atuação do homem grego dá-se o nome de ócio que tem uma relação diferente com o tempo de lazer, pois, como já foi comentado anteriormente, o lazer é pago pelo trabalho. “É fato pacífico que o trabalho determina o lazer”, ao menos para Dumazedier (1980, p.103). Percebe-se que na literatura à respeito, que De Masi (1999b), por exemplo, não faz essa diferenciação; ele não define claramente a diferença entre ócio e lazer, parece-nos que trata os dois da mesma forma, não se importando com a nomenclatura.

A sociedade industrial democratizou o lazer, na medida em que ele é um tempo descompromissado da produção e voltado para o uso que se quiser fazer dele, pelo menos teoricamente falando.

Todavia, a sociedade também tem as suas limitações, existem, por exemplo, os baixos salários. Não se pode deixar de lembrar que a remuneração constitui uma certa limitação na utilização do tempo

livre, só que está longe de explicar os fatos. Para Camargo (1993b, p.10),

“as mazelas da recessão econômica ou do nosso capitalismo selvagem estão longe de esgotar a explicação. Por que a mesma melancolia de domingos à noite ocorre também em indivíduos e famílias bem situadas sócio-economicamente?” ...

“Por que um tempo de lazer voltado exclusivamente para a auto-expressão lúdica dos indivíduos se transforma em tédio ou é temido pelos trabalhadores?”

Os trabalhadores têm conseguido a redução da jornada de trabalho e, conseqüentemente, o aumento do tempo livre. No século XVIII na Europa, século XIX nos EUA e início do século XX no Brasil, trabalhava-se 5000 horas por ano, o que significava uma jornada de 16 horas, todos os dias da semana e com poucos descansos. Iniciava-se cedo (idade) e trabalhava-se até a morte. Bastante diferente das conquistas do trabalhador atual, hoje se trabalha, em geral, oito horas por dia, alguns um pouco mais e outros um pouco menos, dependendo da profissão, ambição, necessidades, etc. Não se pode deixar de lembrar que esta redução da jornada de trabalho foi conseguida em conseqüência do aumento da produtividade e da evolução da tecnologia (Camargo, 1992).

Mesmo assim acredita-se que jamais será para todos, a sociedade industrial, uma sociedade marcada pelo tempo livre, em função de que uma parte dos trabalhadores assumirá outros trabalhos durante este tempo (tempo livre), ou por necessidade de consumo (aqui entra, também, a influência dos grupos-de-iguais e as sugestões da publicidade da indústria do lazer, que sabe fazer isso com maestria); ou por desinteresse pelo tempo de lazer (atividades) ou por necessidade de trabalhar mais, confirmando assim a afirmação de Karl Marx de que o trabalho é a primeira necessidade do homem. Talvez, até todos esses fatores influenciadores juntos.

“A instauração da jornada de oito horas trabalho suscitou a esperança e também a inquietude dos reformadores sociais: o tempo liberado seria utilizado para desabrochar ou degradar a personalidade?” (Dumazedier, 1980, p.62)

Se este aumento do tempo livre é positivo ou não, ainda tenta-se “descobrir”; o que certamente sabe-se é que ele solicita um novo ponto de vista, uma mudança de comportamento de toda a sociedade, um “aprendizado” para a convivência com este novo tempo.

Reorganizar o trabalho de maneira que seja menos árduo e adaptá-lo às necessidades individuais certamente ajudará. Aqui

entra a ergonomia no trabalho, tornando o ambiente mais apropriado para a execução de cada função; a ginástica laboral, que promove um certo “descanso” das musculaturas tensionadas por movimentos repetitivos e estressantes; horários mais flexíveis, adaptados à individualidade e à necessidade de cada trabalhador, etc... Também, cada membro da família tem, cada vez menos, a necessidade de se adaptar à família, a família se adapta às aspirações pessoais. O desejo do ser humano é expressar-se livremente e não “atuar em papéis” o tempo todo, como pai, mãe, filho, empregado, vizinho, etc... O indivíduo tem buscado a cada novo dia mais espaço para o desenvolvimento da sua subjetividade (Camargo, 1996).

Este novo estilo de vida, possivelmente conseguirá valorizar o tempo livre. Um tempo de livre de escolha e, talvez, exatamente por isso, tão complexo. Muitas vezes, não se sabe o que escolher, não se lida naturalmente com ele, pois, como se pode perceber ao longo do texto, esse tempo para o lazer é uma “criação” recente da civilização, com o qual está buscando-se uma adaptação.

Para Dumazedier (1980, p.59), “O lazer efetivamente, é mais que um simples complemento do trabalho, é uma fonte de produção de valores novos”, é um espaço para realizar atividades que o

trabalho não permite, extremamente pessoal, individual, corresponde à possibilidade de divertir-se, sem restrições.

Segundo Camargo (1993b, p.12 e 13), “Um sistema mais humano certamente diminuirá o mal-estar do trabalho. Certamente produzirá finais de expediente menos ruidosos e também domingos menos entediantes”, isto possibilitará um tempo de lazer mais natural, facilmente percebido, por exemplo, com o surgimento do trabalho em casa, apoiado pela tecnologia do fax, computador, câmara de vídeo, etc...., aproximando trabalho e lazer.

Ao mesmo tempo, na medida em que a sociedade atinge um alto estágio de desenvolvimento industrial, nota-se a extrema valorização dos bens de consumo, e, conseqüentemente mais horas são gastas à aquisição desses bens de consumo. O “ter” mais passa a ser o objetivo, sacrificando-se o tempo de lazer, muitas vezes até mesmo a qualidade de vida. Um exemplo claro desta tendência é o número crescente de pessoas obesas no mundo, pessoas que estão dedicando seu tempo ao consumo indiscriminado de alimentos “prontos”, ao invés de uma prazerosa prática de produção de seu próprio alimento, como a jardinagem e a prática de cozinhar, ou mesmo a realização de exercícios físicos e o contato com a natureza.

Dizer que não tem-se tempo?! Nunca, desde o advento da Revolução Industrial, a civilização pôde desfrutar tanto de seu tempo livre, segundo De Masi (1999, p.12), “O tempo livre já ultrapassou o tempo de trabalho, mesmo que ninguém demonstre ter percebido”. O trabalho representa apenas a sétima parte da vida de um jovem, e um terço do tempo livre. Dos seis bilhões de habitantes do planeta apenas um bilhão é considerado trabalhador, e, ainda sobre este mesmo trabalhador:

“Prisioneiro do ativismo profissional, ele descuida de si mesmo e dos cuidados que precisa, sacrifica tudo ao sucesso e não pára nunca um instante para fazer esses cálculos simples, com medo de admitir que o trabalho, cada vez mais residual na perspectiva cronológica, se torne também residual na perspectiva existencial. Isso vale se o trabalho que lhe coube corresponde aos seus sonhos, à sua personalidade, ao seu profissionalismo, e vale ainda mais se não lhe agrada, se não lhe permite exprimir-se como gostaria, se representa para ele apenas um instrumento para ganhar a vida” (De Masi, 1999b, p. 13).

Havendo uma valorização do tempo livre, um tempo para si mesmo, utilizando-o para se fazer o que se gosta, para conviver com os que se estima, logo se conclui que os bens de consumo

passam a ser menos necessários e acaba-se desenvolvendo a tendência a produzir menos, conseqüentemente, trabalhar menos e, também, ter menos, buscando assim, uma maior valorização do lazer e da qualidade de vida. Certamente é uma escolha difícil, por vezes arriscada, mas, como nas palavras de Roberto Freire, citado por Silva (1995, p.31), “Risco é sinônimo de liberdade. O máximo de segurança é a escravidão“. O tempo de lazer suscita a liberdade, é a liberdade para deixar que o homo ludens se desenvolva plenamente, sem medo de ser feliz.

“Na evolução das sociedades industriais, é possível verificar que “ser melhor” é uma orientação não obrigatoriamente necessária, mas é sempre posterior a “ter mais” ” (Dumazedier, 1980, p.26). O que é verdadeiramente preocupante.

O corrente neste fim de século é uma profunda mudança de valores no cotidiano da civilização e, valores como trabalho e futuro, estão, aos poucos, sendo substituídos pelos valores do prazer e do presente.

“O tempo sem trabalho ocupa um espaço cada vez mais central na vida humana. É preciso, então, reprojeter a família, a escola, a vida, em função não só do trabalho mas também do tempo livre, de modo que ele não degenere em dissipação e agressividade mas se resolva em convivência pacífica e ócio criativo. É preciso criar uma nova condição existencial em que estudo, trabalho, tempo livre e atividades voluntárias

cada vez mais se entrelacem e se potencializem reciprocamente” (De Masi, 1999b, p.25).

2.4 Lazer e Criatividade

(O Lazer no Desenvolvimento da Criatividade)

“É preciso lutar pelo ócio criativo. O trabalho entediante, cansativo podemos deixá-lo às máquinas” (De Masi, 2000, p. 31).

Hoje, tudo muda muito rapidamente. A era da agricultura durou muitos séculos, a industrial pouco mais de um século, a da informática está aí, há poucas décadas, mudando a toda hora e, já iniciou-se uma nova era: a era da criatividade. E daí?

O ser humano a partir de agora passa a ser mais valorizado a partir de seu talento criativo.

A informática, por exemplo, pode disponibilizar todas, ou quase todas, as informações possíveis, mas sem o talento criativo, ela perde a sua utilidade pois cabe ao ser humano interpretar as informações e criar soluções inovadoras para resolver os problemas. Além disso cabe também ao ser humano a capacidade de detectar as oportunidades antecipadamente. “O mais importante é a indústria de fabricação de cérebros capazes de ler” “não estamos passando de um estado de tecnologia para um de não-tecnologia. A leitura e a escrita são uma enorme tecnologia” (Lévy, 1999, p. 27).

Nas empresas, quem fizer as coisas sempre da mesma maneira corre o risco de ser passado para trás por concorrentes mais criativos. O indivíduo

nasce com seu potencial criativo e começa desde cedo a ser bloqueado pela sociedade. O sistema educacional treina as pessoas para achar a resposta correta, não estimula a produção de novas idéias, de alternativas, ou seja, a geração de idéias. Mas, os problemas não são como quebra-cabeças onde só existe uma solução correta. Na vida, na carreira, nos negócios não é bem assim. Quanto maior for o número de alternativas, tanto melhor, maior será a chance de obter bons resultados.

“A maioria das pessoas adquire a maior parte de seus conhecimentos fora da escola” (Illich, 1985, p. 37). Grande parte da aprendizagem parece dar-se ocasionalmente, muitas vezes nas atividades de lazer ou mesmo no trabalho. Isto não significa que a escola não seja importante, mas sim que às vezes a escola esquece que “escolariza” ao invés de “ensinar a aprender”. Existe uma necessidade de formar estruturas mais amplas, que permitam ao indivíduo uma adaptação permanente. A educação não pode consistir em dar um conhecimento que amanhã poderá estar ultrapassado, principalmente neste mundo onde tudo é constantemente questionado e a reciclagem, a tomada de decisões rápidas e a permanente reconversão se tornam necessidades sociais.

A grande competência humana que deve ser destacada é a sua capacidade de aprender, absorver novos conhecimentos e transformá-los. Sabe-se que grande parte das funções gerenciais e executivas, hoje exercidas nas empresas poderão simplesmente acabar, desaparecer. A chamada “nova economia” já é realidade,

“estima-se que pelo menos 80% dos empreendimentos do e-business, e-commerce e e-transformation (essa é nova pra você ?) não vão resistir sequer 5 anos”..... “no campo das relações de trabalho, o mundo

deve presenciar nos próximos quatro anos transformações comparáveis às das últimas três décadas” (Zanuzzi, 2000, p. 34).

Temos um mercado de trabalho onde o conhecimento não é tudo, é preciso ter outras capacidades como a intuição e a criatividade, por exemplo. É lógico que a técnica tem a sua importância e valorização, mas é considerada como algo mais adquirível. Os cursos são apenas o início de uma caminhada em busca de conhecimentos e informação. A atualização tem que ser constante. A universidade “precisa ser encartada como um lugar para se aprender metodologia e pesquisa”, escreve Dulce Magalhães (*apud* Zanuzzi, 2000, p. 34).

Profissões que exigem esforços repetitivos ou níveis de decisão que possam ser “imitados” por computadores estão desaparecendo. O “negócio” é sair do “conforto” e compreender, aprender a “manejar” o bem mais precioso da “nova economia” que é a informação. Já é possível delegar às máquinas quase todo o trabalho chato, repetitivo e/ou perigoso. Isso significa que este tipo de trabalho pode diminuir. Devendo sobrar então, mais tempo livre.

É no tempo livre que passa-se a maior parte do tempo e é nele que deve-se concentrar as potencialidades humanas, desenvolvendo a arte, a criatividade e a liberdade; privilegiando a satisfação das necessidades de amor, amizade, reflexão, ludicidade e sociabilidade.

Mas, por que esse tempo deve ser criativo?

Segundo De Masi (2000, p. 31), “sem criatividade o ócio pode transformar-se em violência, neurose, vício e preguiça”. O futuro pertence a pessoas criativas, àquelas capazes de “mixar” atividades, onde o trabalho, o estudo e o lazer se confundem e se completam.

“Após a onda milenária da era rural, após a onda bem mais breve do maquinismo industrial, mil novos sintomas anunciavam o advento de uma terceira onda, de uma era pós-industrial capaz de exaltar a dimensão criativa das atividades humanas, privilegiando mais a cultura do que a estrutura; aquela cultura que pouco a pouco se tornou uma coisa só com a natureza e que nos solicita a conquistá-la, explorando-lhe as zonas de sombra, residuais e crescentes” (De Masi, 1999, p. 13).

2.4.1 Grupos criativos e pessoas criativas

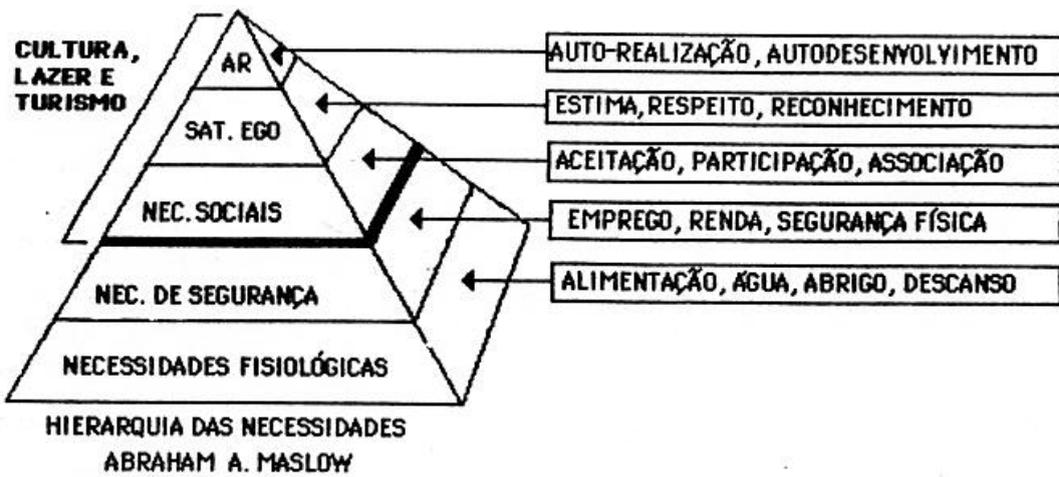
Atualmente sabe-se como se produz os bens materiais, mas não as idéias, a criatividade é , ainda, um grande mistério. Algumas neurologistas, biólogos e psicólogos conseguiram definir algumas coisas sobre os processos de idealização individual e agora pesquisa-se os grupos criativos. Pouco sabe-se a respeito. Os grupos criativos são o grande desafio da sociedade pós-industrial. Tratando-se de trabalhos criativos não existe conhecimentos consolidados sobre a estrutura e o funcionamento do grupo que melhor pode realizá-lo.

Tem-se apenas algumas características que parecem ter relação com este tipo de grupo como: convivência pacífica, na mesma equipe, de personalidades absolutamente diferentes; por exemplo: homens, mulheres, jovens e velhos, diferentes credos e estilos de vida, diferente raças; gente organizada e unida pela motivação e objetivo comum. Também, a capacidade de trabalhar em grupo, a afinidade cultural e a forte complementaridade de todos os membros, além da habilidade de concentrar as energias na mesma direção e, sem dúvida, solidariedade.

Lugares com excessivo controle destroem a motivação. A motivação é o reino da criatividade. “É muito fácil tirar a motivação, mas difícil é criá-la” (Almeida, 2000, p. 175). Em geral, a solução encontrada pelas empresas para o problema da motivação, é a remuneração. É a solução mais fácil. Mas, o “sentir-se realizado” é uma fonte de motivação muito maior, pode-se perceber isto na pesquisa de Maslow, realizada em 1970 sobre as necessidades humanas, onde ele representa através de uma pirâmide os fatores e a satisfação das necessidades humanas que identifica cinco necessidades primárias em ordem ascendente de prioridades: fisiológicas, segurança, sociais, ego (estima) e auto-realização (figura 2: Necessidades humanas).

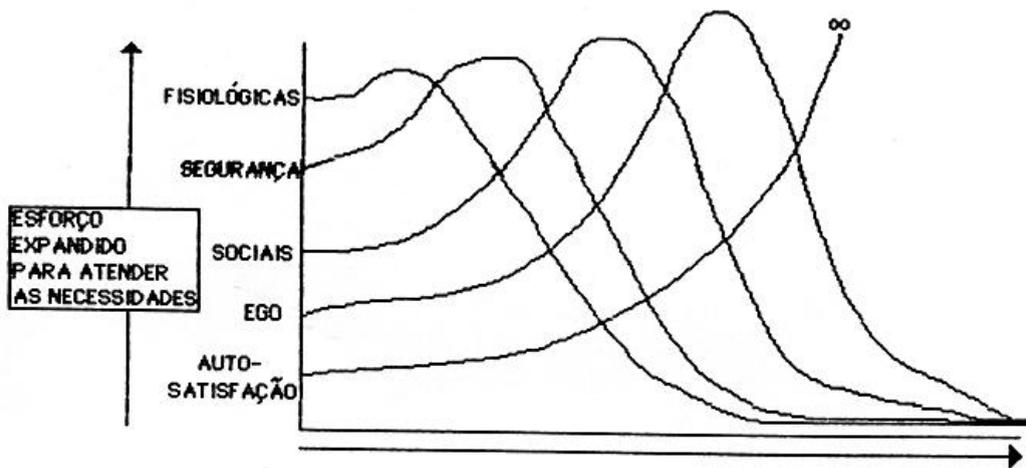
Uma vez satisfeitas as necessidades fisiológicas, a intensidade do esforço para a aquisição de alimento, abrigo e descanso começa a diminuir e a necessidade de segurança emerge, conforme ilustra a figura 3: Esforço dispendido. Uma vez satisfeitas essas necessidades, sua importância diminui e emergem as necessidades sociais e assim sucessivamente. A quantidade de esforço dedicado à satisfação de uma necessidade corresponde ao grau em que essa necessidade foi satisfeita. O interesse à cultura e ao lazer começam a emergir após a realização das necessidades fisiológicas e de segurança.

Figura 2: Necessidades humanas.



Fonte: Maslow, *apud* Pina, 1996.

Figura 3: Esforço dispendido.



Fonte: CONNELLAN (1984: 51)

Fonte: Connellan, *apud* Pina, 1996.

O salário, logicamente, é importante, é fundamental; mas, as condições de trabalho, o ambiente, os companheiros de trabalho, gostar do que se faz, da decoração, a valorização profissional; também são fatores que influenciam e são fatores de grande importância. Uma vez satisfeitas as necessidades humanas mais básicas: alimentação, água, abrigo, descanso, emprego, renda, segurança física, como demonstrado por Maslow e, depois, por Connellan, as necessidades de aceitação, participação, associação, estima, respeito,

reconhecimento, auto-realização, auto-desenvolvimento, vão exigindo do indivíduo um esforço muito maior, isto devido à importância que essas necessidades passam a ter na vida do indivíduo.

E, por que tudo isso é tão importante para esta pesquisa?

Porque estar motivado é a peça chave no desenvolvimento da criatividade. É preciso querer criar, buscar isto incessantemente. A criatividade nasce do tempo livre. Administrar o tempo é fundamental. Para se ter idéias é preciso tempo e introspecção. Em uma entrevista à revista Exame, o italiano Domenico De Masi (24/05/99, p. 64), comenta o seguinte: “constatei que todos os grandes criativos têm muito tempo para si. Conheci muito bem Fellini e muitos outros diretores de cinema. Eles circulam, conversam com gente de todos os níveis, tomam ônibus, metrô. Isso nutre sua criatividade”..... e mais adiante (p. 66) “você não é só o que faz no trabalho, mas o que faz fora dele. É nas horas de ócio que alguém pode se tornar muito culto ou muito ignorante. Drogar-se ou viver para a religião”.

Existem três condições que são indispensáveis à criatividade são elas: sensibilidade, estética e subjetividade. Características que a sociedade industrial foi se afastando durante os últimos dois séculos. Valores apreciados na sociedade industrial (padronização, eficiência, produtividade, etc...) são diferentes e, por vezes, até mesmo opostos aos valores cada vez mais apreciados na sociedade pós-industrial (criatividade, subjetividade, emotividade, qualidade de vida, etc...).

“A criatividade não é uma arte de salão” (Bacus e Romain, 1992, p.34); não é um dom do espírito, que poucos herdam; nem o domínio dos artistas, publicitários e inventores. A criatividade é uma experiência de vida, cotidiana e banal, um modo de pensar e que se pode treinar. Para Bacus e Romain (1992)

ela tem ligação com o humor e a poesia; é um instrumento eficaz de resolução de problemas, pequenas dificuldades individuais ou grandes questões humanas; é o instrumento essencial permitindo de ser fiel a uma realidade em perpétua modificação; é a passagem obrigatória do desenvolvimento da sociedade humana; é um estado de espírito no cotidiano; não é somente uma atitude profissional; é também um modo de ver a vida.

A informação é o verdadeiro combustível da criatividade. Devemos partir do princípio que todos tem aptidão para criar e que a criatividade pode ser desenvolvida e ser objeto de aprendizagem.

“A criatividade é a maior habilidade do homem, no entanto, a mais subdesenvolvida. Nos negócios, essa habilidade está se tornando cada vez mais importante. Nos Estados Unidos, por exemplo, a Intellectual Property Association avaliou que os chamados setores criativos, principalmente os de comunicação, informação, entretenimento, ciência e tecnologia, já representam um valor anual de 360 bilhões de dólares, o que os torna mais valiosos que os setores automobilístico, aeroespacial e agrícola” (Allan, 2000, p. 17).

A matéria prima da criatividade é uma profunda, até mesmo quase infantil, curiosidade pelo mundo. Segundo Albert Einstein (*apud* Allan, 2000, p. 37), “os problemas não podem ser solucionados por um modo de pensar confinado ao ambiente no qual eles foram criados”. O importante é variar a paisagem, romper padrões, porque fornece uma constante renovação de inovações, garantindo novas experiências. Por exemplo: usar um meio de transporte diferente daquele que se utiliza todos os dias para ir trabalhar; ler jornais e revistas diferentes do que se lê normalmente; almoçar com pessoas de outras áreas, sair do ambiente habitual de trabalho e/ou estudo; pedir ajuda na

resolução de problemas, inclusive pedir a ajuda das crianças; busca ter sempre mais de uma solução para o mesmo problema (opções); reservar um tempo para relaxar, meditar; passear; ouvir as paradas musicais, teatro e dança e; reinventar o próprio trabalho. Para Allan (2000, p. 67), “isso representa o início do desenvolvimento do hábito de inovar. Em vez de apoiar-se na força de vontade, crie suas próprias estruturas para ter certeza de que a inovação faz parte da sua vida”.

Numa entrevista a Sérgio Almeida (2000, p. 18), Amyr Klink diz: “não me considero um caçador de limites, me considero um eterno curioso” e, mais adiante,

“um dia, de repente, eu fiquei impressionado; um sujeito do meu lado com os olhos brilhando, disse: “puxa vida, sabe que eu nunca vi a cor de São Paulo às três horas da tarde?” Eu perguntei por quê, e ele respondeu: “Porque a vida inteira eu trabalhei aqui das oito às cinco”.....Um homem ou uma mulher , hoje em dia, que não saibam diversas línguas estão fadadas ao fracasso profissional. Não estou falando apenas em línguas de comunicação verbal, mas também em outras formas de comunicação, como, por exemplo, a culinária. É importante saber cozinhar, é uma forma de comunicação; a informática seria outra forma” (Almeida, 2000, p. 27 e 28).

A sociedade urbano-industrial ainda tem no utilitário o seu grande fundamento e isto dificulta a compreensão da importância do tempo de lazer. O mais importante é o “conhecer” e desenvolve melhor o seu conhecimento aquele que cultiva outros interesses. Passar o dia trabalhando pode representar uma perda de tempo.

A capacidade de aprender é um dos componentes mais importantes para o êxito de uma atividade. Sobre isso Amyr Klink (Almeida, 2000, p. 18) diz: “Penso que a experiência nem é tão importante quanto a capacidade de adquirir novas informações”. A capacidade de buscar as informações e aprender é que realmente faz a diferença.

A importância que se dá, não apenas ao que se sabe, mas, cada vez mais, à capacidade de buscar informações e aprender, é uma tendência dos novos mercados de trabalho. O indivíduo que quer manter o seu emprego tem que se esforçar para aprender coisas novas; atividades, que nem sempre tem que estar ligadas à sua atividade profissional. Podem ser uma complementação do seu comportamento.

Certa vez perguntaram a um economista brasileiro o que tanto ele conversava com o Armínio Fraga (presidente do Banco Central do Brasil) e ele respondeu que ambos jogavam golfe e gostavam muito de conversar sobre esse assunto. Golfe é algo que, aparentemente, não tem nada a ver com economia e negócios; só que acabou realizando uma aproximação profissional interessante. Uma língua estrangeira, informática, esporte, música, dança, culinária, jardinagem, decoração, podem ser complementos fundamentais nas relações interpessoais.

Será que um indivíduo que passa o dia inteiro trabalhando e/ou estudando tem tempo para realizar outras atividades?

Levando-se em conta toda essa formação, é perceptível, que a escola não tem se encarregado dessa formação total e, talvez, muito provavelmente, nem, seja realmente essa a sua obrigação e sim, funcionar como um canal aberto a novas informações. Um canal extremamente estimulador, motivador. Para Klink (Almeida, 2000, p. 111): “a grande responsabilidade da escola não é

dar essa formação, mas sim mostrar a necessidade urgente de complementação”.

Utilizar o tempo livre de forma prazerosa e criativa é o grande desafio do nosso tempo. “Quem não vive o espírito do seu tempo, do seu tempo aproveita apenas os males” (Voltaire, *apud* De Masi, 1999b, p. 11).

Na sociedade pós-industrial produzir idéias torna-se cada vez mais fundamental, o que ocasiona uma completa mudança na dinâmica da sociedade atual, antes (sociedade industrial), o poder dependia da posse dos meios de produção, que eram as fábricas; hoje (sociedade pós-industrial), o poder depende muito mais da posse dos meios de ideação, que são os laboratórios, e também da informação, que é a comunicação de massa. A grande potência dos norte-americanos não reside no fato de eles possuírem uma Ford ou uma Microsoft, mas sim se solidifica no fato de eles possuírem grandes centros de pesquisa, universidades, o cinema e a CNN. As grandes empresas dos Estados Unidos são muito mais importantes pela sua pesquisa do que pela sua produção. No livro *O Advento Pós-Industrial*, Domenico de Masi dizia que: “em cada cem novos produtos realizados pelo Japão nos últimos anos, sessenta apresentam patentes americanas. Usar a patente significa pagar royalties”(2000a, p. 123). Apesar dos investimentos na produção de idéias em países como o Japão, por exemplo, os Estados Unidos não tem rivais em todo o mundo.

2.5 A Ecologia do Lazer

“Os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes” (Guattari, 1990, p. 55).

Em seu livro *As Três Ecologias*, Félix Guattari (1999), manifesta toda a sua indignação perante um mundo que vem se deteriorando lentamente, através dos desequilíbrios ecológicos, onde acidentes químicos e nucleares tem sido comuns e algumas doenças são incuráveis. Esses fenômenos, se não forem remediados, ameaçam a vida do homem no planeta. Ao mesmo tempo a vida social do ser humano tem se deteriorado, as redes de parentesco são reduzidas a cada dia, a vida doméstica é suplantada pelo consumo da mídia, a convivência dos casais e das famílias vive uma espécie de padronização de comportamentos e as relações entre os vizinhos não tem expressão. Os governos parecem ter apenas uma consciência parcial dos problemas que ameaçam o meio-ambiente, restringindo-se ao campo dos danos industriais.

Segundo Guattari, somente uma articulação ético-política entre as três ecologias (o meio-ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana) é que poderia esclarecer tais questões. O que está em curso é a forma de se viver sobre este planeta daqui para frente. A esta articulação dá-se o nome de *ecosofia*.

O progressivo desenvolvimento das máquinas, através, principalmente, da informática, deixa disponível uma quantidade cada vez maior de tempo de atividade humana potencial. Um exemplo: em dez anos a Fiat passou de 140.000 operários para 60.000 operários e sua produtividade aumentou 75%. Cresce o fenômeno, chamado por Domenico de Masi, em praticamente todos os seus livros, de *“desenvolvimento sem emprego”*. Vamos tentar explicar o

que vem a ser esse fenômeno: durante mais de 60 anos houve a disputa entre dois sistemas econômicos, o capitalismo e o comunismo. Com a queda do muro de Berlim, que foi a última voz do comunismo, o capitalismo venceu e por isso adquiriu uma eufórica confiança em relação ao livre mercado, à concorrência e à competitividade. “Os últimos dez anos do século XX serão recordados como o período mais influenciado pelo liberalismo” (De Masi, 2000a, p. 87). Os capitalistas atacam tudo que é público e acabaram de conseguir a privatização dos setores mais lucrativos da economia. Tudo comprado a baixos preços: transporte, eletricidade, telecomunicações... O mesmo aconteceu no Brasil.

Os problemas não param por aí, pois os capitalistas não só conseguiram a privatização dos setores mais lucrativos da economia, como fizeram isso de forma a receber de volta os custos, através de incentivos fiscais e empréstimos de baixo custo com prestações a perder de vista. Feito isto, começaram a reduzir os custos e desempregar pessoas. Acumulando assim, imensas somas monetárias, usando como desculpa o fato de que grandes somas são indispensáveis para a realização de mais e novos investimentos, ocasionando assim, uma possível volta da oferta de empregos. “Mas na verdade, tanto nos EUA como na Europa, os investimentos privados diminuíram, em vez de aumentar” (De Masi, 2000a, p. 87). Os empresários passaram a ganhar mais, a ter mais lucro, diminuindo a receita do Estado, aumentando o desemprego e diminuindo a qualidade de vida do trabalhador.

Em 1999, a Mediobanca (citada por De Masi, 2000a, pgs. 89 e 90), divulgou em seu relatório (que é a análise de maior credibilidade sobre a saúde das empresas italianas), que as empresas nunca estiveram tão bem como agora, nunca estiveram tão ricas, isto graças, em parte, à contribuição do

Fisco. Também, a Eurostat, no mesmo dia, publicou dados oficiais que evidenciam que os países europeus não conseguem se ver livres de um índice médio de desemprego de 10,3%. Nos Estados Unidos a classe média perdeu quinze pontos em seu poder de compra, em 15 anos. Ao mesmo tempo, os milionários estão cada vez mais ricos.

O que pode acontecer, ou já está acontecendo? Desemprego? Marginalidade? Solidão? Ociosidade? Angústia? Neurose? Ou, mais cultura? Pesquisa? Reinvenção do meio ambiente? Enriquecimento da emoção e da sensibilidade? No final das contas, a problemática é a da produção da existência humana em novos contextos históricos. Não é possível pensar mais a crise ecológica senão em uma escala planetária, operando-se uma verdadeira revolução política, social e cultural, reorientando-se os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Isto deverá acontecer não apenas no que diz respeito às forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios, muito particulares, da sensibilidade, da inteligência e do desejo.

O trabalho, servindo apenas a uma economia de lucro e poder, se manifesta através dos absurdos econômicos, vividos no Terceiro Mundo, conduzindo algumas regiões a uma pobreza absoluta. Por outro lado, muitos países permitem a proliferação de centrais nucleares, fazendo pesar sobre a humanidade o risco de acidentes como Chernobyl.

A vida do ser humano é regulada pelo império de um mercado mundial, que coloca ao mesmo nível de equivalência os bens materiais, culturais e naturais. Também, coloca sob a direção dos aparatos policiais e militares, todo o conjunto das relações sociais e internacionais.

A indústria produz bens e valores que depois serão impostos à sociedade: televisores, geladeiras, carros, mas não é apenas isso – a sociedade industrial

impõe também algumas leis: “sincronização”, todos devem estar presentes para o trabalho ao mesmo tempo, voltando para a casa nos mesmos horários, divertindo-se no mesmo final de semana, com os mesmos dias e meses de férias; a “standardização”, todos tem o mesmo gosto, as pessoas desejam ser iguais, ao invés de serem diferentes; a “maximização”, diminuindo o número de horas de trabalho e aumentando a produção, a produtividade; a “especialização”, cada trabalhador da linha de montagem tem apenas uma função a cumprir, não conhece o todo, é um especialista em sua função; a “centralização”, sua melhor representação é a pirâmide, onde o vértice tudo pode, ele pensa e o resto executa; a “concentração”, colocando milhares de pessoas em uma única empresa, necessitando de um número muito menor de dirigentes, empregados e fiscais, fazendo com que a organização fique mais burocrática, menos criativa e menos motivante. Essas leis saíram das fábricas e tomaram conta de toda a vida do ser humano na era industrial. Elas se “apossaram” de toda a forma de pensamento. É a mais pura forma de racionalização, preconizada por Bacon e Descartes. Racional, racionalizar, racionalização, são palavras muito usadas na sociedade industrial e, tudo o que não é “racional”, assim como a emoção, a estética e também a ética, ficam do lado de fora. Aqui fica claro também a divisão sexual do trabalho: a esfera pública do trabalho é para o homem, a razão, já a esfera íntima do trabalho é para a mulher, a emoção (De Masi, 1999b).

É sabido, por exemplo, que o progresso das técnicas agro-industriais, acabem modificando os dados sobre a fome no mundo. Mas, na prática, é ilusório pensar numa ajuda internacional. Outro fato: os mesmos países que impõe sanções econômicas aos países em guerra, permitindo sofrimento de milhares de pessoas, que necessitam dos produtos sancionados, são os países

que lhes vendem as armas, dando assim continuidade às guerras. Tudo isto faz parte da “estimulação” do Capitalismo Mundial Integrado. É sobre isto que repousa a implantação das Novas Potências Industriais, centros de hiperexploração como: Hong Kong, Taiwan, Coréia do Sul, etc... Nos países desenvolvidos encontramos a mesma coisa. Para onde quer que se olhe, percebe-se este mesmo paradoxo: de uma lado o progresso contínuo das técnicas científicas e, do outro lado, a problemática social (Guattari, 1990).

Parece que a algo de novo no ar. Será que esta fase “aguda” de laminagem da subjetividade humana, dos bens e do meio-ambiente, não está entrando num período de declínio? Surge, de todos os lados, reivindicações de singularidade: nacionalistas, uma crescente valorização da família, a vontade de ser diferente, necessidade de mais tempo livre (um tempo para si mesmo e mais tempo para o lazer) (Guattari, 1990).

O lazer é um tempo social que exerce um poderoso atrativo sobre a maior parte da população, homens e mulheres, em qualquer faixa etária, em todas as classes sociais, mesmo com as desigualdades. É inegável. Segundo Dumazedier (1994, p. 31):

“é precisamente no momento em que a taxa de desemprego aumenta bruscamente que o interesse dos sociólogos, educadores e políticos deveria voltar-se para os problemas sociais trazidos cada vez mais pelo aumento do tempo livre”.

Em pouco mais de um século a duração da jornada de trabalho de um operário caiu de 4000 horas por ano para mais ou menos 1600 horas. Observemos o quadro a seguir.

Figura 4: Tempos sociais.

Duração comparada dos diferentes tempos sociais de 1975 a 1985, na população acima de 18 anos (média semanal, incluindo sábado e domingo)

	1975	1985
Tempo livre	24h16min	28h28min
Tempo de trabalho familiar, incluindo bricolagens utilitárias ou desinteressadas de lazer e de semilazer de todos os tipos	31h02min	31h03min
Tempo de trabalho profissional e para-profissional, incluindo a formação, mesmo voluntária, sobre diversos assuntos	28h07min	24h44min

Fonte: Dumazedier, 1994, p. 34.

Sabe-se que a duração semanal do tempo livre, do tempo de trabalho profissional e do tempo de trabalho familiar é variável. Existe os workaholics, executivos que não param de trabalhar nem mesmo quando estão em suas casas, no período reservado ao descanso; ou mesmo as pessoas com dois empregos; ou as mulheres com a dupla jornada de trabalho, em casa, com os afazeres domésticos e fora de casa. Por outro lado, existe os aposentados, os trabalhadores de meio período, os executivos bem assessorados, donas de casa bem assistidas, pessoas que vivem de renda, enfim, pessoas com muito tempo livre. Esta pesquisa é a média que inclui todos esses casos no estudo do orçamento-tempo, trazendo-nos a massa de horas livres disponíveis para a população francesa. O fato mais marcante é que pela primeira vez na história das sociedades tecnológicas, a duração semanal do tempo livre ultrapassa a duração semanal do tempo de trabalho, para a população urbana masculina e feminina com mais de 18 anos. Em dez anos, a duração do tempo profissional diminuiu mais de três horas em média e a defasagem entre a duração do tempo de trabalho familiar e do tempo livre, reduziu-se quase pela metade em dez anos.

Também, segundo pesquisas de Dumazedier (1994), apesar das dificuldades na realização desta análise, visto que seria necessário ter acesso à contabilidade de cada família, ele conclui que as despesas com lazer de uma família só são inferiores às despesas com a alimentação. Na verdade, os gastos com o lazer são superiores aos outros gastos, inclusive saúde. A cifra é de, aproximadamente, 17% do orçamento familiar. Um bom exemplo disto são as viagens. É claro que é impossível dizer que todos viajam, mas, “desde 1980 a maioria da população adulta viaja em férias (56,2%) contra 43,6% em 1964” (Dumazedier, 1994, p. 36). Muitos trabalhadores dividem seu ano em duas temporadas: o trabalho e as férias. É um grande corte no ritmo da atividade cotidiana. Para muitos, a viagem é a maior aventura do ano.

Existe ainda muito preconceito em relação ao lugar que o lazer vem tomando na vida cotidiana de todas as classes sociais. Uma vez um empresário, dirigindo um encontro de desempregados perguntou: – O que o mar os faz pensar? A resposta foi unânime: sol, férias, barco ... O que pode haver de errado nessa resposta? Mas, para o grande empresário, apenas uma criança poderia dar uma resposta destas. Não se pode negar a importância do trabalho, muito menos a necessidade de estimular o espírito empreendedor, principalmente nesta época de desemprego. Só que esta “sociedade de empresários”, diz respeito a uma minoria. E para a maioria dos operários, será que o trabalho não está equivocado em relação às atividades de lazer.

Para Joffre Dumazedier estamos vivenciando o que ele chama de A Revolução Cultural do Tempo Livre, tema que também dá nome ao seu livro, editado no Brasil em 1994, “É silenciosa, oculta. É pacífica e profunda. Avança no nosso cotidiano de geração a geração, mesmo se não for reconhecida.

Progride subterraneamente, como uma toupeira” (Dumazedier, 1994, p. 21).

Essa revolução é caracterizada por três pontos fundamentais:

✍✍ A relação do ser humano consigo mesmo mudou, com a valorização do tempo livre, um novo espaço de “livre expressão” foi criado. A individualidade humana se sobressai ao controle social institucional. A autoridade social é abrandada, primeiro no tempo livre e depois, também, no tempo do trabalho e no tempo social. É uma mudança de valores.

✍✍ Mudando-se a relação do ser humano consigo mesmo, muda também a relação com o outro, evolui. Os limites entre o trabalho e a família, entre as diferentes classes sociais estão mais flexíveis. Os papéis sociais não são tão estereotipados. O tédio tem chegado mais rapidamente às tarefas repetitivas e parceladas da rotina profissional, familiar ou escolar e essa rotina é cada vez menos tolerada. A necessidade de fuga é muito forte. No tempo livre inventa-se novos modelos de relações sociais: obrigadas, agora, a serem mais criativas, mais imaginativas, mais frequentemente renovadas. É um tempo de relações festivas por excelência, de busca por uma “sociedade viva”.

✍✍ Muda também a relação com a natureza. O domínio da natureza é o objeto incontornável do trabalho, só que este domínio está acompanhado de preocupações com a preservação da fauna, da flora, do ar e do mar. Através das viagens, realizadas principalmente no tempo livre, generalizou-se uma aspiração de viver em simbiose com a natureza. É um nova arte de viver, respeitando a natureza.

Esses três pontos fundamentais, que caracterizam a revolução cultural do tempo livre, também fazem parte daquilo que Guattari (1990), chama de ecosofia, que é a relação entre as três ecologias: o meio-ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana. Camargo (1996, p. 3) também comenta o

assunto dizendo: “Na forma de o indivíduo se relacionar de forma diferente consigo mesmo, surgem novas atitudes diante da solidão, da morte, ao prazer, bem como a reivindicação de uma nova delimitação do espaço pessoal diante do espaço social”. É o direito de cuidar de si mesmo e não viver apenas para o social. O coletivo aparece a partir daí.

“Relacionar-se diferente com os outros, significa uma busca de formas mais autênticas, livres e flexíveis de se relacionar com os outros, no plano de uma sexualidade mais aberta (não obstante a AIDS), de um companherismo menos regulado por normas e de um associativismo mais regulado pelo prazer de estar com os outros do que por éticas transcendentes”.

São relações mais livres, menos regradas e, finalmente, “relacionar-se de forma diferente com a natureza, significa aceitá-la como parceira e não como recurso”, ou seja, aceitar a natureza em toda sua diversidade.

Problemas como a AIDS e Chernobyl, são para toda a humanidade a dura revelação dos limitados poderes técnicos-científicos que o homem possui, são as “marchas à ré” que a natureza pode nos reservar. “É evidente que uma responsabilidade e uma gestão mais coletiva se impõe para orientar as ciências e as técnicas em direção à finalidades mais humanas” (Guattari, 1990, p. 29).

Após a revolução da informática, jamais a humanidade voltará a ser a mesma, temos a robótica, a revolução genética, a globalização, a aceleração da velocidade dos transportes, da comunicação. Será preciso conviver com este novo estado de fato. Simbolizando esta idéia, é interessante saber de uma experiência, apresentada por um cientista numa TV francesa: ele recolheu a água poluída do porto de Marselha, onde estava um polvo, bem vivo e

animado, e transferiu este polvo para uma água “normal”. Segundos após o polvo morreu. A natureza, o meio-ambiente, assim como o homem, também se adapta (Guattari, 1990).

O ser humano sabe que a Terra é finita, sabe que os cientistas já conseguem quantificar tecnicamente os recursos do planeta e prever seu esgotamento. Mas do qualquer outra fase da existência do homem sobre o planeta Terra, hoje carrega-se os problemas do ecossistema. O sistema não poderá suportar tudo, mas somente um “desenvolvimento sustentável”. Além disto, o trabalho do tipo tradicional continuará diminuindo a cada dia, o que sobraré é mais tempo livre. A sociedade do tempo livre terá que se empenhar em mais solidariedade, não apenas na produção de riqueza. Hoje, apenas o Estado arbitra em campos não decorrentes do lucro capitalista, por exemplo: a apreciação do campo do patrimônio (Guattari, 1990).

Na medida em que o trabalho executado pelo homem dá lugar ao trabalho executado pela máquina, novos substitutos sociais, como as fundações, que tem uma grande utilidade social e fazem parte do Terceiro Setor (nem privado, nem público), crescerão. A questão é de serem disponibilizados meios de levar adiante empreendimentos individuais ou coletivos no caminho de uma ecologia de ressingularização. Procurar por um território ou uma pátria existencial, não passa necessariamente pela terra natal ou uma familiarização longínqua (filiação). Parece que o lucro aprendeu bem esta lição: “o dinheiro não tem pátria”, é uma expressão bastante conhecida, que observa-se nas negociações comerciais do mundo todo (Guattari, 1990).

O racismo, a liberação da mulher, a ecologia ambiental, são alguns exemplos de discussões, que são cada vez mais globais. Os movimentos nacionalitários (basco, irlandês) com frequência se dobram sobre si mesmos,

deixando de lado outras revoluções moleculares, como as citadas acima. A poesia, a música, as coreografias, são “nacionalidades” desterritorializadas, elas fazem parte de um grupo que tem instrumentos de valorização que tem instrumentos de valorização que não podem ser determinados unicamente em função do tempo de trabalho abstrato, nem de um lucro esperado.

“A noção de interesse coletivo deveria ser ampliada a empreendimentos que a curto prazo não trazem “proveito” a ninguém, mas a longo prazo são portadores de enriquecimento processual para o conjunto da humanidade. É o conjunto do futuro da pesquisa fundamental e da arte que está aqui em causa” (Guatarri, 1990, pgs. 51 e 52).

Certamente toda essa mudança de valores não se apresentará como alternativa global, resolvendo todos os problemas de uma só vez. Aos poucos os atuais sistemas de valor vão se deslocando, vão se modificando, vão se trasferindo para novos cenros de valor.

Em relação ao ambiente, por exemplo, tudo é possível. Cada dia mais o equilíbrio ecológico depende das intervenções do ser humano. A tendência é de que o homem acabe controlando a mecanosfera, regulando as relações entre o oxigênio, o ozônio e o gás carbônico na atmosfera da Terra. Em um futuro muito breve a questão não será apenas a natureza, enquanto fauna e flora, mas sim de uma política que terá que se focalizar no destino da humanidade. O que está em jogo é a saída dessa crise de nossa época, através da articulação: subjetividdae em estado nascente, do social em estado mutante e do meio- ambiente no ponto que pode ser reinventado. É a tripla renovação de valores sociais.

Segundo Guattari (1990, p. 55), “Os indivíduos devem se tomar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes”. O mesmo deve acontecer com as

escolas, prefeituras, cidades, urbanismo, é um processo de ressingularização.

Viva a diferença!

“A “eco-lógica” não mais se impõe “resolver” os contrários, como o queriam as dialéticas hegelianas e marxistas” (Guattari, 1990, p. 36). Haverá momentos em que as “lutas” serão comuns, objetivos comuns e haverá momentos em que as subjetividades individuais e coletivas prevalecerão, a expressão criadora virá sem a preocupação com o coletivo. Para Guattari (1990, p. 36): “a ecologia ambiental, tal como existe hoje, não fez senão iniciar e prefigurar a ecologia generalizada que aqui preconizo e que terá por finalidade descentrar radicalmente as lutas sociais e as maneiras de assumir a própria psique”. Todo esse “movimento ecológico”, que vemos nos dias de hoje, tem, certamente, muitos méritos, mas a questão é mais global, é ecosófica e deveria deixar de ser vinculada a apenas um grupo de amantes da natureza. Não é mais uma escolha entre a proteção estatal-burocrática ou o abandono ao neo-liberismo e à ideologia “yuppie”.

Crê-se que a revolução tecnológica leve ao grande aumento da produtividade, inscrevendo-se numa curva de crescimento logarítmico (razão). A partir deste quadro é que se questiona: a ecosofia, ou esses novos operadores ecológicos, através de sua expressão e de sua proposta chegarão ou não a orientar, por vias menos absurdas e sem saída do que aquelas que são propostas pelo “Capitalismo Mundial Integrado” (CMI).

Existe a necessidade de uma grande reconstrução social para fazer face a esse Capitalismo Mundial Integrado. Só que essa reconstrução passa menos pelas cúpulas e pelas leis; ela é feita de práticas inovadoras, disseminação de experiências alternativas, tendo como fim o respeito à singularidade e ao trabalho permanente na produção da subjetividade, que vem ganhando

autonomia, ao mesmo tempo que se articula com o resto da sociedade. É preciso um ser humano “inteiro”, para que depois, esse mesmo ser humano, possa agir na sociedade.

Coube à sociedade industrial, laminar e serializar a subjetividade das classes trabalhadoras. A especialização internacional já exporta para o Terceiro Mundo os métodos de trabalho em série. Entretanto, vive-se uma nova época: a era da revolução da informática. Surge a biotecnologia, novos materiais, uma criação acelerada; novas formas de subjetivação estão surgindo. Precisar-se-á de inteligência e iniciativa e, com a vida doméstica, ter-se-á um cuidado maior. Em resumo, por Guattari (1990, p. 48): “reterritorializando a família em grande escala (pela mídia, os serviços de assistência, os salários indiretos ..., tentar-se-á aburguesar ao máximo a subjetividade operária”.

A proposta não é um modelo de sociedade pronto para ser usado, mas tão somente assumir um modelo ecosófico, que tem como objetivo a instauração de novos sistemas de valor, de valorização. É cada vez menos legítimo que as atividades humanas sejam reguladas apenas pelo mercado do lucro. Outros sistemas de valor ganham importância: “rentabilidade” social, estética, desejos.

2.6 Educação para Lazer ou Educação pelo

Lazer:

uma “Mistura Saudável”

“É verdade que um dos grandes problemas educacionais no lazer é o excesso de consumo, de assistência a obras de outras

peças e a exígua produção própria”
(Camargo, 1990, p. 19).

É sabido que a escola está continuamente em processo de transformação, ainda mais hoje em dia, com tantas mudanças ocorrendo no mundo do trabalho e no conjunto de necessidades da vida cotidiana, marcada pelos valores do tempo livre. Fica-nos uma pergunta: Como convencer o ser humano a um esforço prioritário e constante, em relação ao trabalho, nos diferentes setores: primário, secundário ou terciário, de uma economia pós-industrial?

O diploma, sozinho, já não é mais suficiente para uma sociedade mutante, onde a autoformação permanente é, mais do que nunca, necessária para a adaptação a novas situações. A partir de agora, dois fatos tornam-se centrais: a sociedade mutante precisa fazer nascer práticas voluntárias de formação permanente em todas as idades; a nova lógica econômica tem produzido, graças ao fenômeno do desemprego, um aumento do tempo livre. Dífícil?

Somente uma clara noção desses dois fatos podem libertar a escola de seus postulados anacrônicos. A educação escolar tem se limitado a observações sobre o futuro vivido do conhecimento escolar, esquecendo-se do processo educativo real: escolar e extra-escolar, com a preponderância em relação aos valores do tempo livre e às necessidades de conhecimento do conjunto das instituições profissionais e extra-profissionais. O “trabalho” escolar entra cada vez mais em concorrência com as práticas do tempo livre. É necessário parar de ver esse conteúdo da “escola paralela” como um obstáculo aos conteúdos “escolarizados”. Ao reduzir o conjunto das práticas do tempo livre à recreação, em relação à escola e ao descanso, em relação aos deveres do trabalho, nega-se a revelação no tempo livre de elementos que se

integrariam, seletiva, crítica e inventivamente nos programas da própria formação escolar.

“Impõe-se hoje uma confrontação séria dos conteúdos do **trabalho escolar imposto** pela sociedade com os conteúdos do **lazer escolhido** pelos alunos para se divertir, mas também para se informar e se formar sobre os temas de sua escolha. Sem isto, tememos que uma enéizima reforma escolar resulte ainda num enéizimo fracasso” (Dumazedier, 1994, p. 75).

Um ano tem 365 dias, desses 200 dias são os dias de trabalhos escolares, sobrando 165 dias para as férias, feriados e finais de semanas, isto no Brasil. Em alguns países o número de dias letivos é ainda menor, como no caso da França, que conta com 136 dias de aula e mais de 200 dias para o tempo livre. Além disso, pesquisadores avaliaram, em aproximadamente 1000 horas o tempo de exposição dos alunos à televisão e outras mídias, o que ultrapassa o tempo de trabalho escolar durante o ano. Segundo uma outra pesquisa, realizada na França e relatada por Dumazedier (1994), 90,4% dos jovens se declaram mais felizes fora do tempo escolar; 72,4% deles disse ser fora da instituição escolar os momentos onde eles percebem ter mais iniciativa e tomar mais decisões e, 57% dos jovens afirmam que os momentos mais importantes de sua vida estão fora da escola.

Num momento em que a formação permanente tornou-se uma necessidade, não seria um papel importantíssimo da escola motivar os alunos em relação ao conhecimento e ao aprendizado?

Vejamos uma outra pesquisa, também de Dumazedier (1994), foram pesquisados 700 alunos franceses, de 5ª e de 2ª séries – isto equivale para o Brasil, a alunos de 6ª série do 1º grau e alunos da 1ª série do 2º grau. Foi lhes

perguntado se eles achavam que os objetivos propostos eram melhor alcançados pelo trabalho escolar, ou pelas práticas do tempo livre, principalmente as práticas de lazer. São 14 objetivos educativos, entre eles: cognitivos, afetivos, de curto prazo e de longo prazo. As respostas são discutíveis, mas não podem ser ignoradas.

O que foi observado: 92% dos alunos que esponderam o questionário, acreditam que “saber utilizar o tempo livre” é melhor aprendido através do lazer extra-escolar e apenas 8% designaram esse papel à escola. Para aprender a “levar uma vida familiar feliz”, não é de causar espanto que a maior parte dos alunos escolheu a via extra-escolar (87%) contra 13%. “Estar em boa condição física” é, para 76%, melhor desenvolvido nas atividades extra-escolares, contra 24% através da escola, aqui o desvio se aprofunda da 5ª para a 2ª série, como se a experiência escolar se torna-se negativa ao ser prolongada. “Ser capaz de trabalho manual” (fora do aprendizado de uma profissão), aqui também, a maior parte (62%) acredita na atividade extra-escolar e 38% prefere acreditar nos exercícios manuais de formação escolar. Para aprender a “saber se virar na vida”, 70% das preferências vão para o tempo livre, contra 30% do tempo escolar; no tempo livre o indivíduo tem mais liberdade de escolha, já no tempo escolar a disciplina do trabalho escolar se impõe. Quanto a “ser capaz de criar no plano artístico”, 65% confiam mais nas práticas extra-escolares e 35% no trabalho escolar. Para “conhecer a amizade e a camaradagem”, acontece nas classes de 5ª série um equilíbrio relativo: 54% escolhe as relações fora da escola e 46% unicamente no ambiente escolar; já na 2ª série foi bem diferente: 73% preferem o tempo livre para as amizades, contra 27% que valoriza as relações de camaradagem na escola. Finalmente, para “saber o que mais conta na vida”, as opiniões se dividem. Mas, não é o saber escolar o mais

importante? Em média, 54% preferem a via extra-escolar e 46% a via escolar. Novamente, a diferença para a falta de confiança para a via escolar aumenta na 2ª série, após 3 anos de estudo: 64% preferem a via extra-escolar e 36% preferem a via escolar (Dumazedier, 1994).

Bem, até aqui: viva o lazer! Mas, viva o trabalho escolar também ..., afinal é com o trabalho escolar que os alunos esperam “saber utilizar os conhecimentos científicos” e “ter uma profissão interessante”, em média 87% contra 13%. O mesmo acontece, num grau menor, quando se trata de “melhor conhecer o mundo que nos rodeia”, 69% acredita na via escolar, contra 31% para a via extra-escolar. Para “ser capaz de se expressar e comunicar”, os jovens confiam mais no trabalho escolar (66%), do que nas práticas do tempo livre (34%). Quanto a “ser um cidadão responsável”, 63% conta com a escola e 37% conta com as práticas extra-escolares. Para aprender a “apreciar as obras culturais”, as escolhas ficam mais equilibradas: 54% contra 46%; essa diferença aumenta com mais 3 anos de estudo: 62% acreditam mais na via escolar e 38% acreditam mais na via extra-escolar.

Figura 5: Pesquisa escolar.

**Porcentagens de alunos que escolhem a via extra-escolar ou a via escolar
como a mais favorável à realização de cada um dos 14 objetivos educativos**

Objetivos educativos	Porcentagem de alunos que escolhem a via extra-escolar			Porcentagem de alunos que escolhem a via escolar		
	Total %	5ª %	2ª %	Total %	5ª %	2ª %
A						
Saber utilizar seu tempo livre	92	93	91	8	7	9
Levar uma vida familiar feliz	87	86	88	13	14	12
Estar em boa condição física	76	71	82	24	29	18
Ser capaz de trabalho manual	74	62	81	26	38	19
Saber se virar na vida	70	63	78	30	37	22
Ser capaz de criar no plano artístico	65	50	81	35	50	19
Conhecer a amizade e a camaradagem	64	54	73	36	46	27
Saber o que mais conta na vida	54	44	64	46	56	36
B						
Apreciar as obras culturais	46	54	38	54	46	62
Ser um cidadão responsável	37	37	38	63	63	62
Ser capaz de se expressar e comunicar	34	37	32	66	63	68
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	31	28	34	69	72	56
Ter uma profissão interessante	14	19	8	86	81	92
Saber utilizar os conhecimentos científicos	12	13	12	88	87	88

Fonte: Dumazedier, 1994, p. 84.

Foram detectadas três grandes conclusões gerais, partindo-se desses dados apresentados acima:

1. A escola, para os jovens, não tem o monopólio da educação.
2. Existe uma complementariedade variável entre as atividades praticadas no tempo livre e no tempo escolar. O lazer

contribui mais para a formação da personalidade e da sensibilidade. O trabalho escolar é prioritário na comunicação de saberes estruturados, onde encontra-se a sua especificidade.

3. Em apenas quatro objetivos são registradas maiorias maciças num ou no outro sentido. Houve um equilíbrio. Sobre o ponto de vista dos próprios interessados: não está aí uma informação relevante sobre o real processo educativo?

Agora, vejamos na figura 6 (variações de idade e sociais), como estas escolhas descritas acima, variam segundo a idade e a classe social. A idéia é verificar se quando os jovens mudam de faixa etária muda também o comportamento em relação a escola ou ao tempo livre e, se as desigualdades sociais no acesso ao conhecimento e ao diploma escolar, influenciam essas escolhas. As classes foram reagrupadas segundo o trabalho do pai ou da mãe (quando esta era a “cabeça” do casal).

Quanto às variações de idade e sociais, observou-se que: as crianças das faixas etárias pesquisadas e todas as classes sociais, demonstraram um equilíbrio entre a via do trabalho escolar e a formação propiciada pelo lazer, com algumas pequenas variações, que não chegam a determinar um conceito. Observou-se que as crianças mais velhas tem uma confiança menor na via escolar, e que a via extra-escolar predomina mais nas classes privilegiadas do que nas classes mais populares. Para compensar, nas classes populares, pode-se verificar a maior progressão na escolha de um equilíbrio entre as duas vias. E, finalmente, mesmo modificando a repartição das escolhas, a ação das desigualdades sociais não modifica, de forma radical, a conclusão sobre o duplo processo educativo.

Figura 6: Variações de idade e sociais.

Varição da escolha das vias de aprendizado escolar e extra-escolar para atingir o conjunto dos catorze objetivos educativos: alunos de 6ª série do 1º grau e 1ª série do 2º grau

	A aprendizado escolar dominante	B aprendizado extra-escolar dominante	C equilíbrio dos dois aprendizados	Total
1. Operários e empregados N = 83	26,5% /22	13,2% /16	54,2% /45	100% 83
2. Funções intermediárias N = 132	10,6% /14	34% /45	55,3% /73	100% 132
3. Altos dirigentes N = 98	10,2% /10	37,7% 37	52% /51	100% 98

Varição da escolha das vias de aprendizado escolar ou extra-escolar para atingir os catorze objetivos educativos propostos: alunos de 6ª série do 1º grau

	A	B	C	Total
1. Operários e empregados N = 55	30,9% /17	18,1% /10	50,1% /28	100% 55
2. Funções intermediárias N = 46	17,4% /08	26% /12	56,5% /26	100% 46
3. Altos dirigentes N = 60	15% /09	30% 18	55% /33	100% 60

Varição da escolha das vias de aprendizado escolar ou extra-escolar para atingir o conjunto dos catorze objetivos educativos propostos: alunos da 1ª série do 2º grau

	A	B	C	Total
1. Operários e empregados N = 55	17% /5	21,4% /6	60,7% /17	100% N = 28
2. Funções intermediárias N = 46	6,9% /6	38,3% /33	54,6% /47	100% N = 86
3. Altos dirigentes N = 60	0 /1	50% 19	47,3% /18	100% N = 38

Fonte: Dumazedier, 1994, p. 90.

É importante registrar que os jovens foram entrevistados e puderam comentar sua opinião a respeito da escola. Seus depoimentos puderam contatar que os jovens não revelam nenhum desejo de suprimir a escola. O anseio geral é o de limitar o aprendizado escolar a certas áreas, certas matérias, e associá-lo muito mais ao campo da aprendizagem voluntária durante o tempo livre, tempo extra-escolar. Em geral, a autonomia e a iniciativa, tão valorizadas pelo atual mercado de trabalho, são associadas ao tempo de lazer na confrontação com o tempo escolar e o desenvolvimento de

novos meios audiovisuais e informativos como: TV, video cassete, computador, softwares educativos, com facilitado acesso, muitas vezes na própria casa, certamente aumentando a atração pelo aprendizado voluntário no tempo livre.

No que diz respeito ao processo educacional, ao trabalho escolar: nenhuma reforma educacional conseguiu suscitar um maciço entusiasmo pela educação, seja ela individual ou coletiva e, não somente durante o tempo escolar mas também, durante todo o ciclo da vida. Para Dumazedier (1994, p.91): “A revolução cultural do tempo livre da juventude deveria antes de mais nada ser levada a sério por uma nova concepção das relações de aprendizado entre as atividades escolares e as atividades extra-escolares”.

Desde a infância o lazer já demonstra ser o tempo mais longo e mais atrativo e, provavelmente, o será cada vez mais para o adulto também, segundo as tendências observadas. “Nada é portanto mais importante que preparar longamente para o desejo e para a capacidade de se autoformar” (Dumazedier, 1994, p. 92).

Como pode-se fazer nascer uma sociedade educada para o lazer e através do lazer?

Segundo Ansarah (1996, p. 3), existem três importantes fontes, dentro e fora do trabalho:

- “a) no trabalho com o atual incremento da formação profissional dentro das empresas e de organizações voltadas a essa finalidade;*
- b) na escola sob o influxo das atividades curriculares e, sobretudo, extracurriculares;*
- c) no lazer com atividades assumidas, voluntariamente, pela própria população”.*

Juntas essas atividades vão criando a consciência da necessidade de uma formação permanente e, ao mesmo tempo, vão propiciando novas oportunidades para a assimilação de um novo estilo de vida, aprendendo a viver melhor. Cabe à sociedade estabelecer, de forma espontânea, essas três fontes com função educativa e que isto se realize através da auto-educação, onde as atividades de lazer possam contribuir para o desenvolvimento do ser humano. O lazer é um veículo privilegiado de educação, mas para a sua prática é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação mais elaborada, pois trata-se de uma atividade voluntária. O lazer também passa por um duplo processo educativo, ao mesmo tempo é veículo de educação e objeto de educação. Para melhor compreensão desse processo educativo, do qual o lazer faz parte, vamos explanar, mais detalhadamente o assunto, a seguir:

Lazer como veículo de educação: (Educação pelo lazer). É importante considerar algumas das potencialidades do lazer para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, como: o aguçamento da sensibilidade ao nível pessoal, o incentivo ao auto-aperfeiçoamento, as oportunidades de contatos primários e o desenvolvimento da solidariedade. “A educação para o lazer, através da prática do lazer, é uma realidade” (Renato Requiça *apud* Ansarah, 1996, p. 5). É também, muito importante um processo educativo que incentive a imaginação criadora e o espírito crítico. O lazer, considerado como um dos possíveis canais de atuação no plano cultural, pode contribuir para uma nova ordem moral e intelectual, favorecendo mudanças no campo social, ou seja: conforme considera Marcellino (citado por Ansarah, 1996, p. 5), “o lazer como campo privilegiado para a educação permanente, portanto fica caracterizada a visão utilitarista/compensatória das atividades praticadas no “tempo livre” e seu caráter “funcionalista”, como dissimulador das desigualdades”.

O lazer como veículo de educação pode ajudar a combater um dos perigos que a monocultura do lazer, principalmente a tradicional oposição entre o corpo e a mente (dualismo cartesiano) e entre a arte e o esporte; transformando os tradicionais centros de cultura, os ginásios para prática de esportes e os teatros, em espaços polivalentes e integrados, onde a dança, as exposições, as artes manuais, os esportes, a música, o teatro e muito mais, estejam interligados. Também, a utilização do lazer como veículo de educação pode ajudar muito no processo de educação para a tolerância, pois a socialidade, no lazer, é muito rica de contatos sociais das mais variadas espécies possíveis, propiciando um riquíssimo intercâmbio de idéias e experiências. Não esquecendo-se, contudo, que este tempo é também muito importante para a reafirmação da própria subjetividade humana, em outras palavras, a afirmação de um estilo próprio, demonstrada através das atitudes, do estilo, do comportamento, das roupas, dos gestos, etc... No lazer as classes culturais são variadas e, em geral, não se confundem com as classes sócio-econômicas. A sociabilidade nasce, basicamente, entre os grupos de uma expressão mais conservadora ou de uma expressão mais renovada. A educação para a tolerância é essencial no lazer.

Lazer como objeto de educação: (Educação para o lazer). Deve-se considerar a necessidade da educação para o lazer, para a arte de viver, sem perder-se o necessário equilíbrio entre trabalho e lazer. Deve-se aprender a “usar o tempo livre”. Segundo Camargo (1990), a maior parte do tempo livre é um tempo de exposição ao produto de outros, à produção cultural de outros (televisão, discos, rádios, etc ...). A educação para o lazer consiste, então, em estimular a própria produção cultural, ou seja: prática de esportes, leitura, poesia, atividades manuais, teatro, composição musical, fotografia, entre outros

... “Consumem-se obras prontas, bem acabadas, o que, em si é bom e desejável, desde que não se iniba a própria capacidade de produzir ou, ao menos, de criticar” (Camargo, 1990, p. 85).

Incentivar ou, ensinar essas diferentes práticas de lazer, deve-se alertar, não é preparar para um futuro virtuose. Não se deve repetir no lazer o modelo de “cobrança de resultados” da escola. Essa preparação para a virtuosidade, em qualquer área, exige muito estudo e aperfeiçoamento, mas, todos os esportes ou práticas artísticas, podem ser rudemente assimilados em pouco tempo, com muito prazer. Uma nova pedagogia do lazer liga o aprendizado dessas modalidades ao prazer de expressar-se e não ao sucesso comercial ou ao aplauso. Em resumo: a nova pedagogia do lazer busca, ao mesmo tempo, proporcionar a prática de atividades criativas, dentro das necessidades lúdicas do nosso dia a dia e aprimora o espírito crítico sobre as obras dos gênios.

Como parte integrante dessa educação para o lazer, não se pode deixar de lado o processo de democratização da cultura, que já tornou-se palavra de ordem nos discursos políticos, principalmente tratando-se da cultura. Sonho distante, pois não se conhece nenhuma sociedade onde a vida cultural não seja dominada pela indústria cultural ou seu equivalente governamental e, nem mesmo, se conhece uma sociedade onde a maior parte da população freqüente bons cinemas e bons teatros, por exemplo, com regularidade. O problema não está apenas na renda (fator econômico), existem muitos outros fatores como: idade, sexo, local de moradia, nível cultural da família, interesses pessoais. Para desfrutar de algumas atividades de lazer é preciso educar-se e este é um papel de toda a sociedade, da escola, da família, do governo, da igreja. Segundo Camargo (1990, p. 90), “Sem se aceitar reducionismos do tipo de que apolítica cultural em países pobres é luxo. Na realidade, é um desafio a

mais para os países pobres, já que a abundância dos países ricos também não conseguiu resolvê-la”.

2.6.1 Tipos de educação

Citado por Ansarah (1996), Camargo define três tipos de educação, que nos são úteis para que possamos compreender o verdadeiro papel do lazer no processo educativo, são elas:

Educação Formal: é o tipo de educação que se processa por instituições com finalidades educacionais, como as escolas, universidades e a própria família.

Educação Informal: é o conjunto de informações proporcionadas pelos diferentes agentes sociais, como os meios de comunicação, os meios culturais (teatro, cinema, etc...), indústria cultural, indústria de entretenimento e, pela própria convivência entre as pessoas.

Educação Não-formal: é a participação social aberta e descompromissada em atividades lúdicas, voluntárias, desinteressadas, prazerosas e libertárias, que pode ser o momento para abertura de uma vida cultural intensa, diversificada e equilibrada com as obrigações profissionais, familiares, religiosas e políticas. É, principalmente, aqui que se encaixa o trabalho de educação pelo lazer e para o lazer.

2.7 Os Novos Mercados de Trabalho

“... a escola continua preparando o jovem para o mercado de trabalho; isso também está errado – ela tem que prepará-lo para o mercado

empreendedor. O mercado de trabalho daqui a pouco acabará. Não existirão mais funcionários de carreira.” (Klink, 2000, p.103)

As pessoas em busca de trabalho tem aumentado por uma série de razões: aumento da população do planeta; aumento do número de pessoas escolarizadas; êxodo rural; estrangeiros, principalmente do terceiro mundo, que quase não encontrando trabalho em suas pátrias vão buscá-lo em outros países, especialmente os países de primeiro mundo; mulheres, antes excluídas do mercado de trabalho; deficientes; velhos, visto que a vida vem se prolongando. Certamente todas essas pessoas tem desejos legítimos de estarem empregadas e merecem ter esse desejo satisfeito. O grande problema é que temos um desequilíbrio no mercado de trabalho: mais trabalhadores do que empregos, do que trabalho.

Do outro lado, também os motivos para esse desequilíbrio no mercado de trabalho são bastante claros: novas tecnologias, que vem substituindo o ser humano a cada dia; progressos organizacionais, que conseguem combinar melhor os fatores produtivos, diminuindo o número de pessoas empregadas, obtendo os mesmos e/ou melhorados produtos e serviços; a globalização, permitindo a instalação de fábricas em qualquer lugar do planeta, geralmente, onde a mão-de-obra é mais barata; diminuição dos casos de doenças e, conseqüentemente, mortes, diminuindo assim, as substituições; as privatizações, que fatalmente reduzem os quadros funcionais (veja um caso específico do Estado do Paraná: o banco do estado, Banestado, foi recentemente privatizado e o Itaú passou a administrá-lo. No primeiro mês 30% do quadro de funcionários já foi dispensado e, segundo uma entrevista do

superintendente do Itaú para uma rede local de televisão, a idéia é dispensar cerca de 70% do quadro); também os problemas com a inflação e a recessão, que sempre trazem consigo o desemprego (Zanuzzi, 2000).

O quadro parece desesperador e os remédios contam-se nos dedos das mãos: manter os jovens mais tempo na escola; reduzir drasticamente a jornada de trabalho, redistribuindo-a; incrementar a formação profissional; incentivar o consumo; inventar novos campos de atividades, relacionados às novas necessidades (o lazer é uma dessas novas necessidades); teletrabalho, que pode, perfeitamente, ser realizado em casa, evitando o deslocamento até a empresa. Segundo De Masi (1999b, p. 17):

“Quando tiverem experimentado todas elas, quando o furor dos desempregados obrigá-los a se tornarem inteligentes, finalmente tomarão o único caminho eficaz, baseado no replanejamento da existência e no abandono do trabalho como única razão da vida e única fonte de poder aquisitivo”.

A sociedade em que estamos vivendo exige cada dia mais do indivíduo uma condição intelectualizada de vida, deslocando toda a exploração dos braços para o cérebro. As máquinas estão de tal forma aperfeiçoadas, que hoje, pode-se dizer, já substituem quase toda a fadiga física e intelectual. Sobrando mais tempo para o trabalho do tipo criativo e também para a prática do lazer (que, esperamos, seja também criativo). Na sociedade pós-industrial, praticamente todas as coisas são feitas com o cérebro, requerendo inteligência, criatividade e preparação cultural.

Durante a fase industrial, a indústria produzia os bens, serviços e valores, para depois impô-los à sociedade. Agora, o que tem acontecido, é exatamente o contrário; a sociedade elabora suas próprias necessidades e o mercado

procura atendê-las. Isto é um reflexo da nova economia, abrindo o caminho para os novos mercados de trabalho. A empresa atual mobiliza outro tipo de trabalhador, aquele que vai “captar” com antecedência as menores oscilações de gosto, tendências e necessidades do cliente. São eles: os sociólogos, economistas, psicólogos, cientistas, projetistas, criadores, estilistas, publicitários, designers, etc... Tudo isto obriga a empresa a se modificar, transformando sua organização, que não pode mais ser baseada na imposição, fiscalização e repetição; mas sim, na escuta, na observação, motivação, criação e compromisso. Somando-se a colaboração do progresso tecnológico, a globalização, o progresso educacional e cultural do trabalhador e do consumidor, conclui-se que a organização tradicional do trabalho está profundamente modificada (De Masi, 1999c).

Hoje, é extremamente difícil especificar o lugar de produção de um determinado objeto. Normalmente ele é o resultado das mais diferentes pesquisas e componentes, realizados nos mais diferentes locais do mundo. Ou não, pode ser aqui pertinho, do lado. É o mundo globalizado, modificando as relações do mercado de trabalho e trazendo novos mercados à tona (De Masi, 1999c).

Neste início de século as transformações sociais e econômicas parecem estar determinando o crescimento tanto do desemprego quanto do trabalho informal. A tecnologia fez muitos empregos desaparecerem do mercado, mas em compensação criou muitos outros. Serviços, lazer e turismo são algumas das áreas que mais crescem e que realmente dependem das pessoas, pois estão na área de serviços, área que não para de crescer. A informática também cresceu bastante e depende muito do crescimento da tecnologia, das máquinas. Tem gerado muitos empregos. Provavelmente teremos menos

pessoas empregadas e mais pessoas trabalhando sozinhas. Cresce muito o mercado informal, muitos trabalharão em projetos que começam e terminam (Zanuzzi, 2000).

É de 1943 a lei trabalhista no Brasil e ela, a lei, não tem se adaptado aos novos mercado de trabalho. O congresso brasileiro vem encontrando dificuldade em mudar. Quando se discute a reforma trabalhista, os congressistas chamam para discutir a lei cidadãos que estão em uma “cidadela guarnecida” ou seja, pessoas que tem um emprego e/ou estão lutando por sua manutenção, como por exemplo: a CUT e os sindicatos. Dever-se-ia chamar também os desempregados e o pessoal do mercado informal de trabalho. A lei está com dificuldade em acompanhar os novos mercados, o novo tipo de emprego e trabalho (Camargo, 1996).

Atualmente, é importante não se preocupar em ter emprego, mas sim em ter trabalho. Cada vez mais os especialistas terão que ter conhecimentos gerais, obrigando-se a uma constante atualização. “Por isso que eu digo que valem os hoje não pelo que sabemos e sim pelo tanto que conseguimos aprender” (Klink, 2000, p. 102). Como já é possível perceber, em função de todas essas transformações comentadas no início deste texto, existem novos mercados em crescimento e é sobre estes mercados que iremos tratar.

Trataremos então, em termos de exemplo: do turismo, do teletrabalho, que não é exatamente um novo mercado de trabalho e sim uma nova forma de trabalhar, e do lazer, que graças ao aumento do tempo livre tem atraído muitos profissionais, pessoas que agora passam a se preocupar com tudo aquilo que pode ser realizado no tempo livre dos outros. De certa forma o turismo

também faz parte deste grande mercado que é o lazer, mas preferimos escrever um pouco sobre ele à parte, pois o consideramos muito importante na atualidade, visto que há países que sobrevivem, praticamente, do turismo. Acreditamos também, que o Brasil tem um potencial turístico muito grande e que isso atrai investimentos e gera empregos, além de ser uma forma bastante prazerosa de desfrutar do tempo livre.

2.7.1 Turismo

Graças à necessidade que o ser humano vem sentindo de dedicar mais tempo para o lazer, o turismo tem sido um dos mercados em crescimento.

Segundo Joffre Dumazedier (1996, p. 6) “a cada vez que sem a oportunidade de pesquisar as práticas de lazer numa sociedade, seja a norte-americana, a alemã ou a francesa, observa-se, invariavelmente, que tais práticas encontram-se em crescimento”. Isto é especialmente verdadeiro em relação ao turismo, às viagens de férias e finais de semana; também àquelas realizadas após a aposentadoria. Este fato parece acontecer no mundo inteiro.

Ainda, para Dumazedier (1996, p. 6): “o turismo para a terceira idade faz a fortuna das agências, qualquer que seja a estação ou a época do ano”.

Na França, de acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estatísticas (Revista E, 1996, p. 7) sobre as aspirações dos franceses, a necessidade de mais lazer surge em primeiro lugar. Além disso a pesquisa revelou que atualmente onze por cento da população francesa não trabalha.

E para países marcados por quadros agudos de dificuldades econômicas e sociais?

Hoje, a aspiração de viver um tempo social só para si mesmo, existe e independe de qualquer dificuldade social e econômica. Acredita Dumazedier (1996, p. 8), que este quadro “não possa ser contestado”.

Além disso, com as novas descobertas da medicina, a expectativa de vida segue aumentando. E mais, a aposentadoria é cada vez mais precoce e a jornada de trabalho vem diminuindo progressivamente.

“Trabalhamos hoje, praticamente a metade do tempo trabalhado por nossos ancestrais. Sim, pois eles trabalhavam aproximadamente três mil cento e sessenta horas por ano, sem noites livres, algumas vezes sem fins de semana, sem férias e sem aposentadoria remunerada. Ora, hoje em dia nós trabalhamos entre mil e quinhentas e duas mil horas por ano, com noites livres, fins de semana e férias para todos: férias que, conforme o país oscilam entre duas e seis semanas” (Dumazedier, 1996, p. 7).

No caso específico do Brasil, segundo pesquisa da Embratur (Revista Você S.A., 1998), um em cada doze brasileiros empregados trabalha com turismo e no ano 2000 teremos um em cada dez. Lembrando-se que o turismo

inclui muitas atividades como: transporte, alimentação, acomodação, entretenimento, negócios e muito mais.

O Brasil também “exporta” turistas e, em função disso, profissionais brasileiros têm sido contratados para trabalhar com turismo no exterior, como por exemplo: guias nas agências de turismo, tradutores, trabalhos nos cruzeiros marítimos, dentro da Disney e outros tantos parques temáticos, comissários de bordo, etc...

2.7.2 Teletrabalho

A quantidade e a qualidade das idéias está cada vez menos ligada a um tempo e um espaço definidos. As novas tecnologias em transporte e informática permitem, por exemplo, diminuir e, até mesmo, anular as distâncias; transformando alguns tipos de trabalho, principalmente o trabalho do tipo intelectualizado, em teletrabalho. Ou seja, o trabalho descentralizado do escritório, com o auxílio de novas e antigas tecnologias: telefone, fax, computador, correio eletrônico e a própria internet.

O teletrabalho modifica completamente a nova organização de trabalho. O local de trabalho e a rigidez de horários não são mais uma parte da organização da empresa e, os chefes passam a controlar os resultados e não mais o processo e, geralmente, o controlam à distância. Para muitos trabalhadores é absolutamente

irracional que o trabalho seja, ainda, realizado em um escritório centralizado. O ser humano tem buscado a gestão autônoma, flexível, subjetiva e descentralizada. O que parece-nos perfeitamente compreensível, tendo em vista o avanço tecnológico. Voltamos, novamente, a citar a problemática do caos urbano: a vida metropolitana, os congestionamentos, a violência, os problemas ecológicos e os deslocamentos cotidianos, que tem tornado intolerável a corrosão do tempo livre, além de ser custoso e estressante. Isto, para muitos trabalhadores, é desnecessário. É uma constante fonte de stress, um desequilíbrio psíquico pelo qual muitos não precisariam estar passando.

Atualmente, já é possível ter uma empresa sem que ela exista fisicamente, mas sim, apenas virtualmente. Já é possível que os empregados possam trabalhar em locais geograficamente distantes entre si, interligados por redes on line. A internet é um bom exemplo deste novo tipo de trabalho. A cada dia surgem novos cargos na internet, são as chamadas profissões.com e, para Daniel Vargas (*apud* Zanuzzi, 2000) : “a maioria deles não exige formação nas áreas de tecnologia e sim pessoas capazes de gerenciar negócios, produzir conteúdos e aprender rapidamente a lidar com novas tecnologias”.

A internet é uma grande fonte de empregos, basta pensar em empresas como a Universo On Line, America On Line, Zip Mail, Internet Grátis, e tantos outros provedores de acesso à rede. Isto além das agências de publicidade, aquelas que criam sites para clientes, fazendo com que a Internet deixe de ser um reduto apenas para os técnicos, mas estenda-se a profissionais das mais diversas áreas como: educação, design, texto, imagem, venda, etc... É um campo tão vasto quanto o próprio alcance da Internet. Segundo dados da revista Você S.A (1998, p. 42): “há, no mínimo 54 especialidades ligadas à rede. E esse número só tende a aumentar”.

Descrevemos até aqui o que é o teletrabalho e, com a ajuda do sociólogo italiano Domenico De Masi (1999b), descreveremos o que não é teletrabalho:

“Teletrabalho não significa ficarem todos sempre em casa”. Pode ser adotado apenas para alguns tipos de trabalho, alguns dias da semana, do mês ou um período por ano.

“Teletrabalho não significa trabalho em domicílio”. Pode ser realizado em casa e/ou em escritórios satélites, mais próximos do que a sede da empresa. Não é um trabalho “clandestino”, mas sim, descentralizado (especialmente) sob todos os aspectos legais.

“Teletrabalho não significa informática”. Os magistrados, podem perfeitamente colocar seus trabalhos numa pasta e trabalhar em outro local, utilizando-se da telecomunicação como suporte às suas necessidades, indo aos tribunais somente para as audiências; professores poderiam ir para a Universidade apenas para ministrar as aulas e orientações, marcadas antecipadamente com os estudantes, todas as outras tarefas, que a profissão exige, poderiam ser realizadas em outro local.

“Teletrabalho não é anarquia”. Existe um controle, mas, em geral, é sobre os resultados e não sobre o processo. É menos dispendioso e menos alienante. Mais apropriado ao trabalho intelectualizado.

“Teletrabalho não é isolamento”. O número menor de relacionamentos de “trabalho” é compensado pelos relacionamentos “pessoais”. Em função da atual divisão do trabalho, a maioria dos trabalhadores pouco convive com a família, os vizinhos, o bairro e a vida da cidade. É provável, que com o teletrabalho, o trabalhador possa vir a desfrutar desse tipo de convívio social.

“Teletrabalho não é um meio de eliminar o desemprego”. Nasce a exigência de novas especialidades profissionais, podendo resultar em novos cursos e, como consequência, emprego para os

“formadores”. Por outro lado, diminui a necessidade das babás, enfermeiros para os idosos e reduz o custo de algumas coisas como, combustível, serviços de vigilância do trânsito.

Domenico De Masi (1999b), fez também, uma pesquisa sobre os efeitos verificados, apontando problemas, soluções e dúvidas, que o teletrabalho comporta. São eles:

✍✍ Corre-se o risco, com o teletrabalho, de perpetuar a divisão sexual do trabalho. Para os níveis mais baixos da hierarquia do trabalho, as mulheres e para os níveis mais altos, os homens.

✍✍ Verifica-se um aumento da produtividade e diminui-se as horas trabalhadas na execução do mesmo trabalho.

✍✍ Com exceção das pessoas que são solteiras, a maioria dos teletrabalhadores não se queixa do isolamento. Criam-se novos relacionamentos.

✍✍ Permanece a hierarquia, agora melhorada. A distância permite uma intervenção apenas quando é realmente necessário. Diminuem os pequenos conflitos.

✍✍ Aumenta o tempo livre, dando oportunidade ao crescimento cultural.

O resultado do teletrabalho parece ser uma maior autonomia e uma grande economia de energia, combustível, tempo, menos

poluição, menores congestionamentos do trânsito. A vida familiar poderia se intensificar, com a presença de todos os membros. A qualidade de vida das metrópolis poderia ser melhorada.

Ainda não temos pesquisas que possam quantificar o número de teletrabalhadores aqui no Brasil ou mesmo fora, em qualquer outro lugar do mundo, mas percebemos que essa é uma das tendências do mercado atual. Há algum tempo, a AT & T apresentou um relatório declarando possuir trinta e cinco mil teletrabalhadores e, a IBM italiana transformou três mil e quinhentos de seus funcionários, em teletrabalhadores. Entretanto o teletrabalho vai além dessas poucas estatísticas, pois engloba um grupo, hoje tão numeroso, que nenhuma estatística abarca. Vamos a alguns exemplos: os jornalistas e pesquisadores, que realizam muitos trabalhos via telefone, fax ou internet (entrevistas), são exemplos de pessoas que mesmo sem se darem conta disso fazem parte do grupo de teletrabalhadores.

O teletrabalho só é possível porque, cada vez mais, a atividade física é delegada às máquinas, não queremos dizer que a atividade física não exista mais, apenas, é que sem dúvida, ela está em muito menor escala do que foi no início da sociedade industrial, onde o ser humano fazia quase tudo manualmente. Cada vez mais a máquina assume o papel do homem no que diz respeito ao esforço

físico, às atividades repetitivas, e às de simples execução. Aos seres humanos cabe desempenhar o trabalho criativo e flexível e, isto exige uma escolarização, pois as matérias-primas utilizadas não são mais materiais, são imateriais: são as informações.

Deve-se ao teletrabalho a “mistura” do tipo de produção pré-industrial, onde o artesão trabalhava em casa, em sua própria casa-oficina, participando de todo o processo e do tipo de produção industrial, onde existe uma comunicação com os outros setores, como as fábricas. Os empregados podem estar nos mais diferentes lugares do mundo e continuam dialogando pelo correio eletrônico, celular, videoconferência, etc..., como se estivessem todos numa mesma sala. Hoje, podemos interagir com pessoas de todo o mundo com tal facilidade, que passamos a ter um relacionamento muito mais regular com algumas pessoas que vivem a quilômetros de distância do que com o próprio vizinho. Tudo graças à tecnologia.

Também a necessidade da interdisciplinaridade, cada vez mais aparente. Muitas vezes para desempenhar bem uma tarefa, é preciso um contato que vai além daquelas pessoas que estão no escritório, precisa-se de novos contatos, bancos de dados, bibliotecas, pessoas e coisas que podem estar em qualquer lugar do planeta.

2.7.3 Lazer

Essa é uma nova categoria de trabalhadores, de um novo mercado: o mercado do lazer. São os animadores socioculturais, artistas, professores de educação física e educação artística, recreadores, promotores de eventos, músicos, acróbatas, bailarinos, etc...

Este mercado também surge da necessidade que o ser humano vem adquirindo de ter mais tempo para si mesmo. Cuidar da saúde mental e física, relaxar e desenvolver-se (daí a importância de o lazer ser criativo). “O lazer como ocupação do tempo livre deveria ser um espaço para o real desenvolvimento do indivíduo” (Cavalcanti, 1998, p. 87).

É um mercado exigente, que necessita de pessoas bem qualificadas, não interessa apenas a formação e sim a capacidade de aprender e, principalmente a agilidade e a flexibilidade no trato com a informação.

Aqui, se o cliente necessita trabalha-se nos fins de semana, feriados; em qualquer horário. Alguns exemplos: personal trainer, animador turístico, professor de ginástica laboral, recreador público, promotor, etc...

Existe, também, a necessidade de se trabalhar com o marketing de relacionamento, além de buscar o aprendizado de outros idiomas e a informática. Estar bem informado é o ponto alto do negócio. Aprender a manejar o bem mais precioso da nova economia que é a informação (Zanuzzi, 2000).

No lazer não é mais possível trabalhar sozinho, precisa-se das outras pessoas, outros profissionais, para juntos realizarem uma análise de todos os aspectos que envolve este tipo de trabalho, desde a atividade, local, grupo a que se destina, objetivos e a própria realização da atividade, que normalmente envolve mais de um profissional. Por exemplo: o personal trainer, em geral, trabalha com o nutricionista, mantém convênios com academias, médicos, profissionais de educação física para realizar avaliações periódicas, entre outros.

Neste tipo de mercado a capacidade de se relacionar com os outros é muito valorizada e a interdisciplinariedade também. É o tipo do profissional que pensa como se pode preencher o tempo livre das pessoas e, no caso específico desse trabalho de dissertação, como preenchê-lo de forma criativa.

Vamos a um exemplo do governo do Paraná que conseguiu modificar os cursos de reciclagem para os professores das escolas públicas, utilizando-se desse tipo de profissional (profissionais do

lazer). Tornando, assim, os cursos de reciclagem, algo mais parecido com os cursos de motivação promovidos por grandes empresas. “Este é um curso de motivação, quase o mesmo que ministramos para empresas como a Souza Cruz, Petrobrás e Bradesco”, diz Arthur Pereira de Oliveira e Filho (Veja, 1996, p. 55).

Os professores assistem palestras sobre a História do Brasil, passam por sessões de ginástica aeróbica e alongamento, participam de conferências sobre temas de interesse geral, assistem e participam de peças de teatro ao ar livre, concertos musicais e balés e trocam experiências pedagógicas, discutindo com especialistas das mais diversas áreas. Tudo isso num belo e aconchegante ambiente rural, com bosques e espelhos d’água. O alojamento tem casas coloridas e confortáveis e as refeições são balanceadas. “Não há como escapar dessa imersão cultural” (Veja, 1996, p. 55). Nos intervalos entre as atividades o som ambiente são composições eruditas e telões exibem apresentações de dança.

“A Secretaria de Educação do Paraná aposta que, a média prazo, os dois milhões e trezentos mil alunos das escolas públicas do Estado contarão com professores mais interessados em sua profissão” (Veja, 1996, p. 55). Trata-se de uma experiência inesquecível para os participantes.

O trabalhador da área de lazer é, em geral, um facilitador, um interlocutor entre o público e o trabalho cultural. Vai além do simples consumo cultural. “Tem como características: versatilidade; sensibilidade; cultura abrangente e diversificada; criatividade; atualização; energia e boa-vontade; ousadia e originalidade” (Pina, 1996).

2.8 Trabalho e Lazer

“No futuro, seremos cada vez mais sedentários, no que diz respeito ao trabalho, e cada vez mais nômades, no que concerne ao lazer” (De Masi, 2000a, p.171).

Atualmente, trabalho estudo e lazer se coincidem e se confundem, principalmente nas atividades criativas. Não basta estar longe da empresa para esquecer do trabalho e, ao mesmo tempo, não basta estar na empresa para estar trabalhando. É perfeitamente possível estar na empresa e, ao invés de trabalhar, a cabeça ficar vagando, sem se aplicar aos deveres do trabalho. O trabalho do tipo criativo foge ao controle do tempo e do espaço.

Nas organizações criativas, o abstenseísmo não é mais um fato físico, que pode ser punido, cobrado, enumerado. Não pode ser combatido pelo controle disciplinar. Só o lazer e a motivação podem

diminuí-lo. O lazer começa a aparecer como fator central da economia moderna: o mercado pós-industrial consome idéias e pede uma capacidade criativa interminável. A capacidade criativa pode ser incrementada pelo lazer, que permite uma regeneração da mente, assim como o descanso físico regenera os músculos.

Legado da sociedade industrial, continua-se a repetir que o ócio é o pai de todos os vícios. Esquecendo-se que “sem uma classe ociosa, a humanidade nunca teria saído da barbárie” (Russell, *apud* De Masi, 1999b, p. 306). Foi a classe ociosa que transformou o mundo no que hoje chama-se civilização. Essa classe cultivou as artes e realizou as descobertas científicas, sociais e filosóficas, escreveu os livros e idealizou a libertação dos oprimidos. A atividade industrial desacreditou e destruiu a arte de estar ocioso e esta arte é indispensável para o trabalho intelectual.

Pausa não é perda de tempo e sim condição essencial para o ato de construir, compor, criar. É uma necessidade do trabalho criativo. Para corresponder prontamente aos valores emergentes da sociedade pós-industrial, as organizações necessitam de criatividade e, por isso, precisam de pessoas motivadas. Quando as organizações se valem dos velhos métodos organizativos de controle, provocam efeitos desmotivadores, criando barreiras à

criatividade. A criatividade nasce do tempo livre e para se ter idéias é preciso introspecção.

Fala-se muito em redução da jornada de trabalho, de mais tempo livre, tempo para si mesmo, para a família, para relaxar e curtir a paisagem, para ser mais crítico, para aprender e se desenvolver. Além do que, trabalhando-se menos, poderia haver mais trabalho para todos. Contudo, percebe-se que esta fórmula nem sempre ocorre na realidade que nos cerca. Existe, por exemplo, o fenômeno do “overtime”, que quer indicar um hábito, consolidado ao longo dos anos, por parte dos executivos, principalmente latinos e japoneses (no caso dos norte-americanos, apenas para os altos cargos), de permanecer no trabalho muito mais tempo do que é realmente necessário, mesmo que não seja remunerado por isto. Alguns são sobrecarregados de trabalho, geralmente em função da má distribuição de tarefas; entretanto, para a maioria dos executivos o trabalho diminui e poderia ser, perfeitamente, realizado em 5 ou 6 horas no escritório (De Masi, 1999b).

Milhões de trabalhadores intelectuais, ao contrário de reduzirem sua jornada de trabalho, tem aumentado, sistematicamente, o tempo de permanência na empresa, fazendo companhia ao chefe, que por sua vez acostumou-se a ter gente por

perto, de preferência gente estressada. É uma dependência psicológica do empregado e também da chefia. As pessoas se habituaram de tal forma a passar o dia no escritório, que se saírem antes ficam desorientadas. Não sabem o que fazer no tempo livre. Precisam aprender, precisam educar-se para viver um novo mundo. “O overtime, com efeito, não só destrói a criatividade e a agilidade de uma empresa, mas afeta também a vida familiar e o crescimento pessoal do empregado” (De Masi, 2000a, p. 161).

Existe uma convicção errada de que quanto mais tempo se passa no trabalho mais se produz. Isso só é válido quando se trata de parafusos: se produzimos 200 parafusos em duas horas, em quatro horas podemos produzir 400 parafusos. Contudo, tratando-se de idéias e soluções, esse simples raciocínio matemático, não funciona. A quantidade de idéias produzidas não é diretamente proporcional ao tempo de permanência no escritório. O que ocorre é exatamente o contrário, trancado em um local pode se perder muito da paisagem (num sentido amplo) e pouco se recebe de estímulos criativos. Sem contar o fato de que existem muitas daquelas pessoas que ficam além dos seus horários no escritório, matando tempo e inventando novos procedimentos burocráticos para serem realizados pelos outros. É uma doença! É principalmete por estas razões, que alguns cientistas e sociólogos, preconizam uma

redução drástica da jornada de trabalho. Mas por que “drástica”?
(De Masi, 2000a).

Parece-nos um exagero, mas se esses trabalhos nos escritórios fossem melhor distribuídos e, uma vez feito isso, se pudesse trabalhar 5 ou 6 horas diárias, muitas vezes dentro da própria casa, utilizando-se das tecnologias disponíveis e a serviço do homem, que é o teletrabalho, o problema do desemprego continuaria exatamente igual. Cada vez mais consegue-se produzir mais e melhor em menos tempo. Isto é muito claro. Daí a necessidade de uma redução drástica da jornada de trabalho. Talvez 3 ou 4 horas por dia, em dias alternados, não sabemos bem, ainda. Algumas empresas da Europa tem adotado sistemas de redução da jornada de trabalho bem interessantes. É o caso da Volkswagen, que já trabalha com 28 horas semanais e da Audi, na Alemanha, que trabalha com 6 horas por dia, 2 horas a menos que a própria Audi instalada em São José dos Pinhais-PR. Tudo isso poderia contribuir para o aumento do número de pessoas empregadas. Apenas, é que tem que ser drástico, para que realmente envolva a necessidade da contratação de mais pessoas e não apenas diminua o tempo de trabalho, o que, sem dúvida, já seria muito bom. Entretanto, a pessoas poderiam acabar arrumando mais de um emprego, o que também é melhor do que passar o

tempo todo trabalhando em um único local. Muda tudo, muda a paisagem, o que é bastante saudável e alimenta a criatividade (De Masi, 2000a).

O problema é que as empresas, em geral, são conservadoras e estão apenas reduzindo, aos pouquinhos, o tempo de trabalho e, em muitos casos estão até mesmo demitindo. Sem contar o fato de que as organizações aprenderam a trabalhar com lucros excessivos e não pensam em reduzi-los, apenas em aumentá-lo. Não vamos voltar aqui ao que já ouvimos falar bastante no Brasil: o chamado pacto social, que, sem dúvida, acreditamos, mas sabemos ser muito distante da realidade e merecedor de uma pesquisa inteira apenas a esse respeito. Contudo, é preciso pensar numa outra globalização, num modo diferente de distribuição das riquezas e, as relações de trabalho são um dos principais alicerces deste tipo de projeto.

Hoje, pela primeira vez, desde os tempos de Ford e Taylor, mudar a organização do trabalho pode significar a mudança de toda uma existência. É a verdadeira Revolução Cultural de Tempo Livre, como escreveu o francês Joffre Dumazedier (1994), em seu livro com este nome. Não somente as empresas passam por mudanças, o ser humano também. O indivíduo que passou a vida inteira trabalhando, por horas a fio, pode ter agora, diante de si, muito

tempo livre e , muitas vezes, não sabe o que fazer com esse tempo. Necessita de uma reeducação para o lazer. Isso significará mais tempo com sua família, com sua comunidade; a possibilidade de ler mais, de estar mais bem informado, de participar da política e do engajamento social. É uma mudança de paradigma. Vive-se hoje a sociedade pós-industrial, que como o próprio nome diz, é um termo que ainda não retrata o que acontecerá, mas recorda o que já não se vivencia mais.

Através da pesquisa, realizada por Dumazedier (1994), conseguiu-se encontrar alguns traços, considerados essenciais, para o surgimento sociedade pós-industrial, são eles:

- ✍✍ O predomínio do trabalho intelectual, motivado pela tecnologia eletrônica;
- ✍✍ A partir da segunda metade de século XX, a produção de bens materiais (industrial) deu lugar à produção de bens materiais (serviços);
- ✍✍ É uma sociedade baseada no saber e na informação;
- ✍✍ O tempo de lazer prevalece sobre o tempo de trabalho e a qualidade de vida prevalece sobre o consumismo;
- ✍✍ Atualmente são os ricos que fazem guerra aos pobres e não o contrário, como era na sociedade industrial. O crescente número de indivíduos desocupados gera

preocupação com a segurança dos ricos, deixando intranquila grande parte da população;

✍✍ É cada vez mais clara a diferença entre os países comunistas (capazes apenas de distribuir a riqueza, sem produzi-la) e os países capitalistas (capazes apenas de produzir as riquezas, sem distribuí-la);

✍✍ Cada dia mais o trabalho é de natureza flexível e criativa. Estudo, trabalho e lazer são atividades que passam a se misturar e se completar;

✍✍ Vai ficando clara a diferença entre os países que monopolizam as atividades científicas e criadoras, os países que produzem e executam e os países que apenas consomem (subdesenvolvidos). A importância de um país está ligada à sua produção de idéias.

✍✍ Exigência máxima de criatividade, privilegiando a emoção e a afetividade;

✍✍ Novos sistemas, números e interdependentes, articulam a nova sociedade;

✍✍ Na nova sociedade interagem três coisas: o virtual, o humano e o financeiro.

A sociedade pós-industrial vem carregada de novos valores e características também, como: **globalização**, a “aldeia global”; o mundo todo assiste aos mesmos filmes e ouve as mesmas músicas, Mc Donald’s e Coca-Cola são figurinhas fáceis em praticamente todos os lugares do planeta, a moda tem reflexos em todos os países e usa-se os mesmos objetos, tendendo aos mesmos costumes. Bem poucas línguas sobreviveram, existiam mais de 20.000 línguas, atualmente, apenas 7.000 e entre essas 7.000 houve um processo de hierarquização: inglês e espanhol são indispensáveis para a moderna comunicação. Exatamente por causa da globalização o indivíduo vive hoje diante de uma bifurcação, de um lado ele pode se deixar carregar pela globalização, a massificação e, por outro lado, ele pode aproveitar as oportunidades que estão sendo abertas para afirmar a sua própria subjetividade (De Masi, 2000a).

Uma segunda característica é o tempo livre, ou melhor dito: o **aumento do tempo livre**. “Com pouco mais de um século, a duração média do trabalho de um operário caiu de aproximadamente 4.000 horas por ano para mais ou menos 1.600 horas”(Dumazedier, 1994, p. 33).

A **intelectualização** é uma terceira característica. Fica cada dia mais clara a idéia de que as atividades “cerebrais” predominam em

relação às “manuais”. Passa-se a agir cada vez mais com a cabeça, sem o uso da força física. Aumenta o investimento em educação, na formação dos jovens, no estudo de línguas, viagens, etc... A criatividade é a atividade intelectual mais apreciada; também a **estética** ganha muito mais espaço, pois quando um produto já atingiu uma extremada perfeição tecnológica resta-lhe apenas melhorara a estética, para aperfeiçoá-lo, refina-se a sua estética. Muitos objetos, que já atingiram um alto grau de aperfeiçoamento técnico, como por exemplo: os relógios e as lentes dos óculos, passam a ser escolhidos pelo seu design. Atualmente escolhe-se a armação do óculos (Paco Rabanne, Giorgio Armani, Chanel). Mesmo objetos que ainda não completaram ainda o ciclo de aperfeiçoamento técnico já são escolhidos e concorrem pelo design, como os telefones celulares e os computadores pessoais (De Masi, 2000a).

A estética acaba alimentando uma outra característica da sociedade pós-industrial, que é a **subjetividade**. Poder escolher produtos absolutamente diferentes e variados (como aqueles relógios da Swatch, com inúmeros modelos), alimenta o desejo, que é muito humano, de ser diferente dos outros, ao invés de ser igual, como o que ocorria na sociedade industrial. Cada indivíduo escolhe seus próprios programas: pode ser uma saída com amigos, um

passeio no parque, uma festa, simplesmente ler um livro, ouvir música, ficar em casa; sem estereótipos. Apenas ser você mesmo.

Outro valor emergente é a **emotividade**, trazendo consigo a **familiaridade**. Hoje, depois da conquista da razão – na sociedade pré- industrial, a esfera emotiva era muito valorizada, os fatos naturais como a chuva, os ventos, raios e doenças eram atribuídos aos deuses, à sua ira ou alegria, já para a sociedade industrial o triunfo foi a razão – agora, pode-se voltar a valorizar a emoção, que é ingrediente fundamental da criatividade. A sociedade pós- industrial tem delegado todas as tarefas cansativas e repetitivas às máquinas, deixando para o ser humano tarefas mais flexíveis, estéticas, intuitivas e criativas. Atividades essas que, historicamente, a mulher aprendeu melhor, simplesmente porque o homem foi educado para ser racional, rígido e programado e a mulher foi educada para ser criadora, educadora, assistente, sedutora. Os homens começam a adotar algumas características femininas: cuidar do corpo e do que se veste, demonstrar mais ternura, cuidar da casa e dos filhos, chorar no cinema; por sua vez as mulheres também vem adquirindo características mais masculinas: desenvoltura na vida pública, consciência do direito ao poder e a vontade de dividir com o homem as tarefas domésticas (De Masi, 2000a).

Também a **qualidade de vida**, que até então era quase um pecado, é encarada como um valor fundamental. Todos querem viver cada vez mais e melhor e os avanços na área da medicina proporcionam isto.

Uma outra coisa interessante dessa nova sociedade é o **nomadismo**, pois se por um lado a tecnologia permite o teletrabalho, onde é possível desempenhar todas as tarefas em casa, de roupão e chinelo, ou pelo menos em outros locais, que não exatamente a empresa, sem o transtorno dos deslocamentos de casa para o trabalho e vice-versa; por outro lado a exigência de estudos mais especializados, de trabalho e de cultura, impõe a cada dia mudança de cidade, estado, país. Os pequenos deslocamentos diminuem e aumentam os de maior distância e de maior duração. Existe o “nomadismo temporário”, onde o indivíduo usa como pretexto, negócios, férias, concertos de rock, encontro de jovens; para viajar. Segundo Dumazedier (1994, p. 38): “O turismo é um fenômeno histórico sem precedentes, na sua extensão e no seu sentido; é uma das invenções mais espetaculares do lazer da sociedade moderna”. Para a maioria dos cidadãos, até a Segunda Guerra Mundial, a única coisa que os fazia deixar sua terra natal era o serviço militar. As mulheres, sem esta obrigação, acabavam nascendo, vivendo e morrendo, quase sempre na mesma cidade,

às vezes até na mesma casa ou bairro. Atualmente, motivado pelo turismo, pela cultura ou por negócios, aumenta as chances de uma mudança ou de viagens menores.

Como consequência desse nomadismo temos um ser humano mais “elástico mentalmente”, mais aberto, flexível. A **flexibilidade** passa a ser uma característica obrigatória para a percepção e a facilidade de trabalhar com a diferença entre as pessoas, os lugares. Cresce a exigência por um ser humano capaz de enxergar a realidade pelos mais diversos ângulos, resolvendo problemas inéditos. Além do que, a experiência de mudança estimula a criatividade (De Masi, 2000a).

2.8.1 O Consumo transformado em produção

É estranho imaginar que o consumo também possa ser transformado em produção, mas atualmente vivencia-se esse acontecimento. De Masi (1999b, p. 218) lembra: “Quanto mais aumenta o tempo livre mais o repouso pode ser transformado em “consumo produtivo”.

Agora, aos fatos: quanto mais tempo se passa diante do televisor, mais se contribui para a audiência. Quanto mais pacotes turísticos, dentro do próprio pacote turístico já adquirido, o turista comprar, sendo absolutamente incansável, tanto melhor para as

operadoras de turismo. Quanto mais tempo se tem para dar entrevistas, atender telefonemas e receber pesquisadores, tanto melhor para depois se vender as pesquisas. O repouso tem se transformado em um tipo de trabalho não remunerado. Publicitários, pesquisadores, operadores de turismo e tantos outros profissionais, têm transformado em mercadoria o seu próprio interesse econômico.

Por estas razões, descritas acima, é que o consumo tem se transformado em produção. É altamente lucrativo. Na medida em que a televisão consegue mais audiência, ela pode cobrar mais por seus horários de propaganda, marketing e patrocínio. Resta ao indivíduo comprar os produtos, que ele mesmo ajudou a encarecer, aumentando seu prestígio (o prestígio do produto), através da sua audiência (a audiência do indivíduo).

Certamente, com o aumento do tempo livre, o tempo de consumo vai se transformando em tempo de trabalho não remunerado e, com a ampliação do teletrabalho, os jovens e aposentados mais tempo em casa, provocando uma convivência prolongada, os seres humanos acabarão por “pedir” uma cidade diferente e uma casa diferente.

“As fábricas ficarão um pouco mais emotivas e as casas um pouco mais racionais. Ambas serão transformadas em “intelligence buildings” adaptáveis a todas as atividades,

intercomunicando-se com todas as “networks” telefônicas, radiofônicas, de televisão e telecomunicações” (De Masi, 1999, p. 219).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Este estudo é de caráter descritivo-analítico e adotou técnicas mistas de trabalho: pesquisa bibliográfica, análise comparativa e o uso do instrumento questionário fechado para a coleta de dados.

3.2 População e Amostra

A população escolhida foram os alunos dos três cursos superiores de engenharia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – Unidade de Curitiba, são 1632 alunos, sendo 1401 do sexo masculino e 231 do sexo feminino. A amostra adotada são os alunos do primeiro período destes três cursos superiores de engenharia do CEFET-PR – Unidade de Curitiba, oferecidos em quatro diferentes modalidades: Engenharia de Produção Civil, Engenharia Industrial Mecânica, Engenharia Industrial Elétrica - ênfase em Eletrotécnica e Engenharia Industrial Elétrica - ênfase em Eletrônica. Inicialmente, esperava-se atingir e, portanto, utilizar o universo da pesquisa, ou seja, todos os 193 alunos matriculados no primeiro período, cursando uma das modalidades de engenharia do CEFET-PR – Unidade de Curitiba, durante o primeiro semestre do ano de 2001. Entretanto, segundo Babbie (*apud* Dantas, 1990, p. 32), 50% de respostas ou metade do universo pesquisado, já seria suficiente para validar a análise e o relato dos dados obtidos. Foi o que fizemos, trabalhamos com 75,64% do universo, 146 alunos, sendo 121 do sexo masculino e 25 do sexo feminino, o que permitiu a validação da pesquisa. Isto

ocorreu porque alguns alunos desistiram do curso; outros faltaram nos dias em que o questionário foi aplicado; outros ainda cancelaram, temporariamente, a matrícula no curso e, finalmente, alguns não estavam matriculados nas turmas nas quais o questionário foi aplicado. As turmas escolhidas para aplicação do questionário foram as de Matemática 1.

3.3. Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário fechado. Ele foi preparado a partir de um estudo feito pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier e publicado em seu livro *A Revolução Cultural do Tempo Livre*, entre as páginas 81 e 92. O estudo original foi realizado na França, com alunos de 5ª e 2ª séries (o que equivale para o modelo de ensino brasileiro a alunos da 6ª série do 1º grau e alunos da 1ª série do 2º grau). O questionário cobre um largo e diversificado campo, onde são propostos quatorze objetivos educativos, entre eles objetivos cognitivos e afetivos, de curto e de longo prazo. O aluno deverá escolher por qual das duas vias propostas (a via extra-escolar ou a via escolar), cada um destes quatorze objetivos educativos é melhor e/ou mais facilmente alcançado.

3.4. Coleta de Dados

A coleta de dados efetivou-se em duas fases, durante o mês de março de 2001.

3.4.1 Primeira fase da coleta de dados

A primeira fase da coleta de dados foi o contato com a instituição e foi realizada na primeira quinzena do mês de março. A pesquisadora procurou a instituição que faria parte do estudo (CEFET-PR – Unidade de Curitiba), indo diretamente ao DIVOE (Divisão de Orçamento e Estatística) e, mais tarde, ao AINFO (Apoio à Informática), onde pode recolher os principais dados para a elaboração da amostra: curso, sexo, idade, número de alunos, turno e período. Foram solicitadas essas informações e a colaboração (anexo 1 – estatísticas).

A seguir, foi obtida, junto à Secretaria Geral da Instituição uma relação com os nomes dos alunos matriculados no primeiro período do primeiro semestre do ano de 2001, de acordo com cada modalidade de engenharia (anexo 2 – espelho do diário de classe). Também, a pesquisadora entrou em contato com a COHAM (Coordenadoria de Horários e Ambientes), para obtenção dos horários de aulas, nome dos professores e as salas onde as aulas são ministradas (anexo 3 – horários). Finalmente, foi encaminhada ao chefe do DECEN (Departamento de Ensino de Ciências e Engenharia), uma solicitação de autorização para a realização da pesquisa, com o questionário em anexo. O que foi prontamente atendido, sem restrições (anexo 4 – solicitação de autorização).

3.4.2. Segunda fase da coleta de dados

A segunda fase da coleta de dados consistiu na distribuição e no recolhimento dos questionários. Esta etapa foi realizada no período de 26 a 30 de março de 2001. Todos os dados obtidos na primeira fase da coleta tornaram possível a identificação dos alunos, seus horários, salas e professores. Os questionários foram entregues aos professores do DAMAT (Departamento

Acadêmico de Matemática), onde mediante uma explicação por parte da pesquisadora, os professores cumpriram a missão de distribuí-los aos alunos das turmas previamente determinadas. No final da semana, todos os questionários foram recolhidos, conferidos e analisados pela pesquisadora.

4 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Tabulação

Os dados obtidos na pesquisa de campo, foram organizados, conferidos e tabulados manualmente e, depois, esses dados foram passados e reconferidos numa planilha eletrônica (Excel).

A seguir serão apresentadas as figuras: 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14, que são os gráficos – por sexo, por curso e pelo grau de escolaridade dos pais – relativos à tabulação dos dados da pesquisa escolar realizada; e as tabelas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13, que são os resultados – geral, por sexo, por curso, pelo grau de escolaridade dos pais e a comparação entre as pesquisas escolares realizadas por Dumazedier e, mais tarde, por Stadnik – também relativos à tabulação dos dados da pesquisa escolar realizada.

4.2 Análise dos Dados

4.2.1 Quanto à pesquisa escolar/Stadnik geral (Tab. 1)

Nesta parte da pesquisa será descrito o que foi observado durante a tabulação dos dados fornecidos pelos questionários respondidos. Inicialmente, trata-se da tabela 1 (Pesquisa

escolar/Stadnik geral), onde foram tabuladas todas as respostas, sem nenhum tipo de agrupamento (sexo, grau de escolaridade dos pais, curso), apenas foi realizada a separação entre as vias extra-escolar e escolar. O que foi observado?

Não é de se espantar que a maior diferença encontrada estivesse no objetivo “levar uma vida familiar feliz”, 91,8% dos alunos acreditam mais na via extra-escolar do que na via escolar (08,2%) para alcançar essa meta, pois, certamente, os alunos dirigem-se mais às suas famílias do que à escola para isso. Os maiores equilíbrios foram encontrados em : “ser capaz de trabalho manual”, 50,7% acreditam mais na via escolar contra 49,3% que preferem a via extra-escolar; talvez considerem o desenho como um tipo de trabalho manual?; “conhecer a amizade e a camaradagem”, 55,0% escolheram a escola como o local para se fazer os amigos e 45,0 % preferiram as atividades extra-escolares para isto, é um bom equilíbrio e poderia ser interessante realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre essas razões, como verificar quais desses alunos tem a família vivendo com eles na mesma cidade, ou há quanto tempo eles moram no mesmo bairro ou cidade, etc..., isso possibilitaria uma compreensão maior dessas escolhas; quanto a “melhor conhecer o mundo que nos rodeia”, existe, obviamente, um relativo equilíbrio: 56,6% preferiram a via

extra-escolar e 45,4% a via escolar, o que parece ser bom, afinal para conhecer o mundo que nos rodeia é muito importante ter referências das mais diversas, enriquecendo o universo cultural pessoal.

Para “saber utilizar seu tempo livre”, também não é de se espantar, que a via extra-escolar, com 72,3% (contra 27,7% para a escola), tenha o maior número de respostas positivas, pois as atividades escolares, devido à sua atual concepção, pouco preparam para o lazer, em geral preparam para o trabalho. “Estar em boa condição física” foi, para 72,3% dos alunos, a via extra-escolar a escolhida, contra 27,7% que optaram pela escola, é uma escolha preocupante para os profissionais da área de Educação Física, pois eles tem nas mãos os alunos, em geral, duas vezes por semana, realizando práticas físicas, mas, pelo que demonstrou esta pesquisa, os alunos não estão acreditando muito que possam estar em boa condição física através das práticas escolares. Neste caso também seria interessante uma pesquisa mais aprofundada, como por exemplo, verificar quais as causas que levam a essa idéia por parte dos alunos, se as aulas são muito fracas, não permitindo um bom condicionamento físico, se são desmotivantes, ou se os alunos estão matriculados em academias, freqüentam os parques da cidade, onde praticam seus próprios exercícios, ou são atletas...

Quanto a “saber se virar na vida”, 66,7% optaram pela via extra-escolar e, 33,3% optaram pela via escolar, talvez porque no tempo liberado haja mais liberdade de escolhas, permitindo que o indivíduo aprenda a “se virar na vida”. “Saber o que mais conta na vida” foi escolhido pela maioria (75,2%), através da via extra-escolar e 24,8% preferiram a via escolar, imagina-se que estas escolhas ocorreram pelo mesmo motivo do objetivo “saber se virar na vida”, pois é no tempo livre que encontra-se o maior número de escolhas, mais liberdade de ação e de decisão.

Entra-se, agora, nas áreas em que as atividades escolares prevaleceram sobre as atividades do tempo liberado. É o caso, perfeitamente compreensível, dos objetivos educativos: “saber utilizar os conhecimentos científicos”, onde 81,9% dos alunos pesquisados preferiram a escola ao tempo livre (18,1%), e “ter uma profissão interessante”, neste objetivo encontrou-se a porcentagem mais forte a favor da escola 82,6%, contra 17,4% para o tempo extra-escolar, acredita-se que a escola é, realmente, o lugar onde se concentra todo o saber científico e prepara para o trabalho profissional. É, também, com a escola, que os alunos contam para aprender a “ser capaz de se expressar e comunicar”, 68,9%, contra 31,1% para a via extra-escolar; “ser um cidadão responsável”, com 62,7% de escolhas feitas para a via escolar e 37,3% de escolhas

para a via extra-escolar e “apreciar obras culturais”: 66,0% preferiram a via escolar e 34,0% optaram pelas atividades do tempo livre, provavelmente, porque o aluno acha que a escola é o lugar que concentra todo o saber científico, que prepara para a cidadania, provê a cultura e melhora a comunicação. Perceba a responsabilidade da escola.

Tabela 1: Pesquisa escolar/Stadnik geral.

Objetivos educativos	GERAL	
	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)
Saber utilizar seu tempo livre	72,3	27,7
Levar uma vida familiar feliz	91,8	08,2
Estar em boa condição física	72,3	27,7
Ser capaz de trabalho manual	49,3	50,7
Saber se virar na vida	66,7	33,3
Ser capaz de criar no plano artístico	38,4	61,6
Conhecer a amizade e a camaradagem	45,0	55,0
Saber o que mais conta na vida	75,2	24,8
Apreciar as obras culturais	34,0	66,0
Ser um cidadão responsável	37,3	62,7
Ser capaz de se expressar e comunicar	31,1	68,9
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	54,6	45,4
Ter uma profissão interessante	17,4	82,6
Saber utilizar os conhecimentos científicos	18,1	81,9

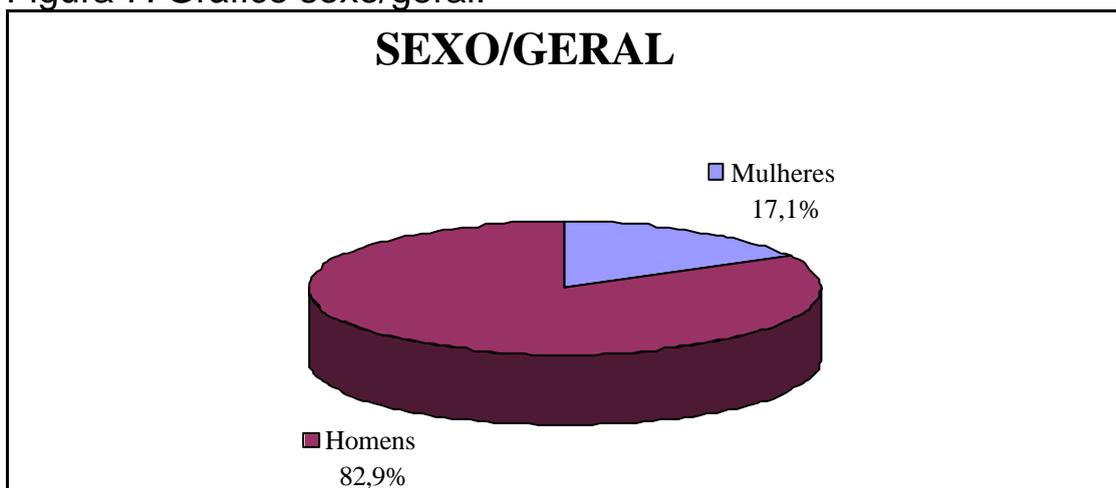
Para “ser capaz de criar no plano artístico”, 61,6% preferiram a via escolar e 38,4% escolheram a via extra-escolar; o CEFET-PR é

uma escola de cursos técnicos e, mesmo os cursos de graduação, estão todos nas áreas de tecnologia, novamente, acredita-se que esse resultado é em função do desenho, das aulas de desenho, que refinam o traço, proporcionando uma maior facilidade para a execução de variadas formas, contudo para se afirmar isso com certeza seria necessário a realização de uma nova pesquisa, levando em conta esses fatores, para a realização de uma investigação mais aprofundada.

4.2.2 Quanto às Diferenças Entre os Sexos (Tab. 2 e Figs. 8, 9 e 10)

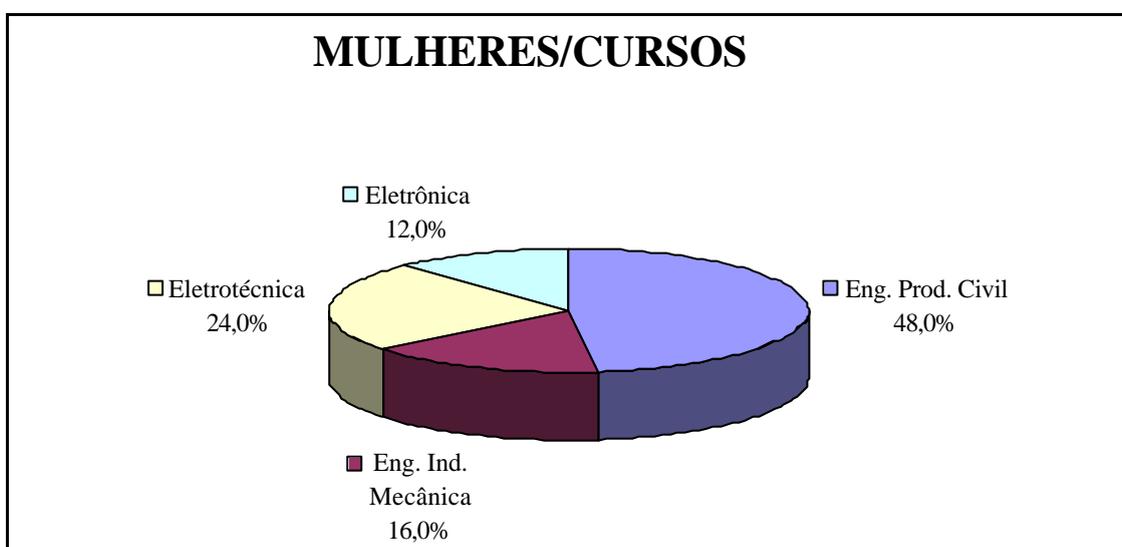
Do total de alunos pesquisados (146), 25 (17,1%) são do sexo feminino e 121 (82,9) são do sexo masculino (Fig. 7).

Figura 7: Gráfico sexo/geral.



Entre as mulheres pesquisadas, que são um total de 25, 12 (48,0%) pertencem ao curso de Engenharia de Produção Civil, 4 (16,0%) são da Engenharia Industrial Mecânica, 6 (24,0%) da Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrotécnica e 3 (12,0%) pertencem ao curso de Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrônica (Fig. 8).

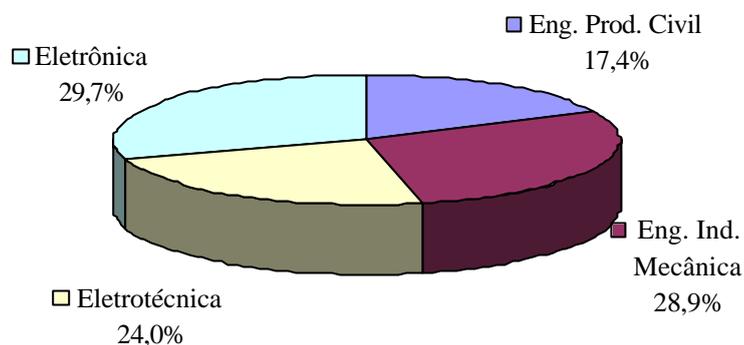
Figura 8: Gráfico mulheres/cursos.



Dos 121 homens pesquisados, 21 (17,4%) são da Engenharia de Produção Civil, 35 (28,9%) da Engenharia Industrial Mecânica, 29 (24,0%) fazem o curso de Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrotécnica e 36 (29,7%) da Engenharia Industrial Elétrica – ênfase e Eletrônica (Fig. 9).

Figura 9: Gráfico homens/cursos.

HOMENS/CURSOS



Em relação aos dados apresentados na tabela 2 (Pesquisa escolar sexo), houve um relativo equilíbrio em grande parte dos objetivos educativos apresentados. Portanto, a pesquisadora preocupou-se em apresentar comentários apenas sobre aqueles em que houve uma diferença maior, buscando razões para essas diferenças. São elas: para o item “ser capaz de trabalho manual”, 72,0% das mulheres escolheram a via escolar e 28,0% a via extra-escolar, já, no caso dos homens, 53,7% escolheram a via extra-escolar e 46,3% a via escolar, parece que as mulheres acreditam mais nas práticas de ensino artístico do trabalho escolar... Quanto a “saber se virar na vida, tanto as mulheres quanto os homens, acreditam mais na via extra-escolar: 60,0% a 40,0% para o sexo feminino e 68,0% a 32,0% para o sexo masculino, entretanto, 8% a mais de homens acreditam na força do tempo liberado das obrigações escolares para aprender a saber se virar na vida, talvez,

porque os rapazes tenham tido mais oportunidades de contatos sociais fora do lar e da escola, do que as moças. Para “ser capaz de criar no plano artístico”, os alunos do sexo feminino, tanto quanto os do sexo masculino confiam mais no processo escolar: 68,0% contra 32,0% para as mulheres e 60,3% contra 39,7% para os homens, mas 7,7% a mais das mulheres acreditam que a escola é o lugar certo para a criação artística. Seria bastante interessante buscar a compreensão do que é a criação artística para os alunos, esses resultados ficariam mais claros a partir dessa compreensão.

Em relação a “conhecer a amizade e a camaradagem”, 68,0% das mulheres preferiram a escola e 32,0% a via extra-escolar; os homens apresentaram um equilíbrio maior: 52,4% preferiram a escola e 47,6% as atividades do tempo liberado. A pesquisadora acredita que os homens saem mais de casa, se relacionam mais com outras pessoas, com outros amigos; as mulheres acabam se relacionando mais com os companheiros de classe, da sala de aula. Para “saber o que mais conta na vida”, das mulheres 84,0% escolheram a via extra-escolar e 16,0% a escola; dos homens 73,4% escolheram o aprendizado fora da escola e 26,6% dentro da escola, percebe-se aí uma boa diferença (quase 10%), houve um número muito maior de mulheres optando pelas atividades do tempo livre; entra aqui um pouco do racionalismo masculino, que

valoriza muito os conhecimentos organizados, sistematizados cientificamente pela escola. É bem possível que esse mesmo racionalismo determine a atuação masculina e feminina em outros dois objetivos educativos, são eles: “melhor conhecer o mundo que nos rodeia”, com 76,0% das escolhas femininas para a via extra-escolar e 24,0% para a via escolar, uma grande diferença a favor da via extra-escolar; já, para os homens, um relativo equilíbrio, com: 50,4% das escolhas para a via extra-escolar e 49,6% para a via escolar e “saber utilizar os conhecimentos científicos”: 76,0% das mulheres preferiram a via escolar e 24,0% preferiram a via extra-escolar, quanto aos homens: 83,2% escolheram a via escolar e, apenas 16,8% ficaram com a via extra-escolar, uma diferença de 7,2% a mais de homens optando pela escola.

Para “ter uma profissão interessante” é com a escola que ambos os sexos contam: 88,0% das mulheres e 81,5% dos homens, uma diferença de 7,5% a mais para as mulheres, imagine-se que isto tenha acontecido devido ao fato de as mulheres, por uma série de razões, que vão desde a educação recebida até traços psicológicos, ainda vê, mais fortemente, a escola como o caminho para uma profissão mais interessante; é possível também, que o homem tenha mais coragem de se aventurar em caminhos profissionais fora do estudo escolar.

Tabela 2: Pesquisa escolar sexo.

Objetivos educativos	FEMININO		MASCULINO	
	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)
Saber utilizar seu tempo livre	76,0	24,0	71,5	28,5
Levar uma vida familiar feliz	92,0	08,0	91,8	08,2
Estar em boa condição física	72,0	28,0	72,4	27,6
Ser capaz de trabalho manual	28,0	72,0	53,7	46,3
Saber se virar na vida	60,0	40,0	68,0	32,0
Ser capaz de criar no plano artístico	32,0	68,0	39,7	60,3
Conhecer a amizade e a camaradagem	32,0	68,0	47,6	52,4
Saber o que mais conta na vida	84,0	16,0	73,4	26,6
Apreciar as obras culturais	32,0	68,0	34,4	65,6
Ser um cidadão responsável	40,0	60,0	36,7	63,3
Ser capaz de se expressar e comunicar	32,0	68,0	31,0	69,0
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	76,0	24,0	50,4	49,6
Ter uma profissão interessante	12,0	88,0	18,5	81,5
Saber utilizar os conhecimentos científicos	24,0	76,0	16,8	83,2

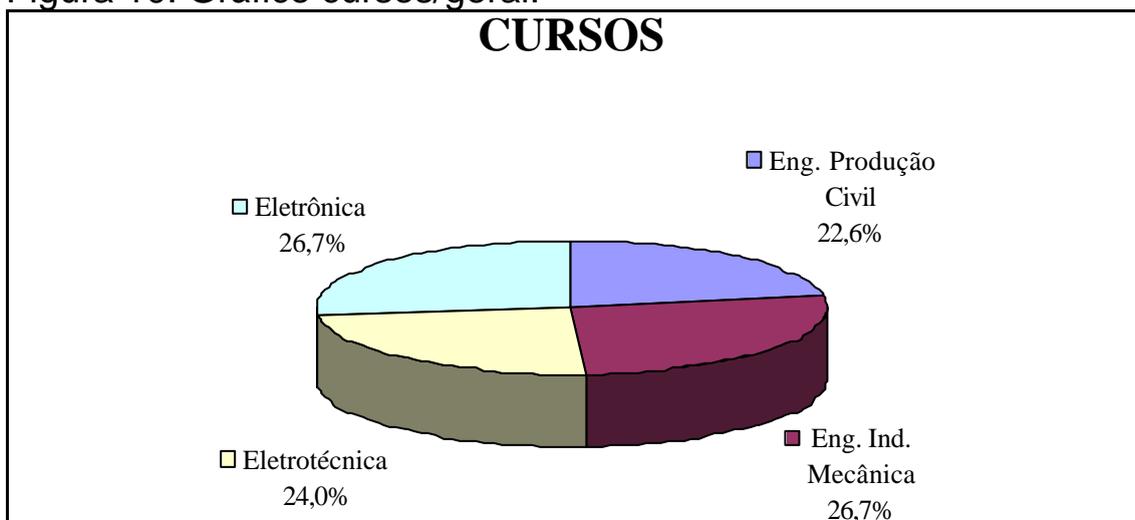
Levando-se em conta o número total de objetivos educativos propostos no questionário (14), as mulheres deram preferência à via escolar, com 8 objetivos (57,1%), contra 6 objetivos para a via extra-escolar (42,9%). Os homens estiveram mais equilibrados nos objetivos, 7 a 7 (50,0% para cada via). O objetivo educativo que

provocou essa diferença, no total dos objetivos, entre os sexos foi: “ser capaz de trabalho manual”, onde 72,0% das mulheres optaram pela via escolar (contra 28,0% na via extra-escolar), e 53,7% dos homens preferiram o tempo livre (contra 46,3%).

4.2.3 Quanto às diferenças entre os cursos (Tabs. 3, 4, 5, 6 e 7 e fig. 10)

Foram pesquisados 146 alunos, desses: 33 (22,6%) da Engenharia de Produção Civil, 39 (26,7%) da Engenharia Industrial Mecânica, 35 (24,0%) da Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrotécnica e 39 (26,7%) da Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrônica (Fig. 10).

Figura 10: Gráfico cursos/geral.



A seguir serão apresentadas as tabelas com a tabulação dos dados relativa a cada um dos quatro cursos superiores em engenharia pesquisados:

Tabela 3: Pesquisa escolar curso de Engenharia de Produção Civil

Objetivos educativos	Eng. Produção Civil	
	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)
Saber utilizar seu tempo livre	78,8	21,2
Levar uma vida familiar feliz	84,8	15,2
Estar em boa condição física	60,6	39,4
Ser capaz de trabalho manual	30,3	69,7
Saber se virar na vida	63,6	36,4
Ser capaz de criar no plano artístico	33,3	66,7
Conhecer a amizade e a camaradagem	33,3	66,7
Saber o que mais conta na vida	81,8	18,2
Apreciar as obras culturais	27,3	72,7
Ser um cidadão responsável	30,3	69,7
Ser capaz de se expressar e comunicar	30,3	69,7
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	42,4	57,6
Ter uma profissão interessante	18,2	81,8

Saber utilizar os conhecimentos científicos	24,2	75,8
---	------	------

Tabela 4: Pesquisa escolar curso de Engenharia Industrial Mecânica

Objetivos educativos	Eng. Ind. Mecânica	
	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)
Saber utilizar seu tempo livre	71,8	28,2
Levar uma vida familiar feliz	94,9	05,1
Estar em boa condição física	87,2	12,8
Ser capaz de trabalho manual	56,4	43,6
Saber se virar na vida	66,7	33,3
Ser capaz de criar no plano artístico	41,0	59,0
Conhecer a amizade e a camaradagem	45,0	55,0
Saber o que mais conta na vida	72,5	27,5
Apreciar as obras culturais	32,5	67,5
Ser um cidadão responsável	52,5	47,5
Ser capaz de se expressar e comunicar	50,0	50,0
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	58,5	41,5
Ter uma profissão interessante	10,0	90,0
Saber utilizar os conhecimentos científicos	17,5	82,5

Tabela 5: Pesquisa escolar curso de Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrotécnica

Objetivos educativos	Eng. Ind. Elétrica Eletrotécnica	
	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)

Saber utilizar seu tempo livre	62,2	37,8
Levar uma vida familiar feliz	91,7	08,3
Estar em boa condição física	70,3	27,9
Ser capaz de trabalho manual	56,8	43,2
Saber se virar na vida	58,3	41,7
Ser capaz de criar no plano artístico	36,1	63,9
Conhecer a amizade e a camaradagem	51,4	48,6
Saber o que mais conta na vida	77,8	22,2
Apreciar as obras culturais	36,1	63,9
Ser um cidadão responsável	33,3	66,7
Ser capaz de se expressar e comunicar	15,8	84,2
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	54,1	45,9
Ter uma profissão interessante	25,0	75,0
Saber utilizar os conhecimentos científicos	11,1	88,9

Tabela 6: Pesquisa escolar curso de Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrônica

Objetivos educativos	Eng. Ind. Elétrica Eletrônica	
	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)
Saber utilizar seu tempo livre	76,9	23,1
Levar uma vida familiar feliz	94,9	05,1
Estar em boa condição física	69,2	30,8
Ser capaz de trabalho manual	51,3	48,7
Saber se virar na vida	76,9	23,1
Ser capaz de criar no plano artístico	41,0	59,0
Conhecer a amizade e a camaradagem	48,8	51,2
Saber o que mais conta na vida	70,0	30,0
Apreciar as obras culturais	38,5	61,5
Ser um cidadão responsável	31,7	68,3
Ser capaz de se expressar e comunicar	27,5	72,5

Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	61,0	39,0
Ter uma profissão interessante	17,5	82,5
Saber utilizar os conhecimentos científicos	19,5	80,5

No caso dos cursos, muitas são as variáveis, desde o número de alunos de cada um dos sexos, perfil do aluno do curso, número de candidatos por vaga no vestibular para o curso, até o grau de escolaridade dos pais dos alunos de uma determinada sala de aula. O que será comentado e observado a seguir será apenas uma referência, de cunho generalista, para, mais tarde, se tentar estabelecer relações com o restante do estudo de análise das respostas obtidas. Quanto aos objetivos educativos: “levar uma vida familiar feliz”, “estar em boa condição física”, “saber se virar na vida” e “saber o que mais conta na vida”, houve a opção pela via extra-escolar em todos os cursos, logicamente com variações, mas não tão expressivas a ponto de merecerem um comentário mais específico. Já, para os seguintes objetivos educativos: “ser capaz de criar no plano artístico”, “apreciar obras culturais”, “ter uma profissão interessante” e “saber utilizar os conhecimentos científicos”, a preferência, generalizada, dos cursos foi pela via escolar, também não merecendo nenhuma consideração específica.

Quanto a “ser capaz de trabalho manual”, os alunos do curso de Engenharia da Produção Civil preferiram a via escolar 69,7% contra 30,3% para a via extra-escolar. Nos outros cursos houve um ligeiro equilíbrio, tendendo para o extra-escolar, com a maior variação na Eng. Ind. Elétrica – ênfase em Eletrotécnica (56,8% para a via extra-escolar e 43,2% para a via escolar). Provavelmente esse número de escolhas pela via escolar na Eng, de Produção Civil, deu-se ao fato do curso apresentar um número maior de alunos do sexo feminino (representando 48% do total de mulheres pesquisadas) isto pode ser conferido na figura 13 (Gráfico mulheres/curso). Para “conhecer a amizade e a camaradagem”, apenas os alunos do curso de Eng. Ind. Elétrica – ênfase em Eletrotécnica optaram pela via extra-escolar: 51,4% contra 48,6% que preferiram a via escolar, houve até um certo equilíbrio, mas para os alunos dos outros cursos, a preferência foi a amizade dentro da escola.

Quanto a “ser um cidadão responsável”, os alunos do curso de Eng. Ind. Mecânica apontaram sua preferência para a atividade desenvolvida fora da escola, com 52,5% das escolhas e 47,5% para o trabalho escolar, houve aqui também um relativo equilíbrio. Para os outros três cursos a via escolhida foi a escolar. Em relação ao objetivo educativo “ser capaz de se expressar e comunicar”, ocorreu

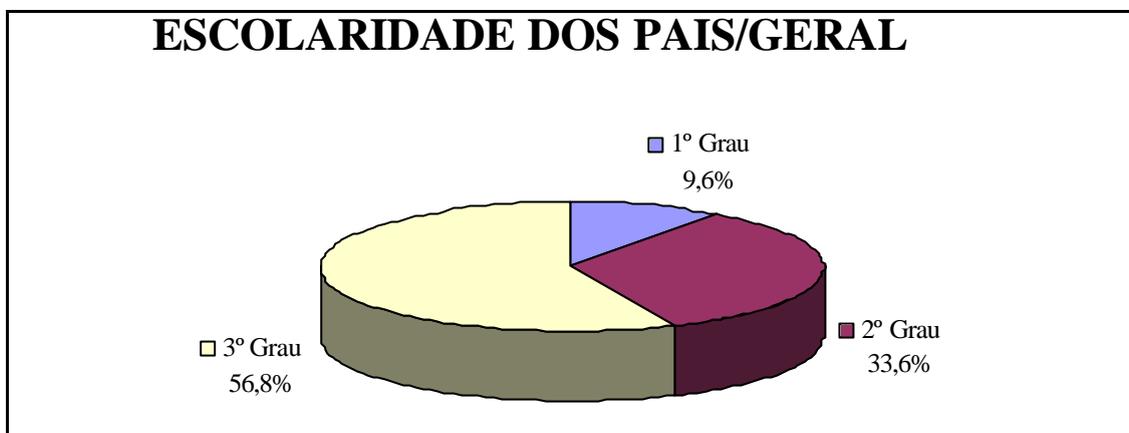
Saber utilizar seu tempo livre	78,8	21,2	71,8	28,2	62,2	37,8	76,9	23,1
Levar uma vida familiar feliz	84,8	15,2	94,9	05,1	91,7	08,3	94,9	05,1
Estar em boa condição física	60,6	39,4	87,2	12,8	70,3	27,9	69,2	30,8
Ser capaz de trabalho manual	30,3	69,7	56,4	43,6	56,8	43,2	51,3	48,7
Saber se virar na vida	63,6	36,4	66,7	33,3	58,3	41,7	76,9	23,1
Ser capaz de criar no plano artístico	33,3	66,7	41,0	59,0	36,1	63,9	41,0	59,0
Conhecer a amizade e a camaradagem	33,3	66,7	45,0	55,0	51,4	48,6	48,8	51,2
Saber o que mais conta na vida	81,8	18,2	72,5	27,5	77,8	22,2	70,0	30,0
Apreciar as obras culturais	27,3	72,7	32,5	67,5	36,1	63,9	38,5	61,5
Ser um cidadão responsável	30,3	69,7	52,5	47,5	33,3	66,7	31,7	68,3
Ser capaz de se expressar e comunicar	30,3	69,7	50,0	50,0	15,8	84,2	27,5	72,5
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	42,4	57,6	58,5	41,5	54,1	45,9	61,0	39,0
Ter uma profissão interessante	18,2	81,8	10,0	90,0	25,0	75,0	17,5	82,5
Saber utilizar os conhecimentos científicos	24,2	75,8	17,5	82,5	11,1	88,9	19,5	80,5

4.2.4 Quanto às diferenças entre o grau de escolaridade dos pais (Figs. 11, 12, 13 e 14 e tabs. 8, 9, 10 e 11)

Dos 146 alunos pesquisados, 14 (9,6%) deles tem o pai e a mãe com apenas o 1º grau ou menos, 49 (33,6%) dos alunos tem o

pai ou a mãe com o 2º grau completo e 83 (56,8%) dos alunos tem o pai ou a mãe com o 3º grau completo (Fig.11).

Figura 11: Gráfico escolaridade dos pais/geral.



Entre os alunos que pertencem ao grupo cujo pai e a mãe tem apenas o 1º grau ou menos (14 alunos), 4 (28,6%) pertencem ao curso de Engenharia de Produção Civil, 2 (14,3%) são da Engenharia Industrial Mecânica, 6 (42,8%) são da Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrotécnica e 2 (14,3%) pertencem ao curso de Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrônica (Fig. 12).

Entre os alunos que pertencem ao grupo cujo pai ou a mãe tem o 2º grau completo (49 alunos), 16 (32,7%) pertencem ao curso de Engenharia de Produção Civil, 11 (22,4%) são da Engenharia Industrial Mecânica, 15 (30,6%) são da Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrotécnica e 7 (14,3%) pertencem ao curso de Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrônica (Fig. 13).

Figura 12: Gráfico escolaridade dos pais 1º grau/cursos.

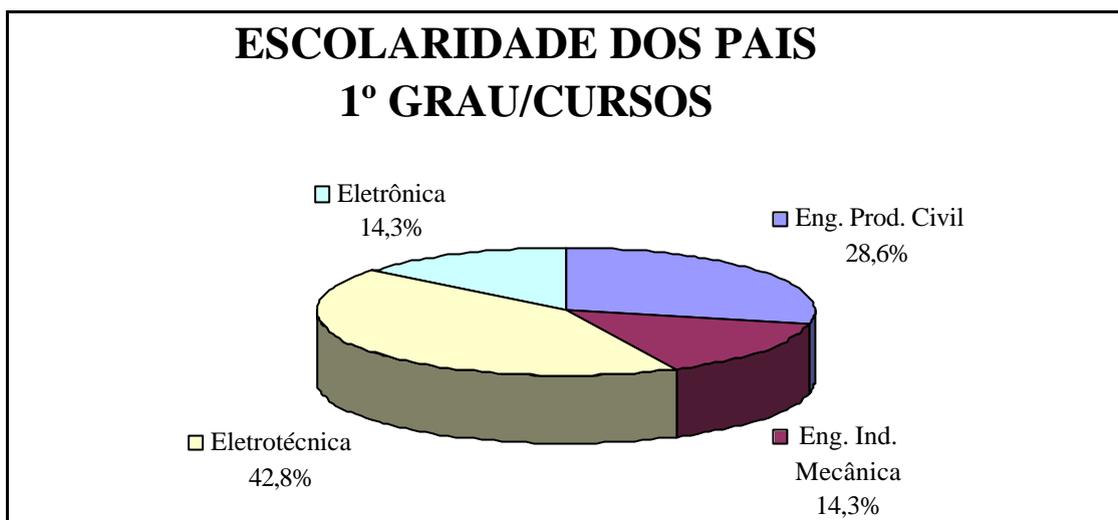
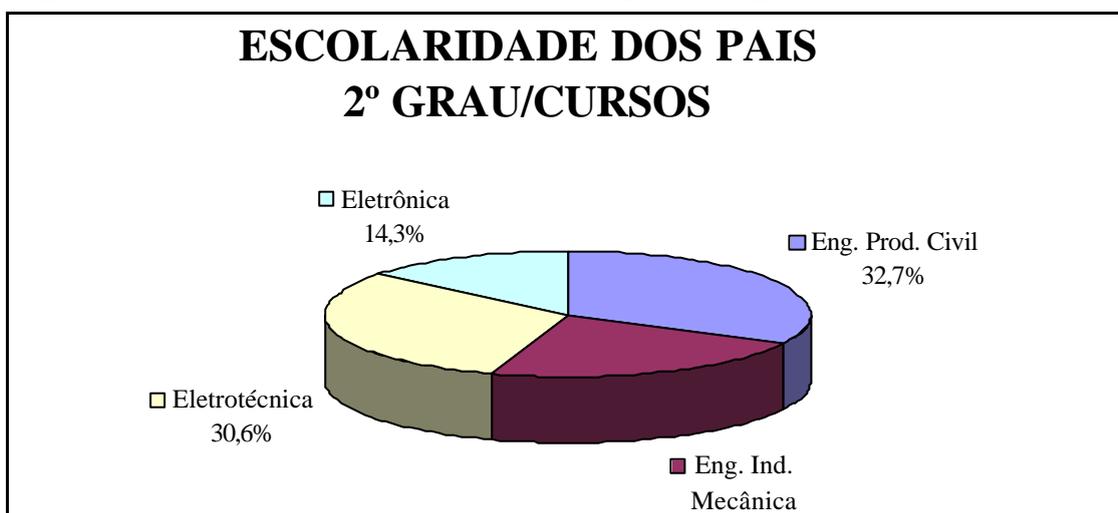
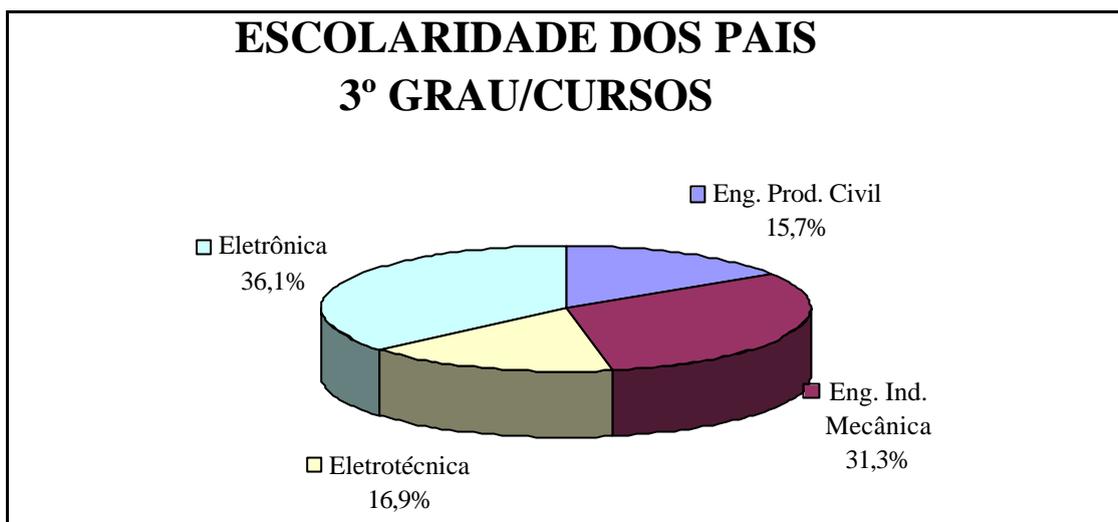


Figura 13: Gráfico escolaridade dos pais 2º grau/cursos.



Entre os alunos que pertencem ao grupo cujo pai ou a mãe tem o 3º grau completo (83 alunos), 13 (15,7%) pertencem ao curso de Engenharia de Produção Civil, 26 (31,3%) são da Engenharia Industrial Mecânica, 14 (16,9%) são da Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrotécnica e 30 (36,1%) pertencem ao curso de Engenharia Industrial Elétrica – ênfase em Eletrônica (Fig. 14).

Figura 14: Gráfico escolaridade dos pais 3º grau/cursos.



A seguir serão apresentadas as tabelas 8, 9 e 10, que são relativas à pesquisa escolar segundo a escolaridade dos pais dos alunos pesquisados, sendo divididas em 1º grau, 2º grau e 3º grau. Esses dados foram obtidos através da resposta escrita fornecida pelos alunos durante o preenchimento do questionário. A pesquisadora levou em conta o maior nível de escolaridade, sendo ele do pai ou da mãe, independentemente.

A pesquisa realizada quanto ao grau de escolaridade dos pais, revelou um relativo equilíbrio na maior parte das respostas dadas aos objetivos educativos, portanto serão destacados apenas três itens, que despertaram mais curiosidade, onde as diferenças foram mais aparentes, são eles: “ser capaz de trabalho manual”, onde os alunos que pertencem ao grupo de pais com a escolaridade de 1º grau, fizeram a opção pela via extra-escolar (66,7%) e 33,3%

optaram pela escola; para os alunos que pertencem ao grupo de pais com o 2º grau a opção foi pela via escolar, 57,1% contra 42,9% para a via extra-escolar, um pequeno equilíbrio, mas, foi para os alunos que pertencem ao grupo de pais com a escolaridade de 3º grau, que houve um perfeito equilíbrio entre as duas vias (50,0% para cada via).

Tabela 8: Pesquisa escolar escolaridade dos pais/1º grau

Objetivos educativos	1º GRAU	
	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)
Saber utilizar seu tempo livre	80,0	20,0
Levar uma vida familiar feliz	92,9	07,1
Estar em boa condição física	80,0	20,0
Ser capaz de trabalho manual	66,7	33,3
Saber se virar na vida	57,1	42,9
Ser capaz de criar no plano artístico	42,9	57,1
Conhecer a amizade e a camaradagem	50,0	50,0
Saber o que mais conta na vida	71,4	28,6
Apreciar as obras culturais	35,7	64,3
Ser um cidadão responsável	26,7	73,3
Ser capaz de se expressar e comunicar	21,4	78,6
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	35,7	64,3
Ter uma profissão interessante	28,6	71,4
Saber utilizar os conhecimentos científicos	20,0	80,0

Tabela 9: Pesquisa escolar escolaridade dos pais/2º grau

Objetivos educativos	2º GRAU	
	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)
Saber utilizar seu tempo livre	71,9	28,6

Levar uma vida familiar feliz	88,0	12,0
Estar em boa condição física	57,1	42,9
Ser capaz de trabalho manual	42,9	57,1
Saber se virar na vida	58,0	42,0
Ser capaz de criar no plano artístico	32,7	67,3
Conhecer a amizade e a camaradagem	46,0	54,0
Saber o que mais conta na vida	78,0	22,0
Apreciar as obras culturais	38,9	61,2
Ser um cidadão responsável	38,0	62,0
Ser capaz de se expressar e comunicar	29,4	70,6
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	51,9	41,8
Ter uma profissão interessante	12,2	87,8
Saber utilizar os conhecimentos científicos	20,4	79,6

Tabela 10: Pesquisa escolar escolaridade dos pais/3º grau

Objetivos educativos	3º GRAU	
	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)
Saber utilizar seu tempo livre	71,4	28,6
Levar uma vida familiar feliz	94,0	06,0
Estar em boa condição física	79,8	20,2
Ser capaz de trabalho manual	50,0	50,0
Saber se virar na vida	73,5	26,5
Ser capaz de criar no plano artístico	41,0	59,0
Conhecer a amizade e a camaradagem	43,7	56,3
Saber o que mais conta na vida	74,1	25,9
Apreciar as obras culturais	31,0	69,0
Ser um cidadão responsável	38,6	61,4
Ser capaz de se expressar e comunicar	33,3	66,7
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	59,3	40,7
Ter uma profissão interessante	18,8	81,2
Saber utilizar os conhecimentos científicos	16,3	83,7

Em relação ao objetivo educativo “saber se virar na vida”, os três grupos deram preferência à via extra-escolar, entretanto, a

diferença apresentada entre as vias foi algo que chamou a atenção: para o grupo de alunos cujos pais tem apenas o 1º grau, a diferença entre as vias foi de 7% (57,1% contra 42,9%) e para os alunos cujos pais tem apresentam o 2º grau a diferença foi de 8% (58,0% contra 42,0%), já para aqueles alunos cujos pais tem a formação de nível superior a diferença entre as vias foi bem maior, 47%, sendo 73,5% a favor da via extra-escolar e 26,5% a favor da via escolar, uma diferença considerável. Muito provavelmente isso aconteceu, porque os pais que tem uma formação de ensino superior, puderam oferecer mais subsídios para que seus filhos pudessem se “virar” mais facilmente na vida, dependendo menos da influência da escola.

Tabela 11: Pesquisa escolar escolaridade dos pais/geral.

Objetivos educativos	1º GRAU		2º GRAU		3º GRAU	
	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)
Saber utilizar seu tempo livre	80,0	20,0	71,9	28,6	71,4	28,6
Levar uma vida familiar feliz	92,9	07,1	88,0	12,0	94,0	06,0
Estar em boa condição física	80,0	20,0	57,1	42,9	79,8	20,2
Ser capaz de trabalho	66,7	33,3	42,9	57,1	50,0	50,0

manual						
Saber se virar na vida	57,1	42,9	58,0	42,0	73,5	26,5
Ser capaz de criar no plano artístico	42,9	57,1	32,7	67,3	41,0	59,0
Conhecer a amizade e a camaradagem	50,0	50,0	46,0	54,0	43,7	56,3
Saber o que mais conta na vida	71,4	28,6	78,0	22,0	74,1	25,9
Apreciar as obras culturais	35,7	64,3	38,9	61,2	31,0	69,0
Ser um cidadão responsável	26,7	73,3	38,0	62,0	38,6	61,4
Ser capaz de se expressar e comunicar	21,4	78,6	29,4	70,6	33,3	66,7
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	35,7	64,3	51,9	41,8	59,3	40,7
Ter uma profissão interessante	28,6	71,4	12,2	87,8	18,8	81,2
Saber utilizar os conhecimentos científicos	20,0	80,0	20,4	79,6	16,3	83,7

Finalmente, para “melhor conhecer o mundo que nos rodeia”, apenas os alunos que pertencem ao grupo em que os pais tem somente o 1º grau, escolheram a via escolar, 64,3% contra 35,7%, que preferiram as atividades do tempo liberado; para os outros dois grupos, aqueles que os pais apresentam uma escolaridade de 2º ou

3º grau, a resposta dada foi a via extra-escolar, na média 55,6% para a via extra-escolar e 44,4% para a via escolar, É possível que as famílias que pertençam a estes dois últimos grupos tenham proporcionado mais oportunidades para que seus filhos pudessem conhecer o mundo que os rodeia (viagens, livros, acesso às tecnologias, etc...), também , criando assim, uma menor dependência da influência da escola.

Apresenta-se, na página anterior a tabela 11 (Pesquisa escolar escolaridade dos pais/geral), onde estão agrupados todos os dados obtidos através das tabelas: 8, 9 e 10, facilitando assim a visualização das informações descritas nessa análise de dados quanto a escolaridade dos pais.

4.2.5 Quanto à comparação entre o trabalho de Dumazedier (Tab. 12) e esta pesquisa escolar (Tab. 13)

Será realizada aqui, uma análise comparativa dos dados desta pesquisa escolar, realizada com os alunos do CEFET-PR - Unidade de Curitiba, Brasil, com uma variação de idade que vai de 16 anos (o aluno mais novo) a 32 anos (o aluno mais velho), apresentando uma média de idade de 18,9 anos; com a pesquisa de Dumazedier (1994, pgs. 82 a 94), realizada com alunos de 5ª e 2ª séries

(equivalente, para o modelo brasileiro de ensino, a alunos da 6ª série do 1º grau e alunos da 1ª série do 2º grau), com idades variando entre 12/13 anos (5ª) e 15/16 anos (6ª), na França. Quais foram as variações apresentadas?

Tabela 12: Apresentação pesquisa escolar/Dumazedier (1994, pgs. 81 a 94).

Objetivos educativos	Via Extra-escolar (%)			Via Escolar (%)		
	Total %	5ª %	2ª %	Total %	5ª %	2ª %
A						
Saber utilizar seu tempo livre	92	93	91	8	7	9
Levar uma vida familiar feliz	87	86	88	13	14	12
Estar em boa condição física	76	71	82	24	29	18
Ser capaz de trabalho manual	74	62	81	26	38	19
Saber se virar na vida	70	63	78	30	37	22
Ser capaz de criar no plano artístico	65	50	81	35	50	19
Conhecer a amizade e a camaradagem	64	54	73	36	46	27
Saber o que mais conta na vida	54	44	64	46	56	36
B						
Apreciar as obras culturais	46	54	38	54	46	62
Ser um cidadão responsável	37	37	38	63	63	62
Ser capaz de se expressar e comunicar	34	37	32	66	63	68
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	31	28	34	69	72	66
Ter uma profissão interessante	14	19	8	86	81	92
Saber utilizar os conhecimentos científicos	12	13	12	88	87	88

Tabela 13: Apresentação pesquisa escolar/Stadnik

Objetivos educativos	Via Extra-escolar (%)	Via Escolar (%)
A		

Levar uma vida familiar feliz	92	8
Saber o que mais conta na vida	75	25
Saber utilizar seu tempo livre	72	28
Estar em boa condição física	72	28
Saber se virar na vida	67	33
Melhor conhecer o mundo que nos rodeia	55	45
B		
Ser capaz de trabalho manual	49	51
Conhecer a amizade e a camaradagem	45	55
Ser capaz de criar no plano artístico	38	62
Ser um cidadão responsável	37	63
Apreciar as obras culturais	34	66
Ser capaz de se expressar e comunicar	31	69
Saber utilizar os conhecimentos científicos	18	82
Ter uma profissão interessante	17	83

Inicialmente, houve uma grande variação na própria apresentação das figuras, como pode ser observado nas tabelas: 12 (Dumazedier) e 13 (Stadnik), as diferenças entre os estudos já ficam claras aí, pois mudam a disposição de quase todos os objetivos educativos e mudam também o número de objetivos que apresentam uma preferência maior, tanto pela via extra-escolar (A), quanto pela via escolar (B). Os franceses elegeram a via extra-escolar em 57,1%, do total de objetivos educativos apresentados, e a via escolar em 42,9% dos objetivos. Para os brasileiros a proporção foi inversa: 57,1% para a via escolar e 42,9% para a via extra-escolar. Fatores como a idade e o curso (Engenharia) podem ter influenciado nessa variação, mas acredita-se que um dos fatores

que mais fortemente influencia, são as diferenças culturais entre os dois países: o Brasil é um país de Terceiro Mundo, que está em desenvolvimento, e para isso, busca, ainda, a industrialização e valoriza muito o saber sistematizado pela escola; a França é um país do Primeiro Mundo, já industrializado, busca o tempo liberado das obrigações do trabalho, foi um dos primeiros países do mundo a discutir as questões do tempo livre e do lazer, por exemplo: há pouco tempo atrás (15 de agosto de 2000), saiu uma reportagem no jornal francês Le Monde, com o seguinte título: “Franceses preferem tempo livre a aumento de salário”, onde, além de comentar sobre a importância do tempo livre para o povo francês, também escrevia: “um dos setores econômicos mais ativos é o do lazer”. A seguir, serão descritos e analisados os objetivos que apresentaram as maiores variações:

“Melhor conhecer o mundo que nos rodeia”, os alunos brasileiros, com média de idade de 18,9 anos, confiam mais nas atividades do tempo livre para atingir esse objetivo do que os franceses (55% contra 31%), mas, percebe-se que os alunos franceses mais velhos, tem a tendência a acreditar um pouco mais na via extra-escolar para essa meta, 28% deles, entre 12/13 anos optaram pela via extra-escolar e 72% deles, optaram pela escola, entretanto para os alunos mais velhos (15/16 anos) a diferença foi

menor: 34% optaram pela via extra-escolar e 66% preferiram a via escolar. Esse resultado contesta a idéia, que os educadores tem, de que o trabalho escolar cria um hábito crescente e positivo.

Quanto a “ser capaz de trabalho manual” e “ser capaz de criar no plano artístico”, em ambos os objetivos a preferência dos estudantes brasileiros foi pela via escolar, em média, 56,5% optaram pela escola contra 43,5% que preferiram o extra escola; no caso dos franceses, a opção pela via escolar foi diminuindo e, com o aumento da idade, foi aumentando também a idéia de trabalhar manualmente e criar artisticamente fora da escola. Imagina-se que isto tenha ocorrido porque na França o desenvolvimento das artes plásticas é muito grande, e o governo faz um investimento pesado em museus, galerias de arte, preservação histórica..., em função, principalmente, do turismo. Todo esse investimento cultural, que não passa apenas pela escola, se reflete no comportamento do povo.

Para “conhecer a amizade e a camaradagem”, os estudantes brasileiros escolheram a via escolar, 55% optaram pela via escolar e 45% optaram pela via extra-escolar; os franceses, ao contrário, ficaram com a via extra-escolar e, ao que parece essa tendência de ter amigos fora de escola vai aumentando com o passar da idade, para eles: parece também que aquelas famosas lembranças do tempo de escola, dos companheiros, das boas risadas, seriam

menos verdadeiras para esses alunos franceses do que para os alunos brasileiros. Será?, seria interessante pesquisar, mais aprofundadamente o tema.

De qualquer forma, descobriu-se que existe sim um certo equilíbrio entre as atividades extra escola e as atividades propostas pela escola. É um grito de alerta dos próprios interessados, que são os alunos, para que a educação escolar se renda, em parte, às ações do tempo livre. E essa ação independe de nacionalidade. Também as atividades do tempo livre devem procurar ser, cada dia mais, criativas, pois delas depende a formação de um ser humano mais integrado a sua realidade e a realidade do mundo que o cerca. Vive-se uma época de grandes mudanças, a informação é a base da nova sociedade e não pode-se guardá-las todas, não consegue-se saber tudo. A grande capacidade humana, e que será cada vez mais valorizada, é a capacidade de aprender, buscar as informações aonde elas estiverem. Finalizando a análise dos dados obtidos, fica-se com uma citação de Dumazedier (1994, p. 81), a respeito dessa pesquisa escolar: “Suas respostas são discutíveis. Mas, podemos ignorá-las?”.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Toda mudança na sociedade é uma mudança de valores, pois a sociedade é feita de sujeitos humanos. Na sociedade industrial prevaleceram valores como: padronização, organização, racionalidade, machismo, capacidade de execução, especialização, produtividade, concentração do trabalho em unidades precisas de tempo e espaço, sincronização, eficiência, forma piramidal de organização, gigantismo da economia de escala, concorrência, etc... Já, na sociedade pós-industrial prevalece uma progressiva intelectualização de toda atividade humana. Os valores que emergem são: confiança, ética, profundo valor estético, subjetividade, emoção, flexibilidade, criatividade, reavaliação do mundo feminino, virtualidade, globalização, desestruturação (tanto do trabalho, quanto do lazer), qualidade de vida, etc...

O modo de produção industrial foi determinante para a profunda diferença que existe entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer. Deixando muito clara a diferença entre as atividades de produção (reservadas aos homens, dentro das organizações), e as atividades de reprodução (reservadas às mulheres, dentro do lar).

Os nossos antepassados padeciam do tédio, dos dias sempre iguais, da lentidão das mudanças. Certamente disso não pode-se reclamar, padece-se da “loucura” do mundo moderno, da vertigem dos instantes sempre diversos, da aceleração, dos excessos. Quem sobreviverá? Aqueles dotados da sabedoria do equilíbrio, aqueles que souberem usufruir do luxo da pausa e do tempo livre. Contudo, o lazer pode ser vício ou virtude, pode ser instrumento de manipulação política, como no circo romano (tão bem retratado no filme O

Gladiador); pode ser também instrumento de distinção social, quando se pensa no consumo de novas roupas, carros, viagens, parques de atrações, etc..., símbolo de ostentação das classes abastadas; pode ser o tempo para o vício, as drogas e a bebida; mas pode também ser o tempo para o desenvolvimento do espírito humano. Existe a necessidade de um equilíbrio entre os tempos sociais: o tempo de trabalho (inclusive de trabalho escolar) e o tempo livre, que é onde o lazer, principalmente o lazer criativo, se desenvolve.

Demonstrando, na prática, essa idéia, realizou-se uma pesquisa de campo, com 146 alunos, do 1º período, dos três cursos superiores de engenharia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – Unidade de Curitiba, baseando-se e comparando-se com uma pesquisa de campo francesa, do autor Joffre Dumazedier (1994, pgs. 81 a 94), com alunos de 5ª e 2ª séries (equivalente ao modelo brasileiro de ensino à 6ª série do 1º grau e à 1ª série do 2º grau). A pesquisa de campo foi um questionário onde são propostos 14 objetivos educativos e os alunos devem escolher por qual das vias (a via escolar ou a via extra-escolar) esses objetivos são melhor e/ou mais facilmente alcançados. A idéia central da pesquisa de campo era comprovar que o tempo livre é uma fonte, muitas vezes desconhecida, de aprendizagem e que há um certo equilíbrio entre a aprendizagem através do trabalho escolar e a autoformação do tempo livre. Também pode-se comparar se a prática do trabalho escolar cria um hábito crescente, como esperam os professores, ou acontece exatamente o contrário e, se as diferenças de sexo, de idade, de curso e do grau de escolaridade dos pais influencia, de alguma forma, nessas escolhas.

Acabou-se por descobrir que existe sim um certo equilíbrio entre as atividades propostas pela escola e as atividades do tempo livre e que as

diferenças culturais entre países como o Brasil e a França ficam evidentes nas respostas dos alunos pesquisados. Os franceses optaram pela via extra-escolar em 8 dos objetivos educativos propostos (57,1%) e optaram pela via escolar em apenas 6 dos objetivos (42,9%); já com os brasileiros aconteceu exatamente o contrário, a opção foi de 57,1% pela escola e 42,9% para as atividades extra-escolares. Acredita-se que este resultado, em parte, venha do fato de os franceses estarem mais adaptados às discussões a respeito do tempo liberado das obrigações do trabalho, pois a França foi um dos primeiros países a discutir esse assunto e a se preocupar com ele. Por outro lado, a pesquisa brasileira foi realizada no CEFET-PR, um centro de excelência em tecnologia do sul do país, é natural que seus alunos tentem racionalizar ao máximo suas respostas.

Também houveram diferenças entre os objetivos em que os estudantes dos dois países concordavam com a via (escolar ou extra-escolar), como por exemplo: para os franceses a maior diferença entre as duas vias foi encontrada no objetivo educativo “saber utilizar seu tempo livre”, com um total de 92% de respostas para a via extra-escolar e apenas 8% para a via escolar. Entre os brasileiros a maior diferença encontrada foi em “levar uma vida familiar feliz”, também com 92% para a via extra-escolar e 8% para a via escolar. Através da observação do comportamento desses povos, percebe-se que os franceses, como já foi comentado, estão mais aptos a discutir o problema do tempo liberado das obrigações do trabalho, eles estão nesse caminho a mais tempo e, no caso dos brasileiros, as famílias, em geral, são mais presentes na formação do estudante, o que os fazem pensar que é através da família que se aprende a viver em família e não pela influência da escola. Contudo, as porcentagens

desses dois objetivos descritos acima, são bastante vantajosas para o trabalho extra-escolar nos dois países.

Quanto às vantagens do sistema escolar, houve uma certa concordância em alguns itens, como por exemplo, para “ter uma profissão interessante”, os franceses dedicaram à escola 86% de suas preferências, contra 14% para as atividades extra-escolares; os brasileiros também preferem a via escolar para atingir esse objetivo (83%) contra 17% que dedicaram sua preferência à via extra-escolar. Houve um equilíbrio relativo. Observou-se que é um resultado normal, pois a escola prepara para o trabalho e não para o lazer. De qualquer forma, uma coisa ficou clara: o que os estudantes, sejam franceses ou brasileiros, desejam é uma escola mais preocupada com os valores do tempo liberado das obrigações do trabalho, mais voltada ao desenvolvimento do indivíduo como um ser criativo.

Obviamente não escapou à nossa percepção, o fato de que existiram inúmeras diferenças entre as pesquisas realizadas por Joffre Dumazedier, na França e a nossa pesquisa, diferenças essas que vão desde a idade (a média de idade dos alunos franceses pesquisados foi de 14 anos e a média de idade dos alunos brasileiros pesquisados foi de 18,9 anos). Essa diferença de idade também acabou possibilitando que se observasse como o aluno se sentia em relação à escola depois de mais anos de estudo, visto que Dumazedier realizou a pesquisa com dois diferentes grupos de idade, um com idades variando entre 12 e 13 anos e o outro com idades variando entre 15 e 16 anos e a nossa pesquisa apresentou uma variação de idade que vai de 16 a 32 anos – um terceiro grupo, não tão regular quanto os dois grupos franceses, especialmente por se tratar de alunos que já estão no terceiro grau. Temos também a diferença de cursos: na pesquisa brasileira os alunos são da engenharia

(terceiro grau) e na pesquisa francesa os alunos estão no curso regular (primeiro e segundo graus); além das diferenças culturais já comentadas. Contudo, acreditamos que a validade da pesquisa está no fato de não podermos ignorar o chamado de alerta dos próprios pesquisados, a necessidade de uma escola mais aberta à produção de novos valores, valores pós-industriais, uma escola mais atenta ao aumento do tempo livre e às mudanças sociais.

A sociedade pós-industrial privilegia a produção de idéias, exigindo uma mente inquieta. Essa nova sociedade não gira mais em torno da apropriação de terras, como a sociedade rural; nem na mais-valia, como na sociedade industrial; mas gira sim, em torno do poder de projetar o futuro e, principalmente, impô-lo aos outros. Só aqueles que forem capazes de “criar”, poderão patentear e lucrar com os “royalties”. Sabe-se que os norte-americanos aprenderam bem esta lição. O Brasil é um país de gente criativa, de um povo cheio de idéias, de imaginação; está na hora de um salto qualitativo, do incremento e do fortalecimento das pesquisas, da produção de uma tecnologia própria. Está na hora de exportar idéias e não de apenas consumí-las. Acredita-se que não é a industrialização que cumprirá este papel e sim o processo de produção de idéias. O salto é qualitativo e os profissionais da educação tem a obrigação de saber disso e se preocupar em preparar para uma nova sociedade.

A crescente valorização da qualidade de vida e do trabalho mais criativo, faz com que o ser humano passe a ser um grande mosaico de pequenas necessidades: trabalho, vida social, família, lazer, esporte, saúde, beleza, equilíbrio, elegância, cultura, religião e tantas outras coisas, todas importantes. Antes, esses setores da vida do indivíduo eram mais delimitados, na hora de

trabalhar, trabalhava-se; na igreja, rezava-se; diversão, só na hora certa; escola, para o estudo. Agora, tudo está interagindo, trabalho, estudo e lazer se confundem e se completam. Hoje, enquanto se trabalha, também se estuda, brinca, ri, estabelece relações com o mundo que está em volta, aprende-se. O mesmo pode acontecer nas viagens, por exemplo, quando se aprende vivenciando outras culturas.

Tudo isso pode parecer de um otimismo exagerado? Também tem-se que ser otimista, sem deixar de lado as dificuldades enfrentadas pelo ser humano. Deve-se ter a consciência de que toda mudança provoca reações adversas e que o ser humano, ao mesmo tempo ávido por mudanças, é tomado de medo e incerteza. A luta pela redução da jornada de trabalho, pelo emprego, pela diminuição das desigualdades sociais, continuam..., para o trabalhador a luta é sempre árdua.

O que ficou bastante claro nesta pesquisa é que não é o desenvolvimento da industrialização que democratiza a cultura, afinal, como já foi comentado, nenhum país do mundo conseguiu essa façanha, não é comum em nenhuma população do planeta que a maior parte de seus habitantes freqüentem o teatro, boas escolas, assistam shows e, principalmente, sejam capazes de uma opinião crítica a respeito. De qualquer forma, talvez com o advento da sociedade pós-industrial, tenha-se mais tempo e mais oportunidades de praticar o lazer criativo, que é tão importante para a nova economia e para os novos mercados de trabalho, quanto para o próprio ser humano. É uma questão de qualidade de vida e a possibilidade de um mundo menos desigual, pois as idéias podem brotar em qualquer lugar, só precisam ser “regadas”, nutridas pelo lazer criativo. No embate de idéias não existe um vencedor

permanente, pois as idéias podem ser modificadas a cada dia. Disso nasce a diversidade das regras do jogo.

6 FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALLAN, Dave; KINGDON, Matt; MURRIN, Kris e RUDKIN, Daz. **E se ...? – Como Iniciar uma Revolução Criativa no Trabalho**. Ed. Best Seller, São Paulo – SP, 2000.

ALMEIDA, Sérgio. **Gestão de Sonhos: Riscos e Oportunidades**. Entrevista com Amyr Klink. Casa da Qualidade, Salvador – BA, 2000.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **O Exercício Profissional da Animação**. Apostila (material não publicado), Londrina – PR, 1996.

ARMOUR, Stephanie. **Nova Economia Estimula “Inveja” Salarial**. Artigo do jornal norte-americano USA Today. Versão para a internet, 5/Set/2000.

BACUS, Anne e ROMAIN, Christian. **Developpez Votre Créativité**. Allieur – Bélgica. Marabout, 1992, p. 11 – 15 e p. 34.

BERNARDI, Maria Amália. **Felicidade é Sinônimo de Produtividade**. Artigo da revista Exame, 8/Jun/1994.

BÍBLIA SAGRADA.

BRAMANTE, Antônio Carlos. **Lazer não é Brincadeira Inútil**. Entrevista à revista Momento Técnico. Serviço Social da Indústria. Janeiro/Março, 1991.

BRUNS, Romeu de. **O Duro Caminho da Flexibilidade**. Daniel Navas Veja. Entrevista à revista Amanhã. Versão para internet. Ed. Nº 155, Jun/2000.

CAILLOIS, Roger. **Os Jogos e os Homens**. Ed. Cotovia, Lisboa, 1990.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é Lazer**. 3ª Ed. Ed. Brasiliense. São Paulo - SP, 1992.

_____. **O Lazer é um Perigo**. Entrevista à revista Veja, páginas amarelas, 30/Jun/1993 a.

_____. **Quando o Lazer se Transforma em Tédio.** Artigo da revista Cultura Vozes Nº 6. Novembro/Dezembro, 1993 b.

_____. **A Teoria do Lúdico e do Lazer.** Apostila (material não publicado). Londrina – PR, 1996.

_____. **Lazer nas Empresas – Tendências de um Novo DRH.** Artigo da revista Esporte e Lazer na Empresa. Serviço Social do Comércio.

CAVALCANTI, Kátia Brandão. **Esporte para Todos – Um Discurso Ideológico.**

DANTAS, Solange Helena Gadelha. **Ensino de Engenharia: O Paradigma Ecológico-Social e a Formação do Engenheiro-Professor.** Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, dez/1990.

DE MASI, Domenico. **A Emoção e a Regra. Os Grupos Criativos na Europa de 1850 a 1950** (organização). 5ª edição. José Olympio Editora, Ed. UNB, Brasília – DF, 1999 a.

_____. **O Futuro do Trabalho. Fadiga e Ócio na Sociedade Pós-industrial.** 2ª edição. José Olympio Editora, Ed. UNB, Rio de Janeiro - RJ, 1999 b.

_____. **Desenvolvimento sem Trabalho.** 2ª edição. Ed. Esfera, São Paulo – SP, 1999 c.

_____. **O Ócio Criativo.** Entrevista à Maria Serena Palieri. 1ª edição. Ed. Sextante, Rio de Janeiro – RJ, 2000 a.

_____. **Ócio Criativo Chega ao Brasil.** Entrevista ao Jornal Gazeta do Povo, caderno 1, p. 11, Curitiba – PR, 3/Mai/2000 b.

_____. **Um Tempo para Criar.** Artigo da revista Amanhã. Versão para a internet. Ed. 155, Jun/2000 c.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e Conteúdos Culturais do Lazer.** Serviço Social do Comércio. São Paulo - SP, 1980.

_____. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. Serviço Social do Comércio. Studio Nobel, São Paulo – SP, 1994.

_____. **Entrevista à Revista E** Serviço Social do Comércio, nº 10, São Paulo – SP, Abr/1996.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. 9ª edição. Papirus editora, Campinas – SP, 1990.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4ª edição. Ed. Perspectiva AS, São Paulo – SP, 1999.

ILLICH, Ivan. **Sociedades sem Escolas**. 8ª edição. Ed. Vozes, Petrópolis – RJ, 1998.

JARREAU, Patrick. **Franceses Preferem Tempo Livre a Aumento de Salário**. Artigo do jornal francês Le Monde. Versão para a internet, 15/Ago/2000.

KURZ, Robert. **Mataram o Lazer**. Entrevista à revista Isto É. Edição nº 1521, 25/Nov/1998.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**. 2ª edição. Ed. Papirus, Campinas – SP, 1995.

MENDES, Maria Luiza. **Por Mais Horas de Folga**. Entrevista com o sociólogo italiano Domenico de Masi. Revista Exame, 24/Mar/1999.

O DIA, Jornal. **FH Quer Jornada de 35 H na Semana**. Versão para internet, 5/Jun/2000.

PINA, Luiz Wilson. **Animação Sociocultural – Conceitos e Interpretações**. Apostila (material não publicado). Londrina – PR, 1996.

POLES, Cristina. **Aprenda a Ficar à Toa**. Entrevista com o sociólogo italiano Domenico de Masi. Revista Cláudia, Ago/1999.

ROBERTS, J. M. **O Livro de Ouro da História da Humanidade: da Pré-História à Idade Contemporânea**. 4ª edição. Ediouro, Rio de Janeiro – RJ, 2001

ROSAMILHA, Nelson. **Psicologia do Jogo e Aprendizagem Infantil**. Ed. Pioneira, São Paulo – SP, 1979.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal**. 2ª edição. Ed. Record, Rio de Janeiro – RJ, 2000.

SILVA, João Bosco da. **Educação Física, Esporte, Lazer: Aprender a Aprender Fazendo**. Lido. Londrina, PR, 1995.

VEJA, Revista. **Banho de Cultura Geral**. Edição 1448, ano 29, nº 24, 12/Jun/1996, p. 55.

ZANUZZI, Fernanda. **Mercado em Chamas**. Artigo da revista Amanhã. Versão para a internet. Edição 155, Jun/2000.

